

LUÍS MIGUEL ROCHA

AUTOR DOS BESTSELLERS A MENTIRA SAGRADA E A FILHA DO PAPA

CURIOSIDADES DO VATICANO



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

LUÍS MIGUEL ROCHA

AUTOR DOS BESTSELLERS A MENTIRA SAGRADA E A FILHA DO PAPA

CURIOSIDADES DO VATICANO



Luís Miguel Rocha

CURIOSIDADES DO

VATICANO

Curiosidades do Vaticano
2016, Luís Miguel Rocha
1.^a edição: Fevereiro de 2016



Luís Miguel

Rocha nasceu na cidade do Porto, em 1976. Foi técnico de imagem, tradutor, editor e guionista, até se dedicar em exclusivo à escrita. Publicou seis títulos: Um País Encantado, O Último Papa, Bala Santa, A Virgem, A Mentira Sagrada e A Filha do Papa. As suas obras estão traduzidas em mais de 30 países. O Último Papa marcou presença no top do *The New York Times* e vendeu meio milhão de exemplares em todo o mundo. Luís Miguel Rocha morreu a 26 de Março de 2015, em Viana do Castelo.

Nota do editor

Luís Miguel Rocha prezava particularmente o contacto com os leitores e raramente recusava um convite para uma apresentação, uma palestra, uma sessão com o público. Respeitava cada opinião, cada comentário e fazia questão de responder a todas as perguntas sobre os seus livros e sobre o que se passava «para lá dos altos muros do Vaticano».

Para satisfazer as muitas solicitações que recebia no contacto com quem o lia, bem como dos seguidores que tinha nas redes sociais, Luís Miguel Rocha decidiu criar, no início de 2012, uma rubrica semanal na sua página de Facebook onde partilhou o conhecimento que detinha sobre o Vaticano.

Era intenção de Luís Miguel Rocha escrever muitos outros textos sobre o tema, partilhar outras curiosidades, mas infelizmente a vida não lhe deu oportunidade.

Por saberem que era vontade de Luís Miguel Rocha um dia publicar todos estes textos em livro, a família e a Porto Editora quiseram respeitar essa intenção, publicando agora *Curiosidades do Vaticano*.

A Colunata da Praça de São Pedro



Praça de São Pedro, Cidade do Vaticano.

Quem visita a Praça de São Pedro, na Cidade do Vaticano, por vezes não repara em determinados pormenores, absolutamente deliciosos. Nenhuma imagem fará justiça ao tamanho monumental de tudo aquilo. Se ainda não visitou a praça sugiro um exercício fácil: quando vir uma imagem na televisão ou uma fotografia da Basílica de São Pedro, tente reparar no tamanho das pessoas.

Mas é a praça e a Colunata que quero destacar. A magnífica obra de Gian Lorenzo Bernini não é só um prodígio da arquitetura e da engenharia. É também uma obra matemática. O abraço que a Colunata nos dá é sentido. Não podia deixar de o ser. Quatro fileiras de gigantescas colunas dóricas abrem dois corredores para peregrinos, nas pontas, e um para veículos, no meio. Veículos da época de Bernini, evidentemente, do Século XVII. Estamos, portanto, a falar de carroças, charretes, coches, etc. Estas colunas são encimadas por uma placa com cerca de setenta estátuas em cada colunata.

Se vai ou está a pensar ir a Roma e à Praça de São Pedro, não deixe de procurar dois discos no chão da praça que têm gravado: *Centro della Colonnata*. É fácil encontrá-los. Dirija-se ao Obelisco do Vaticano, que está no centro da praça, também conhecido como Obelisco Egípcio ou Obelisco de Calígula, e daí, de um lado ou de outro, é indiferente, siga em direção a uma das fontes, à procura dos discos no chão. Quando os encontrar, posicione-se em cima deles e olhe para a Colunata. Só nesses dois pontos da praça é que as quatro fileiras de colunas se transformam numa única, dando a ilusão de que

só há colunas à frente. Dê um passo para o lado e verá todas as outras colunas a aparecerem por detrás das colunas da frente. Ao voltar ao disco, elas voltam a desaparecer. Magia.

Proibição de entrar no Vaticano



Guarda Suíça numa das portas do Vaticano.

Perguntam-me muitas vezes se ainda não me proibiram de entrar no Vaticano.

Só há um registo de que isso tenha acontecido a alguém.

Quando Pio XII morreu, em 1958, alguém tentou vender à imprensa um filme com os seus últimos momentos de vida. Os agentes da Santa Aliança (meninas, o Rafael ainda não era nascido) foram incumbidos de encontrar o autor dessa gravação, custasse o que custasse. Descobriram que o autor das imagens era o próprio médico do Papa, o doutor Galeazzi-Lisi. Este médico era um oftalmologista em quem Pio XII confiava cegamente para tratar todas as suas maleitas, nenhuma delas relacionada com os olhos.

Galeazzi-Lisi foi expulso da Ordem dos Médicos italiana, e o Papa João XXIII proibiu-o de voltar a pisar o Estado Cidade do Vaticano, proibição extensível a todos os seus familiares e descendentes. Essa proibição ainda está em vigor. Quanto ao filme, uns dizem que foi destruído, outros dizem que está nos Arquivos.

Resignações e rejeições da eleição para Papa



Papa Pio XII.

É sabido que algumas resignações papais ficaram na história. A maioria é difícil de comprovar devido à desorganização dos registos históricos e porque, muitas vezes, não existem quaisquer registos.

Diz-se que o primeiro a resignar foi Clemente I, nos finais do Século I, mas não há provas. Já no caso de São Ponciano, no Século III, não há dúvida. Teve o azar de o Imperador romano Maximino Trácio não gostar de cristãos. Fê-lo quando estava preso no exílio, para permitir a eleição de um sucessor. Marcelino e Silvério também foram obrigados a abdicar do trono pontifício. Bento IX teve o papado mais conturbado de que há memória. Não admira, pois, que haja quem diga que foi eleito Papa pela primeira vez aos 20 anos, e que outros autores defendam que foi aos 12. Foi Papa por três vezes. A primeira terminou com a expulsão, na segunda vendeu o cargo ao padrinho, numa noite de bebedeira. Arrependeu-se e recuperou o papado, mas, à terceira, acabou expulso pelas tropas germânicas de Henrique III.

Diz-se que São Celestino V foi o primeiro Papa a abdicar voluntariamente e a legislar sobre isso, mas esquecem-se que João XVIII o fez quase trezentos anos antes, em 1009. Quanto a São Celestino, o seu sucessor, Bonifácio VIII, apesar da saída voluntária

do seu predecessor, mandou prendê-lo, e um buraco no crânio revela que não terá morrido de morte natural. Provavelmente, Bonifácio não governava lá muito descansado.

Considera-se que Gregório XII foi o último Papa a resignar, em 1415.

Mas e quanto a cardeais eleitos em Conclave que não tenham aceitado a eleição? Será que isso alguma vez aconteceu? Sucederam a Pedro duzentos e sessenta e quatro papas e, em toda a história da Igreja, só há registo de que isso tenha ocorrido em duas ocasiões, e ambas no Século XX. Não quer isto dizer que não possa ter acontecido antes e se tenha perdido nas areias do tempo.

A primeira recusa ocorreu no Conclave de 1922. A escolha recaiu sobre o cardeal titular de Santa Maria della Scala, Camillo Laurenti, que a rejeitou liminarmente e pediu para não ser incluído nas votações subsequentes. A segunda opção do Conclave foi o cardeal-arcebispo de Milão, Achille Ratti, que escolheu o nome de Pio XI e nomeou Camillo Laurenti para Prefeito da Congregação dos Ritos, que foi dissolvida em 1969.

A segunda recusa aconteceu no Conclave seguinte, em Março de 1939, que, assim como o de 2005, foi um dos mais rápidos da história. No entanto, ao contrário do de 1922, este teve um desfecho bem diferente. Aliás, o Conclave de 1939 foi peculiar em muitos aspectos. Mencionei apenas um: foi o primeiro Conclave da história que contou com a presença de uma mulher.

Havia sessenta e dois cardeais eleitores e a maioria de dois terços aconteceu à segunda votação. A eleição recaiu no Secretário de Estado do Vaticano, o cardeal Eugénio Pacelli. Ele requereu que fizessem outra votação e que escolhessem outra pessoa, e abandonou a Capela Sistina. Foi encontrado no Pátio de São Dâmaso a tremer e a chorar. Disse que não estava preparado e não era digno desse cargo. Foi-lhe dito que não lhe competia decidir isso e pediram-lhe que regressasse à Capela Sistina. Os cardeais já tinham realizado a terceira votação. O resultado tinha sido a unanimidade. O nome do eleito: Eugénio Pacelli. Já recomposto, aceitou o fardo e escolheu o nome de Pio XII. Outra curiosidade: isto aconteceu no dia 2 de Março, o dia do seu aniversário.

Sisto V, o Papa implacável que transformou Roma



Papa Sisto V.

O trono pontifício, ao contrário daquilo que se possa pensar, é o mais democrático de todos, pois, desde o início, acederam ao lugar pessoas de todas as classes, com as mais variadas profissões, antecedentes e cadastros. De psicopatas a gênios, de assassinos a santos, de banqueiros a monges, todos puderam sentar-se no trono de São Pedro.

Felice Peretti era um pobre guardador de porcos de Grottamare, no centro de Itália, na região das Marcas. Passou muitas privações, fome, sofrimentos. Era austero e bruto, aprendeu a ler sozinho e ingressou na ordem franciscana, onde se tornou um pregador fervoroso que rapidamente ganhou fama. Até Inácio de Loiola, o fundador da Companhia de Jesus, se rendeu a este jovem impulsivo e ambicioso.

Foi nomeado inquisidor-mor em Veneza. O seu rigor implacável e a sua incorruptibilidade fizeram com que da *Sereníssima* chovessem rogos ao Papa, em Roma, para que o chamasse, tal era a vontade de se livrarem dele.

Veneza livrou-se de Peretti, mas Roma ganhou um Papa implacável, em 1585, que adotou o nome de Sisto V. O seu pontificado foi curto, durou apenas cinco anos, mas é caso para dizer que foram cinco anos muito intensos... Foram cinco anos que mudaram Roma.

Começou por atacar o crime. Larápios, malfeitores, prostitutas, tudo era considerado como delito grave, e a ponte de Sant'Ângelo tornou-se pequena para tantas estacas com cabeças. Sabia que nenhum romano havia de lhe erigir uma estátua, por isso ele mesmo

tratou disso (não chegou aos nossos dias, foi destruída pelos habitantes de Roma mal tiveram oportunidade).

Depois, virou-se para a arquitetura. A ele se deve a cidade moderna e cosmopolita que hoje conhecemos. Traçou avenidas, rasgou colinas, alargou a cidade e melhorou os acessos. Foi no tempo dele que se mudou o Obelisco do Vaticano para o local onde atualmente está. Não esqueçamos que Felice Peretti foi Papa apenas durante cinco anos. E depois de reduzir o crime, sanear as contas, recriar uma cidade inteira... virou-se para a cúpula de São Pedro.

Em Junho de 1588, o arquitecto da Basílica de São Pedro, Giacomo Della Porta, foi chamado à presença do Papa na Basílica de São Paulo Extramuros. O arquitecto não tinha boas relações com Sisto V. Poucas pessoas tinham com um Papa como aquele, tão rigoroso, ambicioso e com uma vontade tão férrea de fazer acontecer o mundo. Sisto era um homem difícil.

O Papa não gostava que a cúpula estivesse por concluir. Desde a morte de Miguel Ângelo, em 1564, que não havia progressos. Della Porta era arquitecto da basílica desde 1574 e, sem dúvida, o que mais progressos havia feito em todo o edifício, excepto na maldita cúpula.

No chão sagrado da basílica, o arquitecto estendeu um desenho da cúpula, mas Sisto nem quis ver. Fez apenas uma pergunta:

“Quanto tempo demora a concluir a cúpula?”

Della Porta matutou na resposta.

“Se Deus ajudar, a correr bem e sem complicações, uns dez anos.”

O Papa ficou em silêncio durante algum tempo e depois ditou-lhe o prazo.

“Tens trinta meses.”

Della Porta não reagiu. Ficou boquiaberto com o prazo ridículo. Miguel Ângelo levava dezassete anos a construir o tambor, a base da cúpula. A basílica já levava oitenta e dois anos de construção, diversos arquitectos, inúmeros papas, e Sisto pedia-lhe que construísse a cúpula em trinta meses. Só podia estar a brincar. Mas não estava.

Naquele tempo, uma cúpula não era algo que pululasse nos tectos das igrejas de Roma. Della Porta pediu para analisar os cálculos e as técnicas usadas na cúpula da Catedral de Florença, executada por Filippo Brunelleschi, mas que era mais pequena. Era a única do género que se conhecia e só levava dezasseis anos a construir.

O trabalho de Della Porta consistiu em inovar e inventar. Nunca ninguém tinha tentado algo do género. Nem se sabia se seria

possível. Trabalhou-se dia e noite, sete dias por semana. Só havia uma hora de intervalo semanal, para a missa dominical. A cúpula começou a crescer a olhos vistos, de dia para dia.

Dos trinta meses que Sisto V dera a Della Porta e aos seus homens foram usados apenas vinte e dois. Em Maio de 1590, foi colocada a última pedra na maior cúpula alguma vez construída pelo homem.

Três meses depois, em Agosto, Roma via morrer um dos papas mais empreendedores e voluntariosos da sua história, com uma vontade férrea e inabalável, o guardador de porcos capaz de tornar possível o impossível. Morreu com a sua cúpula concluída.

Hoje, se visitarem o interior da Basílica de São Pedro e olharem para cima, para a cúpula, podem admirar o trabalho de Giacomo Della Porta e ver uma inscrição gravada no óculo do zimbório. ***S. PETRI GLORIAE SIXTUS PP. V.A. MDXC PONTIF. V.*** (Para a Glória de São Pedro, Papa Sisto V no ano de 1590, o quinto do seu pontificado).

O Obelisco do Vaticano



O Obelisco do Vaticano, na Praça de São Pedro.

No lugar onde hoje vemos e admiramos a Basílica de Júlio, mais conhecida como Basílica de São Pedro, esteve, durante mais de mil anos, uma outra, a de Constantino. Era muito mais pequena e, na altura, os habitantes de Roma não gostaram nada de saber que iam demolir o mais sagrado monumento da Cristandade. Devem ter sentido o choque e a indignação que, decerto, sentiríamos se decidissem demolir a Basílica de São Pedro para construir outra no seu lugar.

O projeto foi idealizado por Nicolau V, ainda no Século XV, um Palatino Imperial que mostrasse ao mundo o poder pontifício, não apenas a nível religioso. O projeto do Papa Nicolau V já previa que o Obelisco Egípcio fosse deslocado para o centro da praça, onde hoje repousa, em vez de estar na parte sul da basílica, a quatrocentos metros do local atual, mas no seu tempo nunca saiu do papel.

Este obelisco foi levado para Roma por ordem do Imperador Calígula, no Século I, e, segundo os registos de Plínio, o Velho, foram necessários vinte mil escravos para içá-lo e colocá-lo no circo imperial, onde permaneceu durante mil e quinhentos anos.

Foi o Papa Júlio II quem tornou a pegar no projeto de Nicolau V e, em Abril de 1506, colocou a primeira pedra naquele que foi o maior empreendimento desde a Antiguidade. Durante muitos anos, Júlio e os seus sucessores depararam-se com um problema insolúvel. A deslocação do obelisco. Bramante, o primeiro arquitecto da basílica,

sugeriu que, em vez de se alinhar o obelisco com a basílica nova, talvez fosse melhor alinhar a basílica com o obelisco. Miguel Ângelo afirmou tratar-se de uma obra impossível, os irmãos Sangallo adiaram a empresa o mais possível. Os pontífices sucederam-se, os arquitetos também, todos tentaram passar o projeto ao que viesse a seguir, até que se depararam com o Papa capaz de tornar possível o impossível... Sisto V.

Assim que chegou ao trono de Pedro, em 1585, lançou um concurso para a transferência do obelisco. Foram recebidas mais de quatrocentas propostas, de toda a Europa, apresentadas por peritos, arquitetos, engenheiros, entendidos e outros que não faziam ideia daquilo em que se estavam a meter. O vencedor foi Domenico Fontana, de uma prestigiada família de construtores, que em vez de desenhar o projeto, construiu uma maquete demonstrativa. A confiança de Fontana era de tal ordem que se ofereceu para custear o projeto. Sisto nem pensou duas vezes. Ordenou que arrancasse com a obra o quanto antes.

Domenico Fontana levou sete meses a preparar tudo. Tentou não deixar nada ao acaso. Mandou construir uma barca com vinte e cinco metros, o tamanho do obelisco, com pesadas rodas para sustentar as trezentas e vinte toneladas do monólito que em mil e quinhentos anos sobrevivera a invasões, guerras, saques... Mandou fazer centenas de quilômetros de cabo e demoliu alguns edifícios que se interpunham entre os quatrocentos metros que distavam entre o local original do monumento na praça e a nova localização. Terraplanou todo o trajeto para assegurar uma transição calma. Construíram uma torre de madeira de carvalho ao lado do obelisco, fortalecida com quinze toneladas de ferro. Uma espécie de guindaste robusto, com dezenas de roldanas e centenas de metros de cabo. Envolveram o obelisco em palha e entaiparam-no com tábuas de madeira. Depois, passaram-lhe as centenas de metros de cabos, segundo as orientações de Domenico Fontana.

Na manhã de 30 de Abril de 1586, milhares de romanos acorreram ao local para assistir à megalômana operação. Espalhavam-se pelas casas, colinas, telhados, becos, onde quer que fosse possível. Sisto V decretou que se fizesse silêncio absoluto durante a operação e a pena para quem não o cumprisse era a morte. Havia mesmo uma força instalada ao lado, no enorme guindaste, para servir de advertência aos mais incautos.

Os trabalhos começaram. Novecentos e dez homens e cento e quarenta e cinco cavalos estavam dispostos no terreno e, pouco depois, o obelisco já estava desagregado da base e balançava no ar. O esforço dos homens e dos cavalos estava a corresponder, até que os cabos começaram a ceder. No meio do tétrico silêncio, cuja quebra

era punível com pena de morte, um marinheiro da Ligúria, chamado Domenico Bresca, gritou: *Acqua alle funi!* (Molhem os cabos!). O outro Doménico, de apelido Fontana, o responsável por toda a operação, seguiu a sugestão e os cabos aguentaram. Ao fim do dia, o obelisco foi deitado sobre a barca, sem qualquer arranhão.

Foi deslocado para a praça nos dias seguintes, sem qualquer percalço, e depois ficou lá deitado, em cima da barca, durante quatro meses, à espera que o calor inclemente do Verão passasse. A grande torre de madeira de carvalho foi desmontada e remontada na praça.

No dia 10 de Setembro, o obelisco foi erguido na Praça de São Pedro. Montaram-se bancadas em redor para acolher os milhares de romanos que não quiseram perder aquele momento histórico. Foi um verdadeiro espetáculo que teve toques de sino, coros de igreja e bênçãos papais. No final do dia, o obelisco estava no local onde ainda hoje perdura. Sisto V concluía o impossível.

Domenico Fontana foi agraciado com o título de *Cavaliere della Guglia* (Cavaleiro do Obelisco). O Papa Sisto ignorava que o construtor tinha deixado um cavalo pronto para partir à sua espera, junto à Porta Leonina, se a coisa desse para o torto. É que, se acontecesse alguma coisa ao obelisco, se partisse, lascasse ou sofresse qualquer outro arranhão, a pena era a morte.

Quanto ao outro Domenico, o Bresca, o Ligúrio, natural da cidade de Bordighera, que gritou *Molhem os cabos!*, também não foi esquecido. Num gesto de gratidão, Sisto concedeu à cidade de Bordighera o privilégio perpétuo de fornecer os ramos da Páscoa para a Basílica de São Pedro. Ainda hoje, é desta cidade que provêm os ramos que abastecem o Vaticano por ocasião das celebrações pascais.

Non fare il Portoghese



*Hanno, o elefante oferecido
por D. Manuel I ao Papa Leão X; por Rafael.*

Em Itália, há uma expressão que reza assim: *Non fare il Portoghese* (Não faças de português). É uma deturpação de uma história antiga que hoje tem a conotação pejorativa de chico-esperto e mau pagador. Uma espécie de: *Paga o que deves*. A origem dessa deturpação tem dois “culpados” que, coitados, jamais conheceriam o resultado das suas ações. Os defeitos e os vícios dos homens tratam de conspurcar até as intenções mais nobres.

Os protagonistas desta história foram El-Rei Dom Manuel I, pela Graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, d'Aquém e de Além-Mar em África. Senhor do comércio e da Navegação da Arábia, Pérsia e Índia, e o Papa Leão X.

Em 1513, Dom Manuel I enviou a histórica e muito bem documentada Embaixada ao Papa Leão X, com o objectivo de mostrar a obediência do monarca português à Santa Sé e, ao mesmo tempo, impressioná-la. E conseguiu. Mais de cem pessoas compunham o séquito de representantes de El-Rei, chefiado por Tristão da Cunha, assessorado por Diogo de Pacheco e Diogo de Faria e secretariado por Garcia de Resende.

A 12 de Março de 1514 desfilaram pelas ruas de Roma riquezas nunca vistas que despertaram a atenção da população e foram lembradas durante muitos anos. Era uma embaixada faustosa, com todos os participantes luxuosamente trajados. Levavam ao Papa, que os recebeu no dia 20 de Março no Castelo de Sant'Ângelo, pedrarias, tecidos, joias, moedas de ouro, dois leopardos, um jaguar, papagaios, cavalos persas e *Hanno*, a grande estrela, um elefante albino que sabia fazer habilidades e se tornou mesmo na mascote de Leão X. O enorme paquiderme ajoelhou-se três vezes perante o Papa,

em sinal de reverência, e depois cuspiu água sobre os cardeais, para grande divertimento do pontífice.

Este elefante que morreu, na presença de Leão X, dois anos depois, foi sepultado por ordem do Papa no Pátio Belvedere, no Palácio Apostólico. O próprio pontífice escreveu o seu epitáfio.

A embaixada de El-Rei Dom Manuel impressionou de tal maneira os romanos e o Papa que este decretou uma lei que isentava os portugueses do pagamento em hospedarias, restaurantes, teatros, entre outras benesses dali em diante gratuitas. O português não era “mau pagador”, mas antes “não pagador”. “Não pagador” por decreto papal, um privilégio concedido apenas aos portugueses.

Ora, Leão X, o Papa *bon vivant*, tão grato e tão benemérito para conosco, esqueceu-se que estava entre latinos. Obviamente que os italianos começaram a fazer- -se passar por portugueses (*Fare il Portoghese*), para obterem os descontos. A partir daí, nasceu uma outra expressão que repreendia quem não pagava as suas contas: *Non fare il Portoghese* (Não faça de português), porque era sabido que os portugueses beneficiavam da gratuidade do decreto papal.

E assim, um privilégio tornou-se em algo pejorativo ao longo dos tempos.

Se alguma vez ouvirem um italiano dizer *non fare il Portoghese*, contem-lhe esta história e deem-lhe um cascudo, não necessariamente por esta ordem.

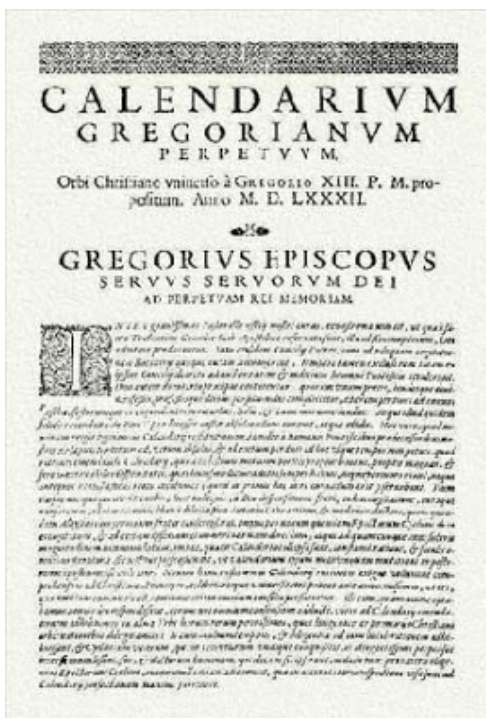
A alcunha do Papa João Paulo II



Cerimónias fúnebres de Karol Wojtyła, o Papa João Paulo II.

A 2 de Abril de 2012 assinalou-se o sétimo aniversário da morte do Papa João Paulo II. As suas últimas palavras antes de entrar em coma foram: *Deixem-me partir para a casa do Pai*. Como todos os homens e mulheres, o Papa também tinha amigos e um nome carinhoso pelo qual era tratado. A alcunha utilizada pelos familiares e amigos mais chegados quando se dirigiam a Karol Wojtyła era Lolek.

O calendário gregoriano



Primeira página da Bula Papal Inter Gravissimas de Gregório XIII.

Desde sempre que o Homem quis rotular e medir tudo o que existe, até o tempo. Porém, nunca foi pacífico fazê-lo, porque o ano solar é caprichoso e não se pode medir em dias exatos, capazes de serem perfeitamente incorporados num calendário. Um ano solar tem exatamente 365 dias, 5 horas, 48 minutos e 46 segundos.

Os romanos foram os que mais influenciaram a medida do tempo no ocidente, impondo os seus calendários. Os primeiros datam dos tempos da fundação de Roma e eram lunares. Tinham dez meses, com trinta e trinta e um dias, o que perfazia trezentos e quatro dias no total, e começavam no equinócio da Primavera. Os restantes sessenta e um dias que faltavam faziam parte do Inverno e, por isso, não eram contabilizados. Os meses estavam divididos em *Kalendae* (Calendas, primeiro dia do mês, é daqui que vem a palavra calendário), *Nonae* (Nonos, quinto ou sétimo dia) e *Idus* (Idos, décimo terceiro ou décimo quinto dia), e os dias no intermeio eram contabilizados como os dias que faltavam para as Calendas, ou para os Nonos, ou para os Idos. Os romanos não contabilizavam os anos,

mas baptizavam-nos com o nome do cônsul que fosse eleito no início de cada um (havia eleições anuais para os cargos públicos, excepto para os censores, que eram eleitos por cinco anos).

Depois desse primeiro Calendário de Rômulo, o famoso Calendário Romano, procederam-se a algumas alterações durante a monarquia e a república romana, mas a reforma de Júlio César, no ano 46 a.C., ao introduzir o Calendário Juliano, foi a primeira digna desse nome no ocidente e, para a época, com uma precisão assinalável. O calendário passou a ser fixo e deixou de se basear na Lua.

Segundo Plínio, o Velho, o astrónomo consultado para a elaboração desse calendário foi Sosígenes de Alexandria. Este astrónomo concluiu que o ano solar tinha 365 dias e 6 horas. Descartou as 6 horas e dividiu o ano em 365 dias. Para corrigir as 6 horas em falta introduziu um dia extra, a cada quatro anos (isto faz lembrar alguma coisa, não?). Dividiu o ano em doze meses, acrescentando Janeiro, com trinta e um dias, e Fevereiro, com vinte e nove, ao final do ano (o ano começava em Março). O dia extra, a cada quatro anos, era contabilizado no dia 24 de Fevereiro (contabilizavam-no duas vezes), o sexto antes das Calendas de Março. Portanto, tinham o *Die Sextum Kalendas Martias* (sexto dia antes das Calendas de Março) e o *Bis Sextum...* (o segundo sexto dia antes das Calendas de Março), daí o nome de bissexto aos anos com mais um dia.

Apesar da precisão assinalável, o problema do Calendário Juliano era justamente os dias extra, a cada quatro anos. Não faria qualquer diferença se o ano tivesse 365 dias e 6 horas, o que perfaria exactamente 24 horas, um dia, colmatado no calendário. Mas o ano solar tinha menos 11 minutos e 14 segundos, os tais 365 dias, 5 horas, 48 minutos e 46 segundos. Significava isto que o Calendário Juliano, por causa dos anos bissextos, era, na realidade, maior do que o ano solar.

Poderão pensar: que diferença faria 11 minutos e 14 segundos? Coisa pouca. Um dia a cada 128 anos. O que significa que ao tempo do Papa Gregório XIII, sumo pontífice entre 1572 e 1585, já havia dez dias a mais. O dia mais curto era o 11 de Dezembro e o mais longo o 11 de Junho. Quem mais, a não ser um Papa, podia resolver este problema?

Havia outro objectivo. O de devolver o equinócio da Primavera à sua data correcta, 21 de Março. Gregório XIII encorajou estudos astronómicos e mandou mesmo construir uma sala especial para levar a cabo este trabalho.

O problema não era novo. Já fora detectado no período medieval. Porém, levantavam-se dois obstáculos: determinar com precisão a quantidade de dias a mais do Calendário Juliano (fácil de

resolver) e arranjar uma forma prática de resolver essa situação (muito difícil). Os homens que resolveram este problema foram Christopher Clavius, Aloisius Lilius e Chaconius, matemáticos, astrônomos, filósofos, que se debruçaram profundamente sobre o tema. Foram eles que apresentaram a solução ao Papa. A primeira parte da solução proposta consistia na eliminação dos dez dias a mais. A segunda, evitar que no futuro se voltassem a acumular.

A bula *Inter Gravissimas*, publicada no dia 24 de Fevereiro de 1582, veio mudar o calendário do mundo como então se conhecia. E a primeira parte da solução aconteceu logo nesse mesmo ano, quando o calendário entrou em vigor. Tudo se passou numa quinta-feira, dia 4 de Outubro de 1582. O dia seguinte foi uma sexta-feira normal, como tantas outras que se haviam passado. Mas a exceção foi que em vez de ser dia 5, era 15 de Outubro. E dez dias haviam sido eliminados de um dia para o outro, literalmente.

Quanto à segunda parte da solução, essa é uma obra matemática. Ao contrário do que possamos pensar não é ano bissexto a cada quatro anos... Ou melhor é, mas nem sempre. São bissextos todos os anos múltiplos de 4 e não múltiplos de 100, a não ser que sejam múltiplos de 400. Confusos? Eu também. Trocando por miúdos, 2000 foi bissexto, mas 1900 não. 2100 também não será bissexto, nem 2200, nem 2300, só 2400. Isto significa que os dias não se acumulam muito ao longo dos Séculos, pois este calendário excede o ano solar em apenas 26 segundos. Só daqui a 35 Séculos é que resultará num dia extra, se ainda estiver em vigor nessa altura.

Este calendário foi adotado por Portugal, sempre bom aluno, Espanha, França, Holanda e Polónia ao mesmo tempo que em Roma, e demorou cerca de quatro Séculos a espalhar-se por todo o mundo. Nos países não-católicos foi mais difícil implementá-lo. São famosas as palavras de Johannes Kepler, o astrónomo alemão: "É preferível estar em desacordo com as estrelas, do que de acordo com o Papa." A Grã-Bretanha também só o adotou no Século XVIII. Os últimos foram a Turquia, em 1926, e a China, em 1949.

O Papa Gregório XIII é também aquele que dá o nome à prestigiada Pontifícia Universidade Gregoriana.

A linha de caminho-de-ferro mais pequena do mundo



Caminho-de-ferro do Vaticano.

O Tratado de Latrão, assinado no dia 11 de Fevereiro de 1929, pelo Estado Cidade do Vaticano e o Reino de Itália, colocou um ponto final na célebre “Questão Romana”. A unificação de Itália foi conquistando territórios ao Estado Pontifício e terminou, inevitavelmente, com a anexação de Roma e do Lácio, em 1870, pelo rei Vittorio Emanuele.

O Papa da época, Pio IX, não aceitou qualquer negociação com o monarca, que previa conceder-lhe o título de Chefe de Estado do Vaticano. Preferiu considerar-se um prisioneiro, excomungou o rei e proibiu os católicos de participarem na vida política do novo reino, o que incluía não votar. Nunca mais voltou a sair do Vaticano e autoexilou- -se na sua pequena “cidade”. Assim fizeram também os seus quatro sucessores, Leão XIII, Pio X, Bento XV e Pio XI. Foi durante o pontificado deste último que a indefinição sobre o estatuto da Santa Sé terminou, com a assinatura do tratado.

Em linhas muito gerais, o Tratado de Latrão previa o reconhecimento do Estado Cidade do Vaticano pelo Reino de Itália, assim como o reconhecimento do Reino de Itália pelo Estado Cidade do Vaticano. A religião do Reino de Itália passaria a ser o Catolicismo e o Estado Cidade do Vaticano seria ressarcido da perda de territórios. Uma indemnização que atingiu dezenas de milhões de liras e veio salvar, literalmente, a Santa Sé da bancarrota. Previa ainda outra coisa, no seu artigo número 6, a construção de uma linha de caminho-de-ferro no interior do Estado Cidade do Vaticano, com ligação à linha ferroviária italiana, e uma estação, integralmente pagas pelo Reino de Itália.

O acordo foi assinado na Basílica de Latrão pelo Secretário de

Estado, Pietro Gasparri, em nome do Estado Cidade do Vaticano, e por Benito Mussolini, em nome do Reino de Itália. As obras começaram a 3 de Abril de 1929, menos de dois meses depois da assinatura do tratado.

A linha liga a Estação do Vaticano (Linha Vaticana) à Estação de Roma-São Pedro (Linha Italiana), não é electrificada e tem uma extensão de mil duzentos e setenta metros, mas o comprimento no interior das muralhas leoninas, ou seja dentro do Estado Cidade do Vaticano, não chega aos trezentos metros. São duas linhas, na realidade, mas apenas uma tem plataforma de serviço. Tiveram de fazer uma abertura na muralha leonina com cerca de dezasseis metros, com as armas de Pio XI no topo, e colocar uma pesada porta deslizante. A abertura e fecho da porta faz-se com recurso a motores eléctricos ou manivelas e leva muitos minutos. Muitos mais do que leva o comboio a atravessar a fronteira. Esta porta está fechada quando não está previsto qualquer serviço.

A linha do Vaticano e a sua estação foram inauguradas em Outubro de 1934 e servem, essencialmente, para importar mercadorias.

A estação assemelha-se a uma dependência bancária, mas Pio XI não se coíbiu de considerá-la como a mais bela do mundo. Hoje, uma parte funciona como uma espécie de alfândega e outra como museu de numismática. A estação e a ferrovia ficam perto do Palácio do Governo, dos Jardins do Vaticano e da Casa de Santa Marta.

Para além desse serviço de importação de mercadorias, foi usada algumas vezes de forma simbólica, mas, curiosamente, o Vaticano nunca possuiu um comboio nem empregados ferroviários.

É uma linha que raramente transportou passageiros. João XXIII foi o primeiro a usá-la, em 1959, numa visita a Loreto e Assis. Antes disso, no mesmo ano, foi também da Estação do Vaticano que partiu uma carruagem com os restos mortais de Pio X com destino a Veneza. João Paulo II usou-a poucas vezes, mas nunca para sair de Roma. A última vez que foi usada como serviço de passageiros foi em Outubro de 2011, para transportar o Papa Bento XVI numa peregrinação a Assis. É uma linha que não tem horários definidos para serviços de passageiros nem mercadorias. Nunca se sabe quando o *brinquedo* voltará a ser usado para transportar o Papa.

Leão X, o Papa *bon vivant*



Retrato do Papa Leão X, por Rafael.

O príncipe-cardeal florentino Giovanni de Médici, filho de Lourenço, o Magnífico, foi eleito Sumo Pontífice em Março de 1513. Sucedeu a César Cristão, o *pontefice terribile*, Giuliano Della Rovere, conhecido como Júlio II, e que, durante dez anos, geriu os Estados Pontifícios com mão de ferro. A Júlio II devemos a Basílica de São Pedro e também o facto de ainda haver Igreja. Antes dele, o Papa Bórgia, Alexandre VI, hipotecara o futuro desta. Júlio II herdou, em 1503, uma Igreja financeiramente falida. Quando faleceu, os cofres do Vaticano estavam cheios.

Desde cedo que Giovanni de Médici estava destinado a pertencer ao clero. Aos oito anos já era padre, aos onze abade de um mosteiro beneditino, e aos treze cardeal. Não tinha a figura imponente do seu pai. Foi uma criança bonita, mas tornou-se num homem anafado.

Quando foi eleito tomou o nome de Leão X, e logo se percebeu qual seria o tom do pontificado. Numa carta que escreveu ao seu primo Giulio (mais tarde, Clemente VII), disse: "Já que nos concederam o papado, vamos desfrutar." E assim foi. No dia da sua coroação, Roma assistiu à maior festa alguma vez vista desde os tempos do Imperador Nero. Até Da Vinci compareceu.

O Papa Médici adorava entretenimento. Possuía também uma coleção de animais exóticos que incluía camaleões, leões, papagaios

e, o preferido de todos, o elefante albino *Hanno*, um presente do seu grande aliado, El-Rei Dom Manuel I.

A historiografia moderna é mais benévola com Leão X do que os seus contemporâneos. No início do século XX, passou de *bon vivant* promíscuo para um Papa generoso, ingênuo, a favor da paz. Tendo a concordar com esta visão dos historiadores atuais. Era um homem que fora habituado ao luxo, era um estudioso, um humanista, sensível às artes e amante das festas e da boa vida, com gostos dispendiosos. Cultivava interesses nas áreas da poesia, música, teatro, pintura e escultura. Preferia o "circo", a opulência e o ócio à calma e à poupança.

Com Leão X, a construção da Basílica de São Pedro avançou. O primeiro *capomaestro*, arquitecto principal da basílica, Bramante, faleceu em 1514 e ele nomeou o prestigiado Rafael para o seu lugar. Ao nível político, Leão X manifestava astúcia e ingenuidade, simultaneamente. Numa medida sem precedentes, num só dia, em 1517, nomeou trinta e um cardeais para equilibrar o Colégio Cardinalício. No entanto, é também a ele que se deve a escandalosa venda de indulgências, e foi durante o seu pontificado que Martinho Lutero afixou as suas noventa e cinco teses na Catedral de Wittenberg, quase totalmente ignoradas por Leão X. Aliás, a Reforma Protestante beneficiou muito com um Papa benemérito e tão sensível às artes e às festas, sem tempo, nem interesse, para intervir nessa questão que assolava e se espalhava pelo Norte da Europa.

Teve algumas quezílias com reinos e impérios europeus e com as cidades-estado que o rodeavam, mas sempre as conseguiu conter de forma diplomática; manifestando o seu apego à paz.

O grande banqueiro de Leão X chamava-se Agostino Chigi o era o homem mais rico da Europa, no seu tempo. Ficou famoso um jantar que deu ao Sumo Pontífice na sua casa na Via della Lungara, de nome Villa Farnesina. Os talheres e os pratos eram de ouro e quando terminaram de comer, os criados lançaram-nos para o rio Tibre. O Papa e os restantes convidados ficaram boquiabertos. Chigi explicou: "Um Papa deve sempre comer em pratos novos e assim os criados não perdem tempo a lavá-los." Leão X adorou a ideia. Mas o Papa ignorava que, de madrugada, os empregados de Chigi iam puxar umas redes que haviam previamente instalado no rio e para onde tinham lançado os pratos. Um banqueiro nunca deitava nada fora. Consequia de Chigi grandes empréstimos. As tiaras papais e as joias pontifícias ficavam à guarda de Chigi como garantia desses empréstimos.

Alguns historiadores modernos defendem que Leão X era homossexual. Contudo, não há provas de que tal fosse verdade. Francesco Guicciardini, "historiador" da época e muito crítico deste

Papa, não tinha imparcialidade suficiente para ser considerado sobre esta matéria.

Leão X faleceu em Dezembro de 1521, vítima de malária. Foi tão repentino que não foi possível administrar a extrema-unção. Os cofres do Vaticano estavam completamente vazios, mas os romanos nunca se tinham divertido tanto como nos anos de Leão. Aquele que se lhe seguiu, Adriano VI, nascido em Utrecht, foi tão rígido com as contas e tão severo fiscalmente que os que não morreram de fome, simplesmente abandonaram os Estados Pontifícios. Quando Adriano VI faleceu fizeram--se grandes festas por todo o Estado para celebrar a sua morte e tornaram a escolher outro Médici para o lugar de Pedro, Clemente VII. O trauma com Adriano VI foi tal que só voltaram a eleger um Papa estrangeiro em 1578.

Deveres e poderes do Santo Padre



Concílio Vaticano II.

O ofício de Pedro tem muitos deveres e poderes. Assim que o eleito toma posse é imediatamente chamado a cumprir muitos deles. O primeiro é responder a duas perguntas. *Acceptasne electionem de te canonice factam in Summum Pontificem?* (Aceita a sua eleição canônica como Sumo Pontífice?) Em caso negativo, prossegue a votação. Em caso afirmativo, segue-se a segunda pergunta. *Quo nomine vis vocari?* (Que nome deseja escolher?)

O Papa não é obrigado a escolher um nome diferente do seu. Nenhuma lei o diz. Fazem-no apenas por tradição. O primeiro Papa a fazê-lo foi João II, no ano 533, cujo nome de batismo era Mercúrio.

Até ao Papa Sérgio IV, em 1009, poucos mudaram o nome. A partir de Sérgio tornou-se tradição, e todos começaram a fazê-lo, excepto Adriano VI, em 1522, e Marcelo II, em 1555.

O Sumo Pontífice eleito perde a ligação ao seu país de origem e torna-se cidadão do Vaticano (se ainda não o era até à data). São emitidos documentos que certificam essa nacionalidade e a total imunidade diplomática, irrevogável.

É-lhe nomeado um confessor privado, jesuíta, que o confessa todas as sextas- -feiras. Pode, se o desejar, escolher outro confessor. Só esse prelado tem poder para absolver o Santo Padre dos seus pecados.

Todas as suas atividades diárias são supervisionadas pelos seus assessores, contudo, o Papa tem poder absoluto para modificar todas as normas e leis da Igreja como bem entender. A acrescentar a isto, quem ocupa o cargo não pode ser julgado por nenhum homem ou tribunal, em nenhuma parte do mundo.

Já chega? Ainda não. Há mais. O Papa pode aprovar ou suprimir ordens religiosas, conceder indulgências, ainda que Leão X tenha levado isso ao extremo, vendendo-as. No entanto, é possível, atualmente, visitar muitas igrejas que concedem indulgências só pelo

facto de se entrar nelas, outras que as concedem em determinadas condições (se entrar aos sábados, por exemplo). Só o Papa pode concedê-las. Também só ele pode tornar venerável, beatificar e canonizar. Depois do trabalho dos relatores da Congregação para a Causa dos Santos, é ele quem tem a última palavra.

O seu poder não se fica por aqui. Nomeia bispos e cardeais, cria dioceses, só ele pode fundar universidades pontifícias (como é lógico) e decretar as suas normas. Os concílios também só podem ser convocados por ele (mesmo que se lembre de o realizar enquanto está a fazer a barba, como o Papa João XXIII). É também ele quem regula as festas católicas. Com um estalar de dedos podia acabar com o Natal e ninguém podia fazer nada.

Para além disto, promulga, modifica e elimina leis eclesiásticas, emite encíclicas e é o defensor supremo da Igreja contra a heresia. As sentenças do tribunal canônico passam todas pelo Papa. Mais, pode criar tribunais para analisar causas concretas e escolher os membros que os compõem. E também só ele dispensa dos votos religiosos aqueles que querem dedicar-se a outra vida, e tudo isto sem receber um cêntimo, pois, pela lei canônica, o Papa não pode auferir um vencimento.

Guarda Suíça



Guarda Suíça na Praça de São Pedro.

Apesar de criada a 22 de Janeiro de 1506, o dia oficial da Guarda Suíça é a 6 de Maio. Foi nesse dia, no ano de 1527, que ocorreu o trágico acontecimento que colocou à prova os cento e oitenta e nove soldados que compunham o corpo de segurança do Papa Médici, Clemente VII, e que defrontaram heroicamente as forças impiedosas do Imperador Carlos V, que postergaram humilhantemente a cidade de Roma e os Estados Pontifícios.

Foi o “Papa Guerreiro”, a “Força da Natureza”, o *Pontefice Terrible*, Júlio II, quem, em 1503, solicitou a proteção dos nobres helvéticos. Cerca de 150 chegaram a Roma, em Janeiro de 1506, provindos dos cantões de Zurique, Uri, Unterwalden e Lucerna e foram benzidos pelo Papa. O seu primeiro comandante foi o capitão Kaspar von Silenen. Essa aliança entre Papa e os mercenários suíços começou antes de Júlio II ser Papa, quando ainda era o astuto e ambicioso cardeal Della Rovere e negociou alianças em França, chegando mesmo a convencer o rei francês a atacar Nápoles, colocando assim numa posição difícil o Papa da altura, o maldito Rodrigo Bórgia, que adotou o nome de Alexandre VI.

Vinte e um anos mais tarde, os protagonistas eram outros. No trono de Pedro sentava-se o inábil Clemente VII que, como Della Rovere, se associou aos franceses e pagou muito caro pela veleidade. Carlos V não esteve com meias medidas e atacou Roma. A Guarda Suíça aguentou corajosamente junto ao Obelisco Egípcio, que não estava onde hoje o podemos ver, mas junto ao altar da velha basílica de Constantino. Quando tudo parecia perdido, sob o comando de Hercules Göldli, o Papa foi colocado a salvo no Castelo de Sant'Angelo, atravessando o *Passetto*, uma obra de Alexandre VI, que ligava o Palácio Apostólico ao castelo. Dizem alguns que o *Passetto* é

uma passagem secreta – o que é ridículo. Está bem à vista de todos, uma espécie de muralha que surge do lado direito da Praça de São Pedro, quem olha no sentido da Basílica de São Pedro, que segue até ao castelo, a cerca de mil e quinhentos metros.

A destruição da cidade de Roma foi enorme, a perda de vidas na ordem das dezenas de milhares, obras valiosíssimas perderam-se para sempre. Dos cento e oitenta e nove guardas suíços, sobreviveram apenas quarenta e dois e, o mais importante para eles, conseguiram salvar a vida do Papa. Isto aconteceu no dia 6 de Maio, daí este ser designado o Dia Oficial da Guarda Suíça. É também nesta data que o Papa, seja ele qual for, recebe os novos recrutas, todos os anos.

Os deveres de um guarda suíço são para com o Papa. São também eles que estão nas portas de fronteira do Estado (de farda azul). É fácil vê-los na Porta de Sant'Anna, na via da Porta Angélica.

A língua oficial da Guarda é o alemão. Têm o seu próprio capelão, serviços religiosos obrigatórios e as instalações ficam no rés-do-chão do Palácio Apostólico. Do lado esquerdo da Porta de Sant'Anna, se as janelas estiveram abertas, podem ver a lavandaria e algumas salas.

Não foram Rafael nem Miguel Angelo que criaram os uniformes que eles usam, mas um comandante da Guarda chamado Jules Répond, em 1914. São muito mais recentes do que se pensa. Para se ser Guarda Suíço é necessário um conjunto de regras que passo a especificar:

- Ser cidadão suíço;
- Ser católico apostólico romano;
- Ter padrões morais e éticos superiores;
- Ter cumprido serviço militar nas forças armadas suíças;
- Ter entre 19 e 30 anos de idade;
- Ser solteiro;
- Ter o 12.º ano ou diploma numa escola profissional;
- Ter mais de 1,74 m.

Os contratos têm uma duração de dois anos e podem ser renovados até um máximo de vinte. Os soldados não podem casar, só depois de promovidos a cabos é que o podem fazer. Têm todos obrigatoriamente de dormir, sempre, dentro do território da Santa Sé, sem excepções.

Papa Júlio II, “Força da Natureza”



Retrato do Papa Júlio II, por Rafael.

Júlio II era fora do comum. Tudo nele era grande. Alto, forte, ombros largos. Giuliano della Rovere foi o mais competitivo e ambicioso Papa de que há memória. Deve acrescentar-se também o mais persistente.

Proveniente de uma família rica e influente, os principais rivais dos Della Rovere eram os Médici, de Florença. Giuliano foi iniciado no mundo artístico e da política pelo seu tio, Francesco Della Rovere, que adoptou o nome Sisto IV. A ele devemos coisas más, como a Inquisição Espanhola, e coisas boas, como o reconhecimento a Portugal de todos os territórios que viesse a descobrir. Artisticamente, devemos-lhe duas pérolas que ainda hoje admitamos: o Museu do Vaticano e a Capela Sistina.

Sisto favoreceu toda a família e amigos, o célebre nepotismo (vem de Nipote, sobrinho em italiano) que percorreu o mundo e, ainda hoje, é causa de muita celeuma cá na terra. Giuliano beneficiou grandemente com isso. Sisto nomeou-o cardeal de San Pietro in Vincoli, em Roma, arcebispo de Avinhão e, entre muitas outras dioceses, o cargo de legado papal em França.

Iniciado nas lides artísticas e políticas, Giuliano viveu para a estratégia e para a arte. Com a morte do seu tio, em 1484, estava mais do que preparado para o suceder. Contudo, viu essa sucessão fugir-lhe por três vezes. No primeiro conclave em que participou, conheceu aquele que viria a ser o seu maior rival, Rodrigo Bórgia,

sobrinho de Calisto III, mas não perderia a eleição para este. O eleito seria Giovanni Battista Cibo, que escolheu o nome de Inocêncio VIII.

Com Inocêncio, Giuliano viu a sua influência aumentar ainda mais, mas tudo isso acabou abruptamente em 1492. Inocêncio morreu e o novo conclave, o segundo em que participava, elegeu o seu rival, Rodrigo Bórgia, que escolheu o nome de Alexandre VI, e mudou-se, com a amante e os filhos, para o Palácio Pontifício. Giuliano temeu pela vida e não estava errado. Por várias vezes, Alexandre VI planeou a morte do arqui- -inimigo. Giuliano refugiou-se, primeiro em Óstia, e depois rumou a Paris, onde se sentia mais seguro. Em França, conseguiu aliciar o rei Carlos VIII para uma guerra contra o Papado e Nápoles, e Roma seria invadida no ano de 1494. Alexandre VI refugiou-se no Castelo de Sant'Ângelo. Carlos VIII tornou-se rei de Nápoles, como desejava.

Giuliano haveria de continuar exilado por muitos mais anos, até 1503, quando o borguista Alexandre VI faleceu subitamente. Finalmente, o regresso a Roma, livre de medos, com o rival morto e um novo conclave no horizonte, o terceiro. Os cardeais preferiram um Papa de compromisso e não os herdeiros de Alexandre VI, César Bórgia, ou de Sisto IV, Giuliano Della Rovere e, assim, escolheram o cardeal Piccolomini como Pio III. Piccolomini não aqueceu o lugar. O seu pontificado durou apenas vinte e seis dias. Obviamente, como no caso de João Paulo I, falou-se de envenenamento, mas há registos que apontam para uma úlcera numa perna.

À quarta foi de vez, e no segundo conclave de 1503, Giuliano della Rovere tornou-se no Papa Júlio II, no dia de Todos os Santos. O conclave que o elegeu durou apenas algumas horas e deu origem aos dez anos mais intensos a que Roma assistiu.

Politicamente, o aliado de França tornou-se íntimo do Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Maximiliano I. Expandiu os Estados Pontifícios e, ao contrário do que era habitual, fê-lo com armadura e à frente dos seus exércitos. Promoveu a Liga Santa, que incluía Luís XII, de França, que sucedeu a Carlos VIII, Maximiliano I, Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Fernando II, rei de Aragão, contra Veneza, mas que, ao longo dos anos, foram mudando de lados até os aliados se tornarem inimigos e aliados novamente. A vitória, se é que nestas coisas ela existe, acabou por cair para o lado de França e da *Sereníssima*.

É usual vê-lo retratado com barba, contudo, ele apenas a usou entre 1511 e 1512. De qualquer forma, foi o primeiro Papa a fazê-lo desde a Antiguidade. Teve três filhas, mas só uma chegou à idade adulta.

Foi um grande patrono das artes e acolheu artistas como Bramante, Rafael e Miguel Ângelo. Partiu dele a construção efetiva da

Basílica de São Pedro. A primeira pedra foi colocada por ele a 18 de Abril de 1506. Uma medalha nessa primeira pedra diz: "Não para a nossa glória, Senhor, mas para a tua." Contratou Bramante para primeiro *capomaestro* da gigantesca empreitada. Miguel Ângelo levou a mal a preterição e deixou Roma. Quando cruzou as fronteiras de Florença foi apanhado pelos guardas suíços que levavam uma mensagem do Santo Padre: "Regresse a Roma ou será punido."

Miguel Ângelo não teve outro remédio porque ninguém dizia não a Júlio II. E o que desejava Júlio II? Nada de mais. Uma obra pequena. Coisa para quatro anos. Apenas que pintasse o tecto da capela mandada construir pelo seu tio, Sisto IV. Miguel Ângelo ficou furioso com a encomenda. Pintar um tecto quando havia uma grande basílica para construir e dera o trabalho a outros menos talentosos? Que injustiça. Mas ninguém dizia não a Júlio II. Muitos anos e muitos papas passariam até que Miguel Ângelo se tornasse *capomaestro* da Basílica de São Pedro.

Outro caso pitoresco foi o de um jovem que apareceu em Roma em 1508. Júlio II recusava-se a dormir nos Apartamentos Bórgia, no primeiro piso do Palácio Apostólico, onde as maiores promiscuidades tinham acontecido. Por isso, encarregou um grupo de grandes artistas de pintar as salas do segundo piso. Artistas como Pinturicchio, Luca Signorelli, Piero Della Francesca, Giovanni Bazzi, Suardi, Perugino, entre outros. O trabalho era imenso, mas bem pago. Bramante chegou com um jovem numa manhã de Primavera. Apresentou-o como o filho de Giovanni Santi, que Perugino conhecera bem. Lembrava-se até de ter ensinado alguma coisa ao rapaz quando ele ainda era criança. Bramante perguntou se havia trabalho para o jovem. A maioria das salas já estava pintada, mas deixaram-no experimentar na *Stanza Della Segnatura*. Quando Júlio foi chamado para ver o primeiro fresco do rapaz, despediu todos os outros. Para além disso, mandou descascar todas as paredes para que o rapaz as pintasse novamente, segundo o talento dele. Meses de trabalho deitados fora. O jovem só não permitiu que destruíssem o trabalho do velho Perugino, que o havia ensinado a ele e ao seu pai a pintar. Esse rapaz chamava-se Rafael.

Em relação a Portugal, foi Júlio II quem ratificou o Tratado de Tordesilhas, em 1506.

O "César Cristão", *Pontefice Terribilis*, "Força da Natureza", o "Papa Guerreiro", faleceu em Fevereiro de 1513. Erradamente, há quem pense que os seus restos mortais estão em San Pietro in Vincoli, onde está o túmulo que Miguel Ângelo construiu para ele. Não. Esse malfadado túmulo só ficou pronto em 1545 e foi uma obra que pesou sobre os ombros de Miguel Ângelo durante grande parte da sua vida. O Moisés que podem admirar nesse túmulo foi o calcanhar

de Aquiles do grande mestre renascentista. Ele, que dizia que as figuras estavam na pedra, apenas desbastava o excesso, deu uma cinzelada mal dada (segundo ele) quando estava a esculpir a cabeça de Moisés, libertando uma grande lasca de pedra e, por isso, a cabeça ficou menor que o corpo. Furioso, deu uma grande martelada no joelho da malograda estátua que abriu uma racha que hoje já não se consegue ver. Obcecado pela perfeição, era visto, por vezes, a olhar para a as estátuas em silêncio. Noutras, os assistentes viram-no a conversar com a estátua o a perguntar-lhe: "Porque não me respondes?" Por ordem dele, a estátua não está na Basílica de São Pedro.

Júlio II foi sepultado junto do tio, Sisto IV, na basílica. Durante o Saque de Roma de 1527 os seus restos mortais, juntamente com os do tio, foram vandalizados. Hoje, estão ambos enterrados em frente ao monumento do Papa Clemente X, na Basílica de São Pedro, apenas lembrados por uma simples placa de mármore.



L'Osservatore Romano, edição de 14 de Abril de 2013.

O *L'Osservatore Romano* é um jornal publicado na Santa Sé que cobre as atividades do Papa e de outros membros da Igreja. Também publica alguns documentos emitidos pelos diversos órgãos da Igreja, depois de aprovados, ainda que esta publicação não seja o equivalente ao nosso *Diário da República*. O jornal oficial da Santa Sé, onde se publicam decretos e legislação, chama-se *Acta Apostolicae Sedis* e é publicado mensalmente.

O *L'Osservatore Romano* foi fundado pelo advogado Marcantonio Pacelli, no dia 1 de Julho de 1861, e tinha como objectivo a defesa dos Estados Pontifícios de Pio IX contra o Reino de Itália, que já fora proclamado em Março. Era uma publicação anti-italiana e antimonárquica e, por isso, foi sujeita a censura e, por vezes, encerrada por defender acerrimamente o Sumo Pontífice. Para evitar essa censura e os encerramentos temporários, o Papa Leão XIII ordenou que se comprasse o jornal. Marcantonio Pacelli, o fundador, era avô de Eugenio Pacelli, que viria a ser, muitos anos mais tarde, o Papa Pio XII.

As primeiras edições continham o mote: “Um jornal político e moral”, que acabou por perder a partir de 1862, sendo substituído pelas divisas em latim que ainda hoje vigoram. *Unicuique suum* (A cada um o seu) e *Non praevalerunt* (Não prevalecerão – os portões do inferno).

A publicidade no jornal é gerida por uma agência controlada pela Santa Sé e é examinada atentamente. A regra é muito clara. Em caso de dúvida, não se publica. Um caso conhecido é o do gigante norte-americano de produtos de limpeza e higiene Johnson's. Conseguiu, misteriosamente, inserir um anúncio de página dupla com a imagem da Basílica de São Pedro e o texto: “Absolutamente

esplêndida. A Basílica de São Pedro é limpa com produtos Johnson's." Não gostando de ficar associada à marca, já que os leitores poderiam entender aquele anúncio como um endosso da Santa Sé, "convidaram" a multinacional a anunciar noutra freguesia.

Outra situação não relacionada com a publicidade teve como protagonista Benito Mussolini. O ditador tentou afastar o diretor do jornal, Giuseppe dalla Torre, por este não o tratar por *Il Duce*. Falou com Pio XI e Pio XII e exigiu o afastamento de Dalla Torre, mas ambos o mandaram passear. Mussolini nunca foi tratado por *Il Duce* naquele jornal. Dalla Torre foi diretor do *L'Osservatore Romano* durante mais de quarenta anos, até 1961, tendo servido quatro papas.

A tiragem do *L'Osservatore Romano* é pequena, apenas setenta e cinco mil exemplares, mas a sua influência é tremenda. É o jornal mais lido por chefes de Estado e de Governo do mundo.

O mandato de cardeal



Consistório de 21 de Outubro de 2003, na Praça de São Pedro.

Ao contrário do que se pensa, um cardeal, quando é nomeado pelo Papa e este o legitima no consistório, não recebe a dignidade cardinalícia a título perpétuo. Os mandatos dos cardeais têm uma duração de cinco anos. No final do prazo, o título tem de ser reconfirmado pelo Papa em funções, e só por este. O Papa João Paulo I, no mesmo dia em que foi eleito, reconfirmou todos os cardeais que tinham participado no conclave, para mostrar a união da Igreja, tendo sido o primeiro na história a fazê-lo.

Conclave – a eleição do Papa



Cardeais a caminho da Capela Sistina.

O método de eleição do Papa variou muito ao longo dos Séculos. O processo que dá origem aos conclaves como os conhecemos hoje levou mais de mil anos.

Há quem defenda que o próprio São Pedro fundou um senado para a Igreja de Roma, composto por vinte e quatro presbíteros e diáconos, a quem competia aconselhar o Bispo de Roma (a primeira designação do Papa), e elegê-lo. Contudo, outros historiadores e canonistas defendem que a eleição para o bispado de Roma era igual às dos outros, recorrendo aos bispos vizinhos e aos clérigos e fiéis da cidade. Para além da integração dos fiéis e clérigos na eleição, havia também a influência secular dos imperadores romanos e, depois, dos reis bárbaros, vistas pelo clero como uma interferência inaceitável, mas difícil de eliminar. Alguns chegaram mesmo a escolher os seus candidatos a bel-prazer, ainda que tal fosse considerado heresia, pois o Papa recebia o poder de Cristo e não de um imperador ou rei. Entre avanços e recuos, os monarcas franceses, os reis de Espanha, os imperadores do Sacro Império Romano-Germânico e o Imperador da Áustria tiveram o poder de *Jus Exclusivæ* (Direito de Exclusão) sobre as escolhas em conclave até 1903. Pio X anulou esse privilégio depois de o Imperador Francisco José ter usado o poder de veto para impedir que o cardeal Mariano Rampolla fosse eleito, justamente no conclave que o elegeu, em 1903.

Há também alguns autores que defendem que os primeiros papas escolhiam os seus sucessores (São Pedro teria escolhido São Lino e por aí fora), mas não há documentos que confirmem essa tese. A lei eclesiástica é clara neste ponto: o Papa não pode escolher o seu sucessor. No Século VII, Bonifácio III decretou que os eleitores só se deviam encontrar três dias depois do funeral do Papa anterior. No Século VIII, o sínodo de Latrão decidiu que apenas o clero poderia

participar nas eleições. Os nobres não gostaram de ser arredados das eleições e, de tempos a tempos, conseguiram garantir a sua presença e direito de voto em algumas.

Só no Século XII (1139) é que se coloca tudo nas mãos dos cardeais e, no mesmo Século (1179), decide-se que o eleito tem de obter uma maioria de dois terços dos votos para que a eleição seja considerada. Porém, em 1268, depois da morte de Clemente IV, os cardeais levam dois anos e nove meses a escolher o sucessor, Gregório X, em Viterbo, e a eleição só se concluiu quando cortaram a comida aos cardeais.

Para prevenir a repetição de casos como este, o próprio Gregório X emitiu um decreto (*Ubi Periculum*) sobre o tema em 1274. Dez dias depois da morte do Papa, os cardeais deviam reunir no palácio da cidade onde o defunto tivesse morrido (não necessariamente em Roma). Se tal não fosse possível, a reunião teria lugar na cidade mais próxima que não estivesse sob interdição. Tinham direito a levar um serviçal cada, clérigo ou leigo. Deviam estar fechados e alheios ao que se passava no exterior. Não poderia haver comunicação de dentro para fora nem de fora para dentro. A comida seria enviada por uma janela. Se não chegassem a uma decisão ao fim de três dias, as provisões seriam reduzidas, se o mesmo acontecesse ao fim de cinco dias, haveria nova redução, até à supressão completa. Assim nasceram os conclaves papais.

Segundo os cânones, não são apenas os cardeais que podem ser eleitos Papa. Contudo, desde Urbano VI, no Século XIV, que tal acontece. Qualquer homem cristão pode ser Papa. Só os hereges e as mulheres é que não podem ser eleitos ou, se o forem, verão as eleições anuladas. A eleição canônica de um Papa não necessita de confirmação, pois o Pontífice não tem quem seja superior a ele na Terra.

O conclave a seguir a Gregório X durou apenas um dia. E o seguinte sete. O princípio provou-se correto. Contudo, o Papa João XX suspendeu o *Ubi Periculum* quando foi eleito, o que fez com que os conclaves longos regressassem. Nos dezoito anos em que a suspensão esteve em vigor, entre 1276 e 1294, os conclaves duraram entre seis e nove meses e a eleição de Celestino V, em 1294, levou também dois anos e nove meses. Foi ele quem, antes de abdicar do posto de Sumo Pontífice, restaurou a *Ubi Periculum*. O seu sucessor, Bonifácio VIII, confirmou a ação de Celestino e foi mais além, incorporando-a na lei canônica.

Há quatro formas possíveis de eleição: *scrutinium*, *compromissum*, *accessus* e *quasi-inspiratio*. A mais comum é o *scrutinium*. As outras raramente foram usadas. A última nunca.

A *compromissum* serve para conclaves longos onde não há

acordo. Os cardeais delegam o seu voto num pequeno grupo que decidirá sobre o candidato. O *quasi-inspiratio* é digno de filme de Hollywood. Um cardeal levanta-se e proclama as palavras *Ego Eligo...* (Eu elejo...) e diz o nome do candidato. Se os outros cardeais o acompanharem unanimemente no cântico a eleição será validada. O *accessus* serve para acelerar eleições. Se o candidato mais votado não tem os dois terços necessários, recorre-se a novo sufrágio em que os cardeais que desejam escolher o que teve mais votos escrevem *Accedo Nomini* ou escrevem outro nome. Depois os votos são contados em duas séries, os do *Accedo Nomini* e os outros nomes. Se o primeiro não obtiver a maioria de dois terços, nada feito. Nos Séculos XX e XXI usou-se este método para reconfirmar aqueles que foram eleitos logo na primeira votação.

O *scrutinium* é aquele que conhecemos. O voto secreto. Cada boletim tem imprimido: *Ego, Cardinalis eligo in summum Pontificem R. D. meum D. Card. [Nome]*. Quando colocam o voto no cálice dizem: *Testor Christum Dominum qui me iudicaturus est me eligere quem secundum Deum iudice eligi debere et quod idem in accessu præstabo*. ("Cristo, Senhor, é minha testemunha que elejo aquele que, segundo Deus, penso que deve ser o eleito.")

Três cardeais são escolhidos para *scrutatores* (escrutinadores) em cada sufrágio. São eles quem presidirão a eleição. Outros três são escolhidos como revisores, para controlar a contagem dos *scrutatores*. Ainda outros três, os *infirmarii*, são escolhidos para recolherem os votos dos cardeais adoentados que não podem comparecer na capela. Vão recolher os votos aos aposentos (raramente acontece). Todos os boletins são colocados dentro do cálice. Depois são sacudidos e contados. Se o número de boletins corresponder ao de votantes, o cálice é levado para a mesa dos *scrutatores* para contagem. Um retira o boletim, passa ao outro que confirma e passa ao terceiro. É esse quem diz o nome do votado em voz alta. No final, os revisores verificam o resultado e validam-no ou não.

É verdade que os cardeais não se podem comprometer politicamente nem fazer campanha dentro das portas da Capela Sistina. Mas fora, nada os impede. Há sempre chás e cafés para beber, e come-se muito bem nos restaurantes romanos. Os conclaves dos Séculos XIX, XX e XXI foram tão rápidos que não podem ter sido decididos dentro da Capela Sistina. O tempo necessário para chegar a uma maioria de dois terços mais um é de meses ou anos. Gregório X e Celestino V que o digam. Dois anos e nove meses. Outros estiveram entre seis a dezoito meses para conseguirem chegar a consenso. Cada votação leva entre três a quatro horas, pelo que não se podem proceder a muitas votações por dia. Duas no máximo. Paulo VI foi eleito à primeira, João Paulo I e João Paulo II também, assim como

Bento XVI. As outras votações são de reconfirmação, o *accessus*. Uma forma de conferir unanimidade à eleição. Os comunicados de imprensa dizem que João Paulo I foi eleito à quarta votação e João Paulo II à oitava. Falso. Apenas querem fazer pensar que é tudo decidido lá dentro, quando os candidatos já entram papas. Para João Paulo II ter sido eleito à oitava votação e como no primeiro dia só podia haver uma, nos dias seguintes teria de haver um com três votações, o equivalente a nove horas de votações, no mínimo, e outro com quatro, o equivalente a doze horas, no mínimo. Isso implicava começarem a votar às seis da manhã. Impossível. Os quatro escrutínios que elegeram Bento XVI também são muito duvidosos. Seguramente, foi eleito à primeira. Só que parece mal, num ritual que se quer muito sério, dizer-se que há um cardeal que entra no conclave já eleito Papa.

A Sala das Relíquias



Relicário na Igreja San Pietro in Vincoli, em Roma.

A Sala das Relíquias é um dos departamentos mais importantes do Vaticano. Fica no rés-do-chão do Palácio Apostólico. É uma sala gigantesca com estantes enfileiradas, do chão ao tecto. É gerido por três padres que têm como função cumprir uma das leis canónicas mais relevantes. É obrigatório que todos os altares de todas as capelas católicas do mundo contenham uma relíquia de um santo ou mártir. É o que lhes confere a sacralidade. Um osso, um objecto, algo tocado pelo santo ou que lhe tivesse pertencido. Como abrem novas igrejas em todo o mundo praticamente todas as semanas, estes padres têm sempre muito trabalho. A relíquia é colocada numa urna de plástico hermética e depois dentro de uma caixa de madeira que é lacrada e selada com o escudo pontifício. Todas as igrejas católicas do mundo foram ou serão servidas por este departamento.

O pontificado mais longo



Pio IX.

O Papa que esteve mais tempo no cargo foi Pio IX (pontífice entre 16 Junho 1846 e 7 de Fevereiro de 1878). Havia um ditado no Vaticano que dizia *Annos Petri non videbis* (O tempo de Pedro não superarás). Referia-se ao facto de, até Pio IX, nunca nenhum pontífice ter superado a longevidade do pontificado de São Pedro, vinte e cinco anos. Em 1871, quando Pio IX cumpriu vinte e cinco anos mais um dia de pontificado, mandou colocar uma coluna na Basílica de São Pedro, junto à estátua de bronze do apóstolo, para assinalar o acontecimento. Pio IX foi Papa durante trinta e um anos, sete meses e vinte e dois dias.

O Papa que esteve menos tempo no cargo foi o malogrado Estêvão II (23/03/752 a 25/03/752). Apenas três dias de pontificado. Faleceu devido a um ataque de apoplexia e, por isso, não chegou a ser consagrado. Foi removido da lista oficial dos papas em 1961, devido à aprovação de um decreto, ainda em vigor, que declara: “Eleito e não consagrado, nunca Papa.”

Devido a essa remoção tardia, os que sucederam a Estêvão e escolheram o mesmo nome estão registados com a denominação anterior entre parêntesis [ex.: Estêvão II (III)].

Os guardas suíços assassinados no Vaticano, em Maio de 1998



Guarda Suíça.

O dia 4 de Maio de 1998 começou como um dia de celebração para o major Alois Estermann, nomeado comandante da Guarda Suíça, a maior honra a que podia almejar. Porém, até ao final do dia, a felicidade tornar-se-ia em tragédia. Ele, a esposa e o cabo Cédric Tornay haveriam de aparecer mortos no apartamento dos primeiros.

Os corredores do Vaticano têm uma coisa boa, ou má, dependendo da perspectiva. Todas as paredes têm ouvidos. E, para além do forte sentido corporativo, há pessoas com bom senso e ética que não conseguem calar o que está errado. Antes de explicarmos o que aconteceu realmente, foquemo-nos na versão oficial do magistrado Gianluigi Marrone.

Pouco depois das 21h00, uma religiosa não identificada (isto, só por si, já é estranho), ouviu ruídos no apartamento acima do seu, o do novo comandante da Guarda Suíça, e correu a ver o que se passava. O que viu, no interior do apartamento, foi chocante. Três corpos cobertos de sangue. O porta-voz do Vaticano, Joaquin Navarro Valls, e o substituto do Secretário de Estado, Giovanni Battista Re, foram os primeiros a chegar ao local. Pouco depois, o inspetor Camilo Cibin e o primeiro superintendente Raul Bonarelli, da Gendarmaria Vaticana, tomavam conta da cena do crime.

Segundo a autópsia, todas as vítimas foram atingidas por tiros da mesma arma. O major Alois Estermann tinha ferimentos de duas balas. Uma entrou pela bochecha esquerda e afetou a coluna cervical e a espinal medula. A outra entrou pelo deltoide esquerdo, tornou a sair e entrou pelo lado esquerdo do pescoço com um desvio para a direita, atingindo os tecidos cerebrais.

A esposa do major, Gladys Meza, tinha apenas um ferimento, nas costas, que atingiu a espinal medula.

O cabo Cédric Tornay tinha apenas um orifício de saída, na parte baixa do occipital, provocado por um tiro que entrara pela boca, sugerindo suicídio. Menciona-se um enorme tumor no cérebro e a presença de cannabis na urina.

A investigação levou duzentos e sessenta e sete dias e concluiu que o casal Estermann foi assassinado pelo cabo Cédric Tornay, que depois cometeu suicídio com um tiro na boca com a sua SIG 75 (arma oficial da Guarda Suíça) que o fez tombar para a frente e, por essa razão, a arma do crime ficou por debaixo do seu corpo. Esta foi a versão contada na noite do dia 4 de Maio, ainda sem autópsias nem nada, pelo porta-voz do Vaticano.

O cabo deixou uma carta de despedida que foi entregue à sua mãe. Estava escrita em francês, continha local e data, mas não estava assinada. Mencionava as irmãs e o quanto gostava delas, da mãe e etc. As razões apontadas para o crime foram a recusa de uma medalha devida a Tornay pelos seus serviços, por parte de Estermann. Num "momento de loucura", Tornay perdeu a cabeça e matou-os, suicidando-se em seguida. "O Vaticano tem a certeza moral de que os factos se desenrolaram como descrito."

Então, o que terá realmente acontecido?

José Luis Martinez Gil, um irmão da Ordem Hospitalária de São João de Deus, foi a primeira testemunha do massacre dos guardas suíços. Era o homem que cuidava da farmácia vaticana, e que sempre garantiu que, durante os trinta e três dias de pontificado de João Paulo I, nenhum medicamento fora requisitado para o Santo Padre.

O inspetor Camilo Cibir e o primeiro superintendente Raul Bonarelli chegam pouco depois. O apartamento é selado em minutos. Agentes da Gendarmaria Vaticana tiram fotografias que nunca serão analisadas. Os agentes do Inspectorado do Vaticano (representação da polícia italiana na Santa Sé) chegam ao local, mas são convidados a manterem-se afastados. Esta é uma atitude nunca antes assumida pela Gendarmaria Vaticana. Aliás, a colaboração conjunta, normalmente pedida pela Santa Sé ao Governo italiano, nunca foi pedida neste caso.

Navarro Valls, pouco depois da meia-noite, comunica à imprensa a versão oficial do Vaticano, que permanecerá imutável. Alois Jehle, o capelão da Guarda Suíça, comandante interino, reúne todo o contingente e comunica-lhes aquela mesma versão. Obriga-os a um juramento especial de silêncio sobre o assunto. Não deve ser discutido com ninguém, nem mesmo entre eles.

Jornalistas, escritores e investigadores cedo começaram a encontrar problemas com a versão oficial. Corrado Augias disse que "é uma versão demasiado perfeita".

Os polícias italianos mencionam o extremo profissionalismo do crime para alguém que perdeu a cabeça ou passou por um “momento de loucura”. São tiros demasiado precisos. Não havia gente a rastejar pelo chão, ferida, nada. Três mortes instantâneas. Depois temos o tiro final, na boca, e o corpo do cabo cair para a frente. A SIG 75 é uma arma poderosíssima. O corpo nunca cairia para a frente e ficado em cima da arma.

Mas é a mãe do malogrado cabo Cédric Tornay quem mais se manifesta contra a investigação. O seu filho não se drogava, não tinha qualquer tumor no cérebro e tinha arranjado emprego num banco suíço. Iria deixar a Guarda dali a um mês. Quanto à carta de despedida, não podia ser dele, afirmou a senhora. Era uma carta muito estranha. Por exemplo, mencionava as irmãs, mas a irmã a quem, na carta, trata por Melinda, era sempre referida por ele pelo carinhoso “Dada” e nem menciona os irmãos mais novos do segundo casamento do pai, que tinham 12 e 10 anos, e que ele adorava. Por que razão os omitiria? Talvez porque quem escreveu a carta ignorava a existência deles, pois não constavam do seu ficheiro no Vaticano. Outro pormenor era o de, desde o divórcio da mãe, Cédric a tratar pelo nome de solteira, Baudat. Na carta trata-a pelo nome de casada, Mme. Chamorel. O filho, simplesmente, não cometeria esse erro. Mais uma vez, no ficheiro de Cédric no Vaticano consta o nome de casada da mãe. Um grafologista confirmou, mais tarde, tratar-se de uma falsificação.

A mãe do cabo Tornay iniciou uma investigação paralela independente, contra tudo e contra todos, apesar dos entraves permanentemente impostos pela Santa Sé, na pessoa do Secretário de Estado, Angelo Sodano. Uma segunda autópsia foi feita ao corpo de Tornay. Para isso, a mãe roubou, literalmente, o corpo do filho, antes do enterro. Segundo investigadores suíços, da Universidade de Lausanne, não havia qualquer tumor em Tornay. E dificilmente a arma usada no crime terá sido a SIG 75, já que os orifícios tinham uma circunferência de 7 mm, 2 mm a menos do que um orifício deixado pela arma em questão. Mais, havia um osso craniano partido que estava fora da trajetória da bala e que, provavelmente, o tinha deixado inconsciente antes de ser “suicidado”. A remoção violenta dos incisivos revela que a arma foi enfiada na boca com força e que outra pessoa premiu o gatilho.

Rios de tinta correram sobre este assunto. Falou-se numa disputa de poder. Que o casal Estermann era Opus Dei e Cédric da P2 e que as duas facções lutavam pela influência no Vaticano. Há um pormenor a ter em conta sobre esta disputa: estamos em 1998. O Papa era Opus Dei. A P2 está completamente eliminada dos corredores do poder vaticano e italiano. João Paulo encarregou-se

disso. Esta versão não faz qualquer sentido.

Para se perceber o que aconteceu temos de conhecer melhor o major Alois Estermann.

Em Julho de 1980, tornou-se no primeiro guarda suíço a subir diretamente de soldado a capitão, sem passar pelos postos intermédios.

Em Maio de 1981, diz-se, serviu de escudo para tentar salvar o Papa dos tiros de Ali Agca. Mais tarde, esta notícia foi desmentida pelo procurador que investigava o caso, Ferdinando Imposimato. Estermann nunca se colocou entre a arma e o Papa.

Em Abril de 1983, foi novamente promovido, tornando-se no terceiro na linha de comando da Guarda Suíça.

Em Julho de 1989, já era tenente-coronel e tinha mais poder e influência do que o próprio comandante da Guarda.

Há duas razões para esta ascensão tão rápida de Estermann. A primeira chama-se Agostino Casaroli, o Secretário de Estado de João Paulo II, entre 1979 e 1990. A segunda, Angelo Sodano, Secretário de Estado depois de Casaroli, até 2006. Na verdade, há três razões, já iremos à terceira.

A promoção de 1980 torna Estermann nos olhos e ouvidos de Casaroli sobre tudo o que se passava no Vaticano. Entradas e saídas, interesses, intrigas, e, claro, uma vigilância permanente nos apartamentos papais.

A terceira razão foi descoberta em Fevereiro de 1998. Um agente da *Entidade*, o serviço de espionagem da Santa Sé, recruta um jovem soldado para recolher informações sobre o futuro comandante da Guarda.

Estermann queixava-se de estar sob vigilância e de terem desaparecido documentos do seu apartamento. Tinha razão. Apesar das suas suspeitas recaírem sobre Bonarelli, da Gendarmaria Vaticana, com quem se dava mal, não imaginava Estermann que quem o investigava era o jovem Cédric Tornay.

No dia da imposição de Estermann por João Paulo II, a 4 de Maio, Cédric reuniu-se com o seu contacto na *Entidade*. O agente, de nome Ivan, já suspeitava. Estermann fora (não se sabia se ainda era em 1998) um ativo da STASI, os serviços secretos da Alemanha Oriental. E esteve envolvido, como homem de mão de Casaroli, no planeamento do atentado ao Papa, em Maio de 1981.

Caso não saibam, um guarda suíço é uma máquina de guerra.

Muito dificilmente um agente da *Entidade* podia eliminar dois de uma vez. Tornay foi atacado violentamente na cabeça, assim que entregou a informação, e enquanto lutava com a inconsciência levou um tiro na boca de uma arma com silenciador. Em seguida, o agente, com a SIG 75 de Tornay, desceu ao apartamento dos Estermann e

bateu à porta. O primeiro a cair foi o comandante da Guarda que nem teve tempo para reagir. Dois tiros. Depois a esposa venezuelana, enquanto fugia para o interior do apartamento. Em seguida, foi só colocar o corpo de Tornay no cenário e deixá-lo com a arma debaixo do corpo. Duplo homicídio, seguido de suicídio. Missão cumprida. O resto era deixar com os porta-vozes. “A versão oficial do Vaticano é sempre a melhor. Não há necessidade de procurar outra”, disse, certa vez, um monsenhor.

Ivan foi o primeiro nome de uma das minhas personagens principais, até que, de repente, Rafael soou melhor.

A Santa Sé e a pedofilia



Tribunal Eclesiástico.

Este tema pode ser considerado sensível, uma vez que relata o abuso sexual de menores por parte de clérigos. Contudo, abordarei a questão apenas do ponto de vista legal e nunca referirei casos concretos.

Quantas vezes já ouviram dizer que o Vaticano é um Estado soberano, reconhecido internacionalmente e com as suas próprias leis? Muitas. E isso é sempre válido, não apenas quando nos convém. Desde Gregório VII que Roma não erra, não errou e nunca errará, e não há homem ou tribunal no mundo que possa julgar um Papa, pois ninguém está acima dele na face da Terra.

Dito isto, a pedofilia é crime no Vaticano... e não é. Confusos? Passo a explicar. Segundo o artigo 128 do Código Canônico, “Aquele que, ilegítimamente, infligir danos sobre alguém por ato jurídico ou qualquer outro ato, usando de malícia ou negligência é obrigado a reparar o dano infligido.” Isto, por si só, é muito geral, mas aplica-se como uma luva nestes e noutros casos.

Em 1962, o cardeal Ottaviani, prefeito do Tribunal do Santo Ofício, enviou uma carta que ficou conhecida como *Crimen Solicitationis*. Nela exigia-se que qualquer clérigo que tivesse avanços sexuais com um penitente fosse prontamente denunciado ao Vaticano. (Não à esquadra ou tribunal mais próximo, mas ao Vaticano.) E a investigação devia ser mantida secreta.

Em 1983 há, pela primeira vez, uma lei sobre o assunto. O artigo 1395 §2 refere-se precisamente ao abuso de menores. “Sexo com um menor é um crime canônico que deve ser punido em conformidade, não excluindo a deposição”.

João Paulo II, em 2001, referiu-se aos abusos sexuais a menores como *delictum gravius* e que se tratava de um pecado grave.

Nessa carta, o Papa dava plenos poderes à Congregação para a Doutrina da Fé para tratar de delitos contra o 6.º Mandamento, onde passaram também a figurar os abusos de clérigos para com menores de 18 anos. Tal delito deveria ser tratado como ofensa grave e a pena poderia passar pela renúncia ou deposição.

No entanto, há uma carta de 2001, do conhecido *panzerkardinal*, Joseph Ratzinger, que alerta novamente os bispos para que façam as investigações em segredo e assim as mantenham. Esta ordem continua em vigor nos nossos dias. Portanto, sempre que é tornado público que um bispo ocultou abusos a menores por parte dos seus padres, ele não fez nada de mal, apenas cumpriu a lei dele. É difícil entender este ponto, por isso tentarei simplificá-lo. Um bispo é um clérigo e, simultaneamente, um cidadão. Mas é um clérigo antes de ser um cidadão. Ou seja, a sua fidelidade, por encargo do ofício, é para com o Santo Padre e não para com as instituições do seu país de nascimento.

São raras as condenações de clérigos em casos de abusos de menores e ainda mais raras as que são tornadas públicas. Este secretismo nas investigações é, normalmente, garantido com um pagamento em numerário aos pais da vítima, cujo crime deixa de parecer tão grave à medida que o montante em dinheiro cresce.

Quanto ao facto de, muitas vezes, o Vaticano dar guarida a padres pedófilos, mais uma vez, isso depende da perspectiva. Se não deu entrada qualquer denúncia do bispo ou de um fiel no Tribunal Canônico ou na Congregação para a Doutrina da Fé não há por que julgar os ditos “criminosos”. Falamos apenas de legalidade e isso, no Vaticano, é uma arte há muito dominada.

Papas assassinados



Papa Paulo VI.

Numa história de dois mil anos com disputas de poder constantes e acérrimas e com o trono de Pedro a influenciar toda a política europeia, acrescido ao facto de ser o homem que estava acima de todos os outros, era natural que fosse um lugar desejado por muitos. Porém, o lugar mais poderoso do mundo só podia ser ocupado por um homem de cada vez e era natural que os mais impacientes tivessem de acelerar a passagem dos antecessores para o mundo do além.

Reza a história que o primeiro Papa a ser, alegadamente, assassinado foi o próprio Pedro, o primeiro de todos, crucificado de cabeça para baixo no monte Vaticano. Deu início a um rol de papas que morreram mártires, na defesa da fé. Mas não vamos perder muito tempo com esses, pois, na sua maioria, não está confirmado que tenham sido assassinados, nem será possível confirmá-lo. As excepções foram Ponciano, no ano 235. Foi ajudado a morrer mais depressa, na Sardenha, de fome e esgotamento, às ordens do Imperador Maximino Trácio. Tecnicamente, se quisermos ser rigorosos, não morreu Papa, pois renunciou antes para não criar um vazio de poder. E Sisto II, decapitado enquanto consagrava o pão durante uma cerimônia, às ordens do Imperador Valeriano.

João VIII, em 882, foi o primeiro de que há registo a morrer por conspiração dos próprios bispos e presbíteros, mas não se pode dizer que ele não se tenha colocado a jeito. Como era paranoico e via

conspirações por todo o lado, colecionou um número anormal de excomunhões, a forma que ele encontrou de afastar as ameaças. Um parente dele foi convencido por um grupo de clérigos a envenená-lo, mas como o veneno levou muito tempo a fazer efeito, decidiram dar-lhe uma tarefa até à morte.

Adriano III foi o seguinte, dois anos depois. A mando de alguns nobres, os seusaios apunhalaram-no enquanto dormia. Uma morte santa.

Estevão VI (VII) também teve fraco fim. Este Papa foi o protagonista do Synodus Horrenda (Sínodo do Cadáver), no qual o corpo do Papa Formoso foi exumado, vestido com as vestes pontifícias e sentado num trono para ser julgado postumamente. Depois de lida a acusação ao cadáver, este foi considerado culpado. Cortaram-lhe os três dedos da mão direita, que era usada para as bênçãos, e foi enterrado num cemitério para estrangeiros. Mais tarde, não fosse o cadáver fazer das suas, foi desenterrado novamente e atirado ao rio Tibre com pesos. Estevão acabou preso e estrangulado pelos próprios bispos que o assistiam.

Não percamos a velocidade. Leão V foi o seguinte. Mas a história é muito misteriosa. Foi deposto pelo antipapa Cristóvão (considerado Papa legítimo em todos os anuários até meados do Século XX), ao fim de dois meses de pontificado. Morreu na prisão.

João X também morreu na prisão, em 928, apesar de as más línguas dizerem que foi sufocado com uma almofada, a mando de uma mulher chamada Marózia, uma das mulheres mais influentes da história da Igreja.

O seguinte, Estevão VII (VIII), também morreu assassinado por ordem de Marózia, em 931. Outro Estevão, o VIII (IX), foi também, alegadamente, mutilado e assassinado em 942, mas não há nada que confirme que tal tenha acontecido.

O Papa João XII é considerado por alguns historiadores o pior de sempre. Promoveu a simonia, o incesto, a pedofilia, apostava no jogo, cegou um cardeal, castrou outro. O Palácio Papal era conhecido como bordel no seu tempo. Foi de tal maneira perverso que saqueou o tesouro do Vaticano e fugiu para o exílio em Tivoli, pois a turba romana ia digeri-lo vivo. O Imperador da época, Otto, depôs João XII e colocou outro no seu lugar sem que este o soubesse. Quando João regressou a Roma, em 963, excomungou todos aqueles que participaram na eleição e mandou torturá-los e executá-los. Encontrou a morte na noite de 14 de Maio de 964, quando estava em pleno ato sexual com a sua amante romana. O marido desta surpreendeu-os e desfez-lhe a cabeça com um martelo.

Dez anos depois, foi a vez de Bento VI morrer. Foi feito prisioneiro no Castelo de Sant'Ângelo por um movimento

antigermânico, liderado por Crescêncio I que, sabendo que o imperador enviara o seu exército para libertar o Papa, estrangulou-o com a ajuda de um diácono que se tornaria no Papa Bonifácio VII (hoje antipapa) que matou outro Papa, o João XIV.

Gregório V seguiu-se na lista, a 16 de Fevereiro de 999, envenenado às ordens de Crescêncio II, o líder da aristocracia romana que dominava a cidade.

Bonifácio VIII não instaurou apenas o primeiro jubileu da história, em 1300, ou a Universidade La Sapienza, em Roma. O seu antecessor, o Papa Celestino V, renunciou ao cargo em 1294. Queria viver o resto dos seus dias em solidão, como um eremita. Bonifácio, com receio que Celestino mudasse de ideias, mandou-o prender no castelo de Fumone, e uma análise ao esqueleto do defunto revela um buraco no cérebro que, provavelmente, lhe causou a morte. Bonifácio não teve fim melhor. Depois de emitir a bula *Unam Sanctam*, onde declarava que os poderes temporal e espiritual estavam ambos sobre a jurisdição papal e que os reis tinham de subordinar-se a esse poder, um ministro de Filipe IV, de França, Guillaume de Nogaret, apanhou o Papa no seu retiro em Anagni. Exigiu, em nome do rei, que o Papa resignasse, mas este disse que preferia morrer. Levou uma valente tarefa e foi preso durante três dias. Acabou por morrer pouco tempo depois, devido aos ferimentos.

Há historiadores que defendem que Alexandre VI, o Papa Bórgia, também foi envenenado. Especialmente porque César, o seu filho, adoeceu ao mesmo tempo, tendo recuperado mais tarde. No entanto, outros dizem que houve uma epidemia em Roma nesse Verão que vitimou muita gente e o Papa pode ter sido um deles.

Chegamos então ao Século XX. Três papas seguramente sucumbiram às ordens de outras mãos. Podem ler sobre a morte de João Paulo I no livro *O Último Papa*. João XXIII morreu devido a um cancro no estômago em 1963. Segundo o jornalista espanhol Juan Árias, os médicos podiam ter atrasado a evolução da doença e permitido pelo menos que o Papa sofresse menos. Quiçá até podia ter visto o fim do seu concílio, mas o Colégio deu ordens para que nenhum tratamento fosse iniciado, que o Papa desejava que a doença seguisse o seu rumo normal. Não se pode chamar a isso crime, mas penso que se pode chamar negligência.

Então, quem foram os outros dois papas assassinados no Século XX? Um chamava-se Pio XI e faleceu em 1939, o outro Paulo VI e faleceu em 1978.

As mulheres que influenciaram os papas



Busto de Olímpia Maldachini, por Alessandro Algardi.

É óbvio que num mundo de homens, as mulheres sempre tiveram formas de demonstrar o seu poder. No que toca ao papado, ainda que não tenham estado diretamente sob os holofotes da história, as suas ações nos bastidores influenciaram--na decisivamente. Tonto é o homem que julga que a mulher não tem poder nenhum.

Este texto deixará de fora a famigerada Papisa Joana, pois dedica-se exclusivamente a mulheres que, não estando sentadas no trono do Pedro, tinham tanto poder como se estivessem.

Vamos concentrar-nos em cinco mulheres. Seguramente, existiram muitas mais, mas a história não as registou ou esqueceu-as.

Começamos pelo *Saeculum Obscurum*, chamado por alguns historiadores como Pornocracia ou Governo de Meretrizes. Alguns defendem que este período durou do Século VIII ao XI, outros que foi apenas durante o Século X. De qualquer forma, nenhum o nega nem renega. As protagonistas maiores desta época chamavam-se Teodora e a sua filha Marózia, e não eram prostitutas. Pertenciam a uma importante família romana que tinha um poder enorme na escolha do sucessor de Pedro.

Sérgio III foi o primeiro a sucumbir aos encantos de Teodora e Marózia, em 904. Foi amante das duas e chegou a ter um filho de Marózia que, entretanto, tinha desposado Alberico I, de Espoleto. João X foi o malogrado Papa que ficou para história como amante da mãe e assassinado pela filha dela. Colocado no poder por Teodora, foi

assassinado na prisão por ordem de Marózia, que colocou no papado Leão VI. Começa com Leão o efetivo domínio de Marózia, pois Leão, segundo os registos, apenas cumpria o que a *senatrix* lhe ordenava. Seguiu-se Estevão VII (VIII), também sob influência da bela toscana, e em 931 é eleito Papa o filho de Marózia com o Papa Sérgio III, João XI. O pontificado de Marózia termina aqui, pois depois foi presa por ordem de Alberico II, seu filho mais novo e líder de uma parte da nobreza que disputava o poder que Marózia liderava. Ainda assim, teve um neto que chegou a Papa, com o nome de João XII, o tal que transformou o Palácio Papal num bordel. Marózia ficou presa no Castelo de Sant'Ângelo durante mais de cinquenta anos. A sua influência era tão grande que, quase centenária, foi mandada executar pelo Papa Gregório V.

A próxima mulher que nos interessa chamou-se Vanozza dei Cattanei. Teve uma relação bastante longa com Rodrigo Bórgia (Alexandre VI) e, apesar de efémera, a prole foi bastante influente durante alguns anos, especialmente no pontificado de Rodrigo. Ao contrário do que se possa pensar, a relação com Rodrigo Bórgia foi sempre ilícita. Assim como a curta relação que manteve com Giulio Della Rovere (Papa Júlio II), antes de Rodrigo. Essa ilicitude não teve nada que ver com o facto de Rodrigo ser cardeal. Era aceite na altura que um cardeal podia ter relações sexuais e família. O ilícito partiu do facto de Vanozza ser casada. Casou quatro vezes, tendo tido filhos de alguns desses maridos, mas a única relação constante, durante esses conúbios, foi com Rodrigo.

Os quatro filhos que teve com ele, Giovanni, Cesare, Lucrezia e Gioffre, acabaram por se tornar numa espécie de VIP do seu tempo (se existissem revistas cor-de-rosa seriam certamente os mais mencionados). Obviamente, quando Rodrigo atingiu o desejado pontificado, cobriu os filhos, e até Vanozza, com os maiores privilégios. Foi tudo muito efémero, mas, ainda que tenha durado pouco, foram a realeza da Roma da época. Apesar de a relação com Rodrigo, após o pontificado, ter esmorecido (a bela Giulia Farnese chamou a atenção do Papa e tomou o seu lugar), a influência de Vanozza prevaleceu, pois esta não a exercia diretamente, mas através dos filhos. Viu Rodrigo e dois dos seus filhos, Giovanni e Cesare, morrerem antes dela. Nos últimos anos de vida, ofereceu todos os seus bens à Igreja e levou uma vida de remissão dos pecados.

Dona Olimpia Maidalchini é uma das mulheres mais influentes do Século XVII e das mais desconhecidas. Viúva de um nobre abastado, casou em segundas núpcias com um homem trinta anos mais velho do que ela, de nome Pamphilio Pamphilj. Desse segundo casamento nasceu uma bela amizade com o seu cunhado, o cardeal

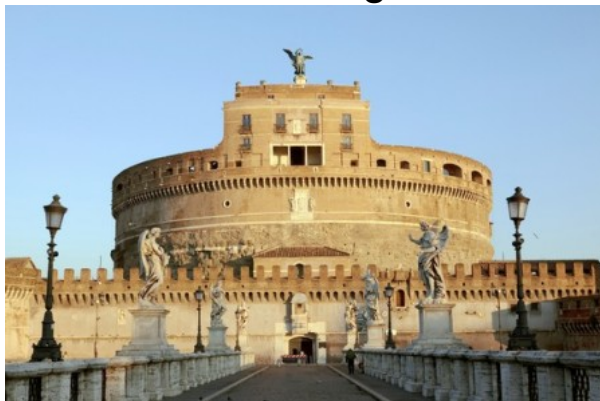
Giambattista Pamphili. Na mesma altura que ficou viúva pela segunda vez, o cunhado foi eleito Papa e adotou o nome de Inocêncio X. Apesar de outros Inocêncio não o terem sido efetivamente, esta escolha de nome assentou como uma luva. Dona Olimpia tornou-se na sua principal conselheira e logo viu o seu filho, sobrinho e primo serem nomeados cardeais-sobrinhos. Como o nome indica, um cardeal-sobrinho era alguém nomeado por um Papa que era seu tio ou parente. Era natural, à época, que o Papa se rodeasse de familiares e amigos e os agraciasse com os melhores cargos (como hoje em todos os Estados). Porém, nenhum deles era competente para exercer o cargo e acabaram por sair pelo próprio pé ou foram afastados por Olimpia.

Dona Olimpia exerceu uma influência brutal sobre Inocêncio X, ao ponto de ele não conseguir tomar nenhuma decisão sem ela. Agraciou-a com o título de Princesa de São Martino. Há registos de que tudo passava por ela. Até as nomeações de bispos ou de qualquer outra vaga que abrisse na Igreja. Ela depois decidia quem beneficiar com o privilégio.

Quando Inocêncio estava às portas da morte, Olimpia encarregou-se de lhe ficar com os bens. Quando ele morreu, ela fechou a porta dos apartamentos papais e proibiu quem quer que fosse de entrar, pois o Papa estava muito doente e não devia ser importunado. Três dias depois, Inocêncio foi encontrado sem vida e completamente pobre. A família, entre os quais estava dona Olimpia, declarou que não tinha bens para sepultar o Papa. Foi o mordomo quem pagou o enterro de Inocêncio X. Alcinharam Olimpia com o nome Papisa.

A verdadeira Papisa viveu durante o Século XX. Chamava-se Pasqualina Lehnert. Foi dela a ideia de constituir um instituto que ajudasse as ordens a fazer caridade no mundo inteiro. Deram-lhe o nome de IOR e depois fizeram dele outra coisa qualquer. Foi também a única mulher da história a ter presenciado um conclave. Era uma grande mulher, inteligentíssima, fez cardeais esperarem meses para serem recebidos pelo Papa, alguns deles tornaram-se papas mais tarde. Vivia para a Igreja e para o seu Papa. Há muito para dizer sobre Pasqualina, há muito para descobrir sobre ela. Foi a mulher mais poderosa em toda a história da Igreja e, no entanto, ninguém a conhece.

Terra de ninguém



Castelo de Sant'Angelo, em Roma.

Há uma parcela de terra, com cerca de oitocentos metros, que tem o nome muito antigo, e já em desuso, de *Terra di Nessuno* (Terra de Ninguém). Corresponde a uma zona também denominada *Corridoio di Castello* (Corredor do Castelo), que foi mandada construir pelo Papa Nicolau III em 1277, e liga o Vaticano ao Mausoléu de Adriano.

Nicolau III foi o Papa que sucedeu ao português Pedro Hispano (que adoptou o nome de João XXI), e é retratado na *Divina Comédia*, de Dante, no Oitavo Círculo do Inferno, condenado a passar a eternidade por ter cometido o pecado de simonia. Foi também acusado de nepotismo excessivo durante o seu curto pontificado. Elevou três parentes próximos ao cardinalato e inúmeros outros a cargos de confiança. Para além disso, emitiu um decreto que proibia estrangeiros de trabalhar como funcionários públicos.

A *Terra di Nessuno* ou *Corridoio di Castello*, como preferirem, sempre se provou eficaz como meio de fuga em caso de ataque. Vários papas utilizaram este corredor para se salvarem em tempos de guerra. Os mais famosos foram Alexandre VI, o Papa Bórgia, em 1494, que o usou para escapar da invasão de Carlos VIII de França, e o Papa Clemente VII, em 1527, para fugir do exército de Carlos V, naquilo que ficou conhecido como Saque de Roma, e quase arrasou com os mercenários da Guarda Suíça que, heroicamente, conseguiram salvar o Papa.

Tanto o Mausoléu de Adriano como o Corredor do Castelo, ou Terra de Ninguém, estão bem à vista dos turistas. Se estiverem na Praça de São Pedro, de frente para a basílica, olhem para o vosso lado direito. Atrás da Colunata encontram uma espécie de muralha. Podem segui-la durante os seus oitocentos metros de comprimento até ao Mausoléu de Adriano.

A *Terra di Nessuno* ou *Corridoio di Castello* é mais conhecido atualmente como *Passetto di Borgo* ou, simplesmente, *Passetto* e o Mausoléu de Adriano é o conhecido Castelo de Sant'Ângelo.

Seleção de futebol do Vaticano



O Príncipe Alberto do Mônaco saúda os jogadores da Seleção Nacional do Vaticano no encontro com o Principado do Mônaco realizado em junho de 2013.

A Seleção Nacional de Futebol da Cidade do Vaticano foi fundada pelo Papa João Paulo II em 1978, quando criou a Federazione Vaticanense Giuoco Calcio (Federação Vaticana de Futebol).

A equipa é composta por guardas suíços (cidadãos suíços) e guardas dos museus (cidadãos italianos). Uma vez que apenas os guardas suíços podem obter cidadania vaticana, a seleção é uma das poucas que não faz parte da FIFA, e participa somente em jogos particulares.

O cardeal Tarcisio Bertone, secretário emérito do Estado do Vaticano, um fã incondicional do desporto, sugeriu em 2006, que se recrutassem os alunos dos seminários de todo o mundo para jogarem na equipa, e se inscrevessem na Série A italiana. Se tal ideia tivesse sido seguida pelo Santo Padre, a equipa de futebol do Vaticano seria uma das mais fortes. Só para terem uma ideia, no Mundial de 1990, de todas as equipas que foram à fase final, havia um total de quarenta e dois jogadores que frequentavam colégios Salesianos, e isto só para referir uma ordem. Contudo, a ideia ainda está em banho-maria.

O estádio da seleção chama-se Pio XII, fica nos Montes Albanos e tem capacidade para mil e quinhentos espectadores.

O primeiro jogo oficial da seleção vaticana ocorreu a 23 de Novembro de 2002 contra o Mônaco. O resultado foi um empate a zero golos. Em 2006, novo jogo, desta feita contra a seleção de San Marino, com novo empate a zero golos. Em Outubro de 2010, a

seleção Vaticana foi derrotada pela seleção da Palestina por 9-1. Em Maio de 2011, repetiu-se o confronto, em casa, com a equipa do Mônaco, com a vitória dos visitantes por 2-1. Este é o currículo da seleção no que toca a jogos internacionais.

A nível interno as contas são outras. Foram os vencedores da Catholicus Cup, em 2007, ao derrotarem na final a equipa composta por clérigos e leigos da Nazionale Italiana Religiosi por 3-0. Mais recentemente, derrotaram por uns contundentes 9-1 a Stazione Carabinieri di Roma.

Mas no Vaticano não há só a seleção nacional. Existe também um campeonato nacional que se chama Clericus Cup e que se realiza desde 2007. Os clubes são dezasseis e foram criados pelos seminários de Roma, mais a Pontifícia Universidade Gregoriana, atual campeã em título, e integra jogadores de sessenta e cinco países. A diferença para os campeonatos que conhecemos é que, por norma, a carreira destes profissionais termina quando são ordenados padres. O Redemptoris Mater é o Futebol Clube do Porto lá do sítio, pois em cinco edições já venceram três vezes.

O equipamento da seleção nacional é composto por calções amarelos com uma lista branca e camisola amarela. Entre 1978 e 1992, o fornecedor foi a Adidas, entre 1992 e 2005, a Legea, entre 2005 e 2011, a Lotto e, neste momento, quem fornece os equipamentos é a Puma.

Palácio Apostólico



Palácio Apostólico visto da Praça de São Pedro.

Quem está na praça de São Pedro, envolvido pelo abraço da Colunata de Bernini, é dominado, em frente, pela basílica onde repousam os restos mortais do apóstolo e, do lado direito, pelo Palácio Apostólico. Defendem os historiadores que, desde a primeira Basílica de Constantino, erigida no Século IV, deve ter havido ali algum tipo de residência para o bispo ficar próximo de um lugar sagrado tão importante. Porém, as únicas certezas são que o Papa Símaco (498-514) mandou construir um edifício do lado direito da antiga basílica, e que os seus sucessores, através de muitas obras e aumentos sucessivos, transformaram a residência em palácio.

Entre abandonos e restauros, demolições e reconstruções sistemáticas, temos de esperar até ao Século XVII para que o palácio ganhe a forma definitiva que hoje lhe conhecemos. Mas, na verdade, aquilo que conhecemos como Palácio Apostólico é um complexo de construções e não uma edificação única.

Desta vez, vamos deixar a história da construção do palácio de fora e focar-nos no seu interior. Como é o Palácio Apostólico por dentro? O melhor é irmos por partes para não nos perdermos.

Em primeiro lugar, vamos concentrar-nos nas partes residenciais. Convém referir que o palácio não foi construído com intenções habitacionais e, por isso, essa parte é muito pequena. A maior parte do complexo está alocada à arte, às ciências, à administração da Igreja e, a fatia de leão, ao turismo. Não podemos esquecer que o Palácio Apostólico é um enorme museu.

A porção habitacional do palácio fica em torno do pátio de São Dâmaso. Guarda Suíça, Gendarmaria, câmara pontifícia, Secretariado e outras dignidades de menor importância residem todos perto uns

dos outros.

O Papa ocupa dois andares na parte do palácio virada para Roma. O terceiro, o superior, é onde ele reside com dois secretários e vários serviçais. É composto por uma suíte e três quartos. No segundo é onde o Papa trabalha e recebe visitas. O Papa não tem só um gabinete de trabalho, mas dois, e muda de um para o outro todos os dias. Um recebe o sol de manhã e o outro de tarde.

É também no segundo andar que ficam as salas de recepção aos visitantes que entram pela Sala Clementina, onde dois guardas suíços vigiam a entrada dos aposentos papais. As audiências públicas ou de Estado são feitas na Sala do Trono, as privadas numa outra sala, por trás da imponente Sala do Trono, que se chama *Sala del Tronetto*. Esta divisão pode servir também como sala de trabalho e fica entre a Antecâmara Secreta – onde o mestre de cerimônias, os mordomos, os cardeais e pessoas de estatuto aguardam a sua vez para as audiências da Sala do Trono –, a Biblioteca Papal e a capela privada do Papa. A Chancelaria Papal fica por cima da biblioteca e só pode ser acedida por esta via. É aqui que dois secretários, assessorados por assistentes, tratam dos assuntos não oficiais do Santo Padre.

Abaixo destas salas de recepção e trabalho ficam os aposentos do Secretário de Estado. Para além da parte residencial, tem também os gabinetes de assuntos internos (que estejam relacionados com o Estado Cidade do Vaticano) e assuntos externos (que tenham que ver com a relação com os outros Estados). Neste último, recebe os diplomatas acreditados na Santa Sé, duas vezes por semana, entre outros visitantes.

Entre o pátio de São Dâmaso e os portões de bronze – aqueles que se veem depois de se passar o raio X de acesso à basílica, com um guarda suíço em sentido –, ao longo da *Scala Pia*, ficam os aposentos do mestre do palácio, mestre de cerimônias, mordomo, Subsecretário de Estado, prefeito da Biblioteca do Vaticano, alguns serviçais e oficiais administrativos. Os guardas suíços e gendarmes têm alojamento no quartel de cada força.

As salas de Estado do Palácio Apostólico



Sala Regia - Visita oficial de John Kerry, secretário de Estado norte-americano.

As salas de Estado do Palácio Apostólico foram construídas à medida das necessidades e essa é a principal razão para que cada uma reflita o tempo em que surgiu.

Uma das mais importantes é a *Sala Regia*. Na verdade, esta sala ampla é a antecâmara da Capela Sistina, aonde se chega pela *Scala Regia*. Foi mandada construir pelo Papa Paulo III, sob as ordens de Antonio da Sangallo, o Jovem. As paredes são ornamentadas por magníficos frescos de Giogio Vasari e Taddeo Zuccaro, onde estão espelhados momentos importantes da história da Igreja. No início, a sala servia para receber chefes de Estado, príncipes e embaixadores. Atualmente, é onde se realizam os consistórios. Curiosamente durante os conclaves, é o local preferido pelos cardeais para passear.

Colada à *Sala Regia* temos a *Sala Ducale*. No lugar onde encontramos esta divisão, havia duas salas. Foi Bernini quem a transformou, deitando a parede que as dividia abaixo. As pinturas decorativas são da autoria de Raffaellino da Reggio, Sabbatini e Matthæus Brill. Antigamente, esta sala era usada para consagrar bispos (ainda o é, ainda que raramente), mas a sua principal função é receber peregrinos importantes. Serve também como sala de apoio aquando dos consistórios na *Sala Regia*.

À esquerda da *Sala Ducale* há outra mais pequena chamada *Sala dei Paramenti*. O seu nome deve-se ao facto de ser o local onde o Papa se veste quando tem eucaristias na Capela Sistina. Esta sala é privada e não pode ser visitada pelo público em geral. As paredes estão peçadas de pesadas tapeçarias de cores berrantes. É aqui que o séquito papal se reúne na Páscoa para receber a comunhão das mãos do Santo Padre.

A *Sala Concistoriale* é grande, mas estreita. Foi mandada construir pelo Papa Clemente XIII. É usada para recepções solenes, ou consistórios secretos, ou outros actos oficiais presididos pelo Papa. É uma sala com pouca luz e escurecida ainda mais pelas cortinas vermelho-escuro que lhe conferem um tom faustoso e misterioso ao mesmo tempo. As paredes suportam enormes pinturas a óleo com motivos religiosos e o tecto é magnificamente decorado com talha dourada. Uma das peças que não se pode deixar de ver é o trono, exageradamente elaborado, que se encontra nesta sala.

A *Sala Clementina* é uma das maiores. Fica no segundo andar, à frente da *Sala Concistoriale* e acede-se a ela através da *Scala Nobile*. Tem sempre um destacamento de guardas suíços junto às portas da direita, que dão acesso aos apartamentos papais. A meio da sala podemos ver um candeeiro colossal que combina na perfeição com o ambiente. Os frescos decorativos estendem-se pelas paredes e pelo tecto. O brasão de Clemente VIII, o Papa que mandou construir a sala, é uma presença constante. Esta enorme divisão funciona como sala de espera ou sala de vestir, no caso de haver alguma recepção na *Sala Concistoriale* ou para receber peregrinações grandes.

Seguimos para a *Sala degli Arazzi* ou, em português, Sala das Tapeçarias, que recebe o nome devido às inúmeras tapeçarias flamengas que decoram as paredes. Acima das tapeçarias podemos ver frescos de paisagens que conferem a esta sala um tom bucólico. O brasão do Papa Paulo V domina a divisão, deixando testemunho de quem a mandou construir. É uma sala plena de harmonia. Cortinas interiores de seda branca contrastam com as exteriores de seda verde, criando uma iluminação muito própria. O chão é coberto por mosaico de mármore.

Finalmente, uma das mais pequenas salas de Estado, a *Sala del Trono*. Atualmente, é onde se recebem os chefes de Estado e os dignitários mais importantes. O chão é coberto por uma tapete espanhol caríssima, presenteada ao Papa Leão XIII. Há quem diga que a tapete é indestrutível. À direita e à esquerda do trono podemos ver duas enormes mesas de mármore onde repousam dois relógios antigos. Do lado oposto ao trono, há um enorme crucifixo de marfim, extremamente valioso.

A morte de Albino Luciani, o Papa João Paulo I



Túmulo de João Paulo I, na Basílica de São Pedro.

Oficialmente, foi há trinta e quatro anos, no dia 28 de Setembro de 1978, que morreu o Papa João Paulo I. Oficiosamente, muitos testemunhos apontam que o Papa só pode ter morrido no dia 29. Não nos vamos prender com questões de semântica. O facto inquestionável é que o Papa Luciani nos deixou na noite de 28 para 29 de Setembro de 1978.

Nunca saberemos concretamente o que aconteceu naquela noite. Há um prestigiado historiador francês, chamado Jacques Le Goff, que faz duas perguntas extremamente importantes sobre este mundo de historiar, ou seja, de registar os actos do Homem no tempo: "Eslavas lá? Viste?" Parecem duas perguntas estapafúrdias, mas o facto é que mesmo nos capítulos da história que consideramos muito bem documentados, nós não estávamos lá e não vimos. Baseamo-nos nas fontes que nos chegaram sob várias formas, e quer elas sejam documentais, testemunhais ou monumentais, são sempre tendenciosas e, em último caso, mentirosas. Todos, sem excepção, desde que se faz história, querem narrar os grandes feitos e deixar esquecer os podres.

Se pegarmos na morte do Papa Luciani, temos exemplos gritantes dessa tendência para a mentira inerente ao ser humano, e em como um documento não é sinónimo de verdade. Podemos começar pelo comunicado do Vaticano que foi publicado no *L'Osservatore Romano*, de 29 de Setembro, e lido na Rádio Vaticano:

"O Papa João Paulo morreu um pouco antes da meia-noite da noite passada, de enfarte agudo do miocárdio. O seu corpo foi encontrado pelo seu secretário Magee às 6h30, quando foi chamá-lo depois de ele não ter aparecido na missa da manhã na capela. Estava sentado na cama, com o seu traje de trabalho, a luz ligada e os óculos

no rosto a ler o *Imitação de Cristo*, livro que estava nas suas mãos. O padre Magee chamou o cardeal Jean Villot que executou a extrema-unção... Villot bateu gentilmente na testa do Papa três vezes, sem resposta. Retirou o anel do pescador do dedo de João Paulo e destruiu-o, terminando um dos pontificados mais curtos da história...”

Vamos ver o que está mal neste texto. A lei canônica estabelece que a alma deixa o corpo quando o *rigor mortis* se estabelece. Difícilmente um cardeal executaria a extrema-unção a um cadáver já frio. Segundo, era público que o Papa Luciani recusara o anel de pescador, portanto não havia nenhum anel para destruir. Terceiro, o exemplar do *Imitação de Cristo* estava em Veneza e o Papa não o tinha com ele.

Depois, temos as testemunhas, nomeadamente os embalsamadores, os irmãos Signoracci, que disseram que o Papa não estava a ler qualquer livro, mas tinha um conjunto de papéis nas mãos e ainda estava quente, não podendo ter morrido há mais de duas horas. Mais, tinham sido acordados às 5h00 e chegaram ao palácio cerca das 5h40 (ANSA - Agência de Notícias Italiana, 29/10/78). Esperem! 5h40? Mas o corpo do Papa não foi encontrado às 6h30?

Não é isso que diz o comunicado? É. Mas quem escreveu o comunicado talvez se tivesse esquecido que todos os carros que entram e saem do Vaticano são minuciosamente registados. Nesse registo está indicado que saiu um carro para ir buscar os irmãos embalsamadores às 5h23.

Não sabemos se foi por estas declarações à imprensa ou não, mas a 10 de Outubro, o Vaticano emitiu novo comunicado:

“Desejamos corrigir o comunicado de 29 de Setembro, no qual afirmamos que foi o secretário do Papa, Magee, quem encontrou o corpo. O Papa foi encontrado pela freira (Vincenza) que lhe entregava o café todas as manhãs às 4h30. Quando ela viu que alguma coisa não estava bem chamou o padre Magee...”

Desejamos corrigir a nossa afirmação sobre aquilo que o Papa estava a ler. Não era o *Imitação de Cristo*. Foi um erro de comunicação. O Santo Padre estava a rever alguns papéis. O facto de os ter mantido direitos nas mãos enquanto sofreu o ataque massivo só pode ser explicado pela graça de Deus...” (*L’Osservatore Romano*, 10/10/78)

Avaliemos agora a certidão de óbito. O doutor Buzzonetti atesta que o Papa morreu de um enfarte do miocárdio agudo, às 23h do dia 28 de Setembro. Mais, diz que isso foi testemunhado às 6h00 do dia seguinte. (Perfeitamente consonante com o facto de terem encontrado o corpo mais cedo do que o primeiro comunicado sugeria.) A Ordem dos Médicos italiana reagiu de imediato dizendo: “É irresponsável para qualquer profissional de saúde inferir um enfarte do

miocárdio sem autópsia, quando a morte não foi testemunhada e o paciente não tem qualquer historial de doença cardíaca.” (*La Repubblica*, 1/10/78)

Deixem-me explicar que o quarto onde o Papa dorme tem um cordão, junto à cabeceira que, quando puxado, ativa um sinal sonoro na mesa do guarda que está à porta da divisão. É só levantar a mão uns centímetros quando deitado. Sentado estaria ao nível da cabeça. Os últimos dados sugerem que o guarda era o jovem Alois Estermann, o mesmo que foi assassinado em 1998. Tem também um botão vermelho, na mesa de cabeceira, que a tiva um alarme no palácio. Todas as dez pessoas que dormiam no palácio naquela noite (Villot, Casaroli, Caprio, Magee, Lorenzi, Vicenza e quatro freiras que a assistiam) seriam acordadas assim que premisse o botão.

Vamos supor que o enfarte aconteceu. Falei com vários cardiologistas e médicos de outras áreas que me garantiram que nenhum ataque cardíaco, por mais fulminante que fosse, impediria o Papa de puxar o cordão ou premir o botão. Mas vamos pensar que tal aconteceu mesmo assim e o Papa se viu impedido de chamar ajuda. Seguramente não manteria, de forma nenhuma, os papéis nas mãos.

O escritor John Cornwell defende que se tratou de uma embolia pulmonar. Mais uma vez, vamos acreditar que foi. Quando o Papa tivesse dificuldade em respirar e dores torácicas teria tempo de puxar o cordão ou premir o botão. Mas vamos imaginar que tal não aconteceria e o Papa não conseguiria chamar ajuda. Manteria os papéis perfeitamente direitos nas mãos?

O comportamento de Villot, o Secretário de Estado, também é estranho. Mandou embalsamar o corpo muito antes das 24 horas legais (ao meio dia já estava embalsamado) e selou os apartamentos papais antes das 18h desse mesmo dia (normalmente leva-se cinco dias a selar os apartamentos papais). Porquê a pressa?

Nenhuma das nove cópias do testamento de Luciani (três das quais estavam em Veneza) alguma vez apareceu. Foram enviados emissários a Veneza para recolher tudo o que o malogrado Papa escrevera. Porquê?

Há muitas dúvidas e questões sobre a morte de Albino Luciani. Os motivos do homicídio podem ser encontrados em *O Último Papa*.

Não esqueçamos o pormenor dos óculos que o Papa estava a usar para ler os papéis que permaneceram perfeitamente alinhados nas suas mãos depois de um ataque cardíaco fulminante ou de uma embolia pulmonar fatal. O que é que têm os óculos? Nada de especial, a não ser que o Papa Luciani não usava óculos para ler.

As capelas no Palácio Apostólico



Conversão de Paulo, de Miguel Ângelo.

No Palácio Apostólico existem dezenas de capelas. Algumas até foram encontradas recentemente, escondidas por portas fechadas ou emparedadas. Neste capítulo vamos falar das mais importantes.

Começemos pela Capela de São Martinho e São Sebastião, mais conhecida como capela da Guarda Suíça. Fica no rés-do-chão, perto dos Portões de Bronze e do quartel da Guarda. Nela são celebrados serviços eucarísticos para os soldados pelo capelão da Guarda. É uma capela que data do Século XVI e cujos frescos são da autoria de Giorgio Vasari.

No segundo piso temos uma capela usada para o Papa celebrar a missa quando o número de peregrinos é grande. Chama-se *Capela della Sala Matilde* e fica na sala com o mesmo nome, mandada construir pelo Papa Pio X.

Também no segundo piso, junto às salas de Rafael, encontramos a Capela de Nicolau V, também conhecida como Capela de São Lourenço. Quem a mandou construir foi, como o próprio nome indica, o Papa Nicolau V, e nela podemos encontrar os frescos mais famosos de Fra Angélico sobre as vidas de São Lourenço e Santo Estêvão. É uma verdadeira pérola.

Outra das capelas mais extraordinárias do palácio é a *Capela Paulina*, mandada construir pelo Papa Paulo III, que encarregou Antonio da Sangallo, o Jovem, do trabalho em 1540. Nela podemos encontrar dois frescos da autoria de Miguel Ângelo, a *Conversão de Paulo* e a *Crucificação de Pedro*. Os outros são de Sabbatini e

Zuccaro. Antes da abertura do conclave, o colégio cardinalício reúne-se nesta capela e é também aqui que se realizam as missas *De Spiritu Sancto*, nas quais todos os cardeais têm de estar presentes.

Depois da *Capela Paulina*, e separada apenas pela *Sala Régia*, encontramos a famosíssima *Capela Sistina*, onde decorrem todas as eleições papais. Foi construída entre 1473 e 1481 por Giovanni de Dolci, sob ordem do Papa Sisto IV. Quase todo o espaço está ocupado com os magníficos frescos de Miguel Ângelo, excepto as paredes laterais. Do lado esquerdo temos cenas da vida de Moisés e do direito da vida de Cristo. Foram executadas por grandes mestres que, neste local, foram ofuscados por Miguel Ângelo. Perugino, Pinturicchio, Botticelli, Pier di Cosimo, Roselli, Signorelli, Ghirlandaio.

Entre a *Sala degli Arazzi* (Sala das Tapeçarias) e a *Sala do Trono*, encontramos a capela privada do Papa. Este local está reservado a missas celebradas pelo Papa ou alguém da sua confiança e é apenas assistida pelos seus serviçais ou clérigos confiáveis. É uma capela sobre a qual se sabe muito pouco.

Os títulos dos vários membros da hierarquia católica



Papa Francisco saúda diferentes membros do clero.

Há pronomes de tratamento para nos dirigirmos aos vários membros que compõem a hierarquia católica. Por exemplo, a um padre devemos dizer “senhor padre” ou “senhor reverendo”. A um monsenhor devemos dirigir-nos com um “reverendíssimo monsenhor”. Um bispo já aumenta substancialmente a parada. Nada menos que um “sua excelência reverendíssima” ou um simples “excelência”. Um cardeal é uma “eminência reverendíssima” ou “eminência” e, como todos sabem, um Papa “sua Santidade”.

João Paulo I não admitia nenhum tratamento deste gênero.

Quando foi padre, em 1935, ou bispo, ou cardeal, ou Papa nunca deixou que o tratassem pelos pronomes de tratamento designados. E ficava bastante incomodado quando alguém se ajoelhava para lhe beijar a mão.

Em 1976, quando já era cardeal, Luciani encontrou alguns jovens turistas num café em Veneza, onde era Patriarca. Passeou com eles, mostrou-lhes a cidade, tomaram café. Quando se despediu disse-lhes para no dia seguinte o procurarem no palácio patriarcal. Fazia questão de lhes oferecer um chá.

“Vivo ao lado da Basílica de São Marcos”, explicou.

“No palácio patriarcal?”, estranharam eles.

“Sim”

“E por quem devemos chamar?” perguntaram.

“Digam que são convidados do *Piccolo*”.

Os jovens não faziam ideia de quem tinham pela frente.

No dia seguinte foram ao palácio. Apresentaram-se e disseram que eram convidados do *Piccolo*. Com muita deferência, levaram-nos à sua presença no faustoso gabinete do cardeal. Por todo o palácio,

no elevador, nos corredores, viram muitos guardas suíços que os deixaram passar. Encontraram *Piccolo* trajado com vestes de cardeal e ajoelharam-se.

“Eminência, não sabíamos...”, disseram como se tivessem cometido algum pecado.

“Ora, meus amigos. Aqui não há nenhuma eminência. Sou o mesmo *Piccolo* com quem passearam ontem.”

Pediu-lhes que se levantassem e que se sentassem no sofá. Havia mais gente na sala. Clérigos trajados com os mais diversos hábitos.

“O *Piccolo* é mesmo assim”, disse um homem vestido de branco. “Sempre a fazer amigos e a convidá-los para o chá.”

Esse homem estava de visita ao seu cardeal-patriarca e chamava-se Paulo VI. (*Messagero Mestre*, 14/08/1976)

As escadarias de Estado do Palácio Apostólico



Scala Regia, de Bernini.

Depois de vermos o Palácio Apostólico como lugar de residência, as salas de Estado e as capelas, chegou a vez das escadarias de Estado. Escadarias de Estado? Sim, parece estranho, mas o Palácio Apostólico tem três.

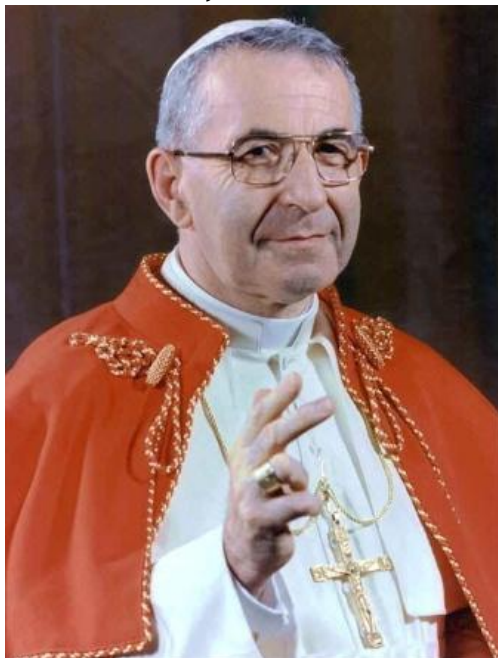
A mais conhecida é a *Scala Regia* que conduz à *Sala Regia*. Foi construída pelo mago Bernini, por encomenda do Papa Alexandre VII. Está tão engenhosamente construída que ninguém se apercebe que ela é mais estreita no topo. Qualquer dignitário que as suba fica impressionado com a sua grandiosidade.

A segunda escadaria de Estado vai da entrada principal do Vaticano, os portões de bronze, até ao Pátio de São Dâmaso. Foi mandada construir por Pio IX e, por isso, chama-se *Scala Pia*. Os degraus são em granito e as balaustradas em mármore. Do lado esquerdo de quem a sobe há uma janela grande que se abre para a Praça de São Pedro.

A terceira escadaria de Estado é a *Scala Nobile*. Liga o Pátio de São Dâmaso aos apartamentos papais no terceiro andar. Passa também pelos aposentos do Secretário de Estado do Vaticano. Os degraus são de mármore branco e as paredes amarelas.

Para além das três escadarias de Estado, há mais de três centenas por todo o palácio.

Albino Luciani, um homem normal



Albino Luciani, o Papa João Paulo I.

Albino Luciani nasceu numa família muito pobre, em Forno di Canale (atualmente Canale D'Agordo), no dia 17 de Outubro de 1912. Esta pequena aldeia fica na província de Belluno, na região de Veneto. O seu pai chamava-se Giovanni Luciani e a sua mãe, uma católica devota, chamava-se Bortola Tancon. Tinha mais dois irmãos e uma irmã. O pai era um ateu socialista que teve de emigrar para a Suíça, onde ninguém o conhecia, para poder arranjar emprego.

Muito cedo ele reparou que o mundo onde vivia era injusto e cruel, especialmente para os órfãos que deambulavam pela aldeia, e eram vistos não como atualmente os vemos, mas como miúdos a quem era negado qualquer tipo de ajuda. Nem sequer podiam frequentar a missa e Albino preferia estar com eles. Chegava a partilhar a sua escassa comida com estes órfãos.

Em Outubro de 1923, com onze anos, entrou para o Seminário de Menores de Feltre. Nunca antes tinha entrado num local com canalização.

Em 1926, trabalhava no jornal do seminário e escreveu o seu primeiro artigo, que percorreu o mundo.

“... Os problemas do Ocidente só terminarão quando as nações requererem que o *Antigo Testamento* seja vendido com um aviso que diga ‘Isto é uma obra de ficção. Manter fora do alcance das crianças.’

A função deste aviso serve para proteger o público daquilo que

pode não ser verdade. O Estado está em falha ao não colocar este aviso, já que muitas pessoas usam--no como guia para o seu cotidiano e isso está a custar a muitos outros as suas vidas.

Não há uma palavra neste livro que tenha sido dada como provada. Mais, a maior parte daquilo que foi estabelecido por Moisés foi provado como falso. Afinal, todos sabemos que a Terra é redonda. Não podemos acreditar num homem que disse ter, alegadamente, falado com Deus e que pensava que a Terra era plana. É óbvio para qualquer homem ou mulher que tenha consciência que este livro não foi inspirado por Deus; pelo contrário, foi inspirado pela ganância e ódio de homens maus.” (*Boletim da Paróquia de Feltre*, 10/05/1926 e *London Times*, 22/06/1926)

As reações ao texto foram diversas. Alguns riram da brincadeira do garoto, outros exigiram a sua expulsão e excomunhão. Albert Einstein considerou-o “o primeiro texto com bom senso a sair do seio da Igreja Católica Romana em quase 2000 anos.” (*Leidsch Dagblad*, 25/06/1926)

Decidiram-se por não o castigar, mas o facto é que não foi brincadeira. Luciani haveria de odiar a figura de Moisés, considerando-o a raiz do mal do mundo, até à sua morte.

Foi sempre muito travesso para os colegas e, especialmente, para os professores. Conhecem-se as discussões que tinha com Don Filippo, o professor de catequese.

“Adão e Eva tinham três filhos. Sete, Caim e Abel. Depois de Caim matar Abel sabemos que ele formou família. Posso supor então que a sua esposa era a sua própria mãe, Eva, pois não havia mais nenhuma mulher?”, perguntava ele.

Embora a Bíblia não o mencione, Adão e Eva tiveram filhas. A Bíblia não as menciona porque as mulheres não eram importantes. Como os outros animais, as mulheres eram apenas mercadorias e propriedade dos homens”, explicou Don Filippo.

“Então, nessa época era natural ter sexo com as irmãs?”

E toda a classe ria, enquanto Don Filippo se calava, incomodado.

Pouco depois mudou-se para Belluno, onde se consagrou padre em 1935, assumindo a paróquia onde nasceu. Um dos seus primeiros trabalhos foi ajudar a irmã do reitor que estava gravemente doente. O problema é que esta tinha deixado o marido e juntou-se a outro companheiro e isto era um pecado mortal.

“Tem de salvá-la das garras de Satanás. Convença-a a renunciar ao companheiro ou será sepultada em solo não sagrado e arderá no inferno.”

Quando Luciani chegou ao hospital foi informado de que a irmã do reitor tinha apenas algumas horas de vida e, provavelmente, não

chegaria ao dia seguinte. Luciani entrou no quarto e deu-lhe a mão. Contou-lhe imediatamente a má notícia. Iria morrer em breve.

“Ama o seu companheiro?”, perguntou Luciani.

“Com todo o meu coração.”

“Então agarre-se a esse amor. Nunca desista dele. Nem por mim, nem pelo seu irmão, nem sequer pelo Papa. O amor pelo seu companheiro não lhe foi dado pelos homens, mas por Deus. Ele não gostaria que Lhe devolvesse esse amor para satisfazer os caprichos dos homens. Prometo-lhe que há um lugar no Céu para si e para o seu companheiro.”

Assim começou o seu sacerdócio e continuou ao longo dos anos.

Itália tinha uma população de órfãos na casa dos dois milhões, e Luciani tentou junto do Parlamento italiano, em 1959, a legalização da adoção pelos solteiros. Esta posição valeu-lhe muita oposição.

“Isso daria aos homossexuais a possibilidade de adotarem” insurgiu-se um deputado.

“O desejo de ter filhos é uma necessidade básica humana.” respondeu Luciani.

“Mas os homossexuais são pedófilos”, contrapôs o deputado.

“A homossexualidade é um instinto dado por Deus e a pedofilia é uma perversão. Mas já que o senhor pensa assim, deixe-me dizer-lhe que se o objectivo é prevenir a pedofilia, a única atitude lógica é autorizar que os homossexuais possam adotar apenas crianças do sexo oposto. Isto reduziria o abuso sexual nas adoções para zero. Se permitirmos que os heterossexuais adotem, as crianças de ambos os sexos correrão riscos. Há casais homossexuais que adotam deficientes, crianças com idade superior a 6 anos, que é a maioria da nossa população infantil. Os casais heterossexuais querem apenas os mais bonitos, os mais saudáveis, como se estivessem numa loja para animais.” (Parlamento Italiano, ABA35860 16/01/1959 *La single condizione di genitore*, Albino Luciani.)

Em Abril de 1970, Luciani declarou:

“É fácil encontrar pessoas que usam a pílula e outros contraceptivos e não acreditam que estão a pecar. Esta é uma questão muito difícil para a Igreja, pois afeta assuntos doutrinais. Eu digo que se esses casais pensam que não estão a pecar o melhor é não os incomodar.” (*Messaggero Mestre*, 12/04/1970)

Em 1978 nasceu o primeiro bebé profeta em Inglaterra. O Decano do Colégio Cardinalício, Cario Confalonieri, condenou o recém-nascido, e metralhou ao mundo que se tratava de um “demônio sem alma” (*L'Osservatore Romano*, 26/07/1978). Outros cardeais assinaram a mesma opinião. Quem nascia através de inseminação artificial não tinha alma, logo era um demônio.

Paulo VI já estava nos seus últimos dias e não se pronunciou. O cardeal Luciani chamou o seu secretário, Diego Lorenzi, e deu-lhe uma carta.

“Envia-me isto para os pais do recém-nascido.”

“Meus caros Lesley e John Brown,

Ofereço-lhes as minhas mais profundas felicitações pelo nascimento da vossa menina. Quero que fiquem tranquilos porque o lugar no Céu está garantido para ela e para vocês.”

Lorenzi sorriu.

“Uma carta é uma boa solução. Assim ninguém precisa de saber a opinião de sua Eminência.”

Luciani entregou-lhe outro papel.

“Este é para a imprensa.”

“Enviei as minhas mais sinceras felicitações aos pais da menina cuja concepção foi artificial. No que diz respeito aos pais, eu (a Igreja) não tenho qualquer poder para condená-los. Se agiram com honestidade e com boa-fé, têm mérito perante Deus pelo que pediram aos médicos para fazer” (Il Gazetino Venezia, 21/07/1978, e imprensa mundial)

A mensagem correu mundo e alguns jornalistas acorreram a Castelo Gandolfo, onde Paulo VI estava (e onde morreria dali a pouco menos de um mês), para conhecerem as reações do Papa às declarações de Luciani.

“O cardeal não podia estar mais certo. Está reservado para estes corajosos pais e para a menina um alto lugar no Céu. Infelizmente, não posso dizer o mesmo de muitos de nós que têm um alto lugar na Terra.” (*L’Osservatore Romano*, 30/07/1978)

Muitos atribuíram esta resposta de Paulo VI à sua parca saúde, ‘Talvez fosse uma mensagem para ele e para outros.

Albino Luciani fez muitas outras coisas. Espero um dia escrever um livro sobre o seu dia a dia. Hoje foi entregue a *Positio* (saberão todos os pormenores sobre o que é uma *Positio* no livro *A Filha do Papa*) para a beatificação de Luciani. Sou completamente a favor. A mesma notícia que anunciava a entrega da *Positio* dizia que Luciani não foi envenenado. Pois não, mas há muitas outras maneiras de matar um homem. Disse-me recentemente um padre que quando o Vaticano emite a sua versão, não há necessidade de procurar outra, pois aquela será sempre a palavra final. Infelizmente, é verdade.

Apesar de respeitador da hierarquia, Luciani não admitia que lhe chamassem reverendo, ou excelência, ou eminência, ou Santidade. Luciani era, e foi sempre, o *Piccolo*. Um miúdo curioso que pensava pela sua cabeça e a quem não bastava o constituído.

O Arquivo Secreto do Vaticano



Documento depositado no Arquivo Secreto do Vaticano.

Desde o início que a Igreja se dedicou a preservar os documentos que produziu. Essa atitude louvável permite-nos hoje ter acesso a algumas pérolas com um valor histórico incalculável. Infelizmente, não chegaram ao presente tesouros documentais da época do Cristianismo Antigo. Tudo isso se perdeu, à exceção de um escasso número.

O Arquivo Secreto do Vaticano começou a ser construído em 1198, por ordem do Papa Inocêncio III. Atualmente, tem mais de oitenta quilômetros de extensão, e uma parte significativa do seu conteúdo ainda não foi processada arquivisticamente.

Importa ressaltar o seguinte: até aos finais do Século XIX, Secreto significava Privado. Ora, Arquivo Privado do Vaticano já não é tão apelativo, pois não?

A gestão científica do Arquivo está entregue a um cardeal que tem o título de Arquivista. A gestão financeira é executada pela Prefeitura da Casa Pontifícia. O Arquivo não tem um orçamento pré-determinado. O assistente do Arquivista é o responsável pela gestão prática, sendo este quem distribui o trabalho. Há cinco *Scriptores*, incumbidos de fazer os inventários e superintender transcrições que serão enviadas para estudiosos que não residam em Roma. É a eles que estão entregues secções importantes dos arquivos. A sala de trabalho é supervisionada por dois *Custodes*, sendo um deles o diretor da *Scuola Paleografica*. Há cinco guardas na sala, que se chamam *Bidelli*, dos quais um é o *Capo Sala* (chefe de sala). É ele o responsável por registar o número de cota do manuscrito requerido, é ele que o entrega ao requerente (estudante, estudioso, historiador,

etc.), e é também ele quem recebe o manuscrito no fim do período de estudo. Para tratar os documentos que necessitam de restauro existem dois *Ristauratori* nos arquivos. Um funcionário trata exclusivamente de rotular e numerar os códices que não tenham numeração de página ou fólio. E, claro, não podemos esquecer o porteiro que guarda a porta da entrada da *Torre dei Quattro Venti*. (Foi nesta sala, que hoje pertence ao Arquivo, que trabalharam, em 1582, os astrônomos que formularam o *Calendário Gregoriano*.)

A sala de trabalho tem capacidade para sessenta pessoas (normalmente está sempre cheia), mas pode ser ampliada para oitenta se houver um corpo de investigadores muito grande. Em casos excepcionais, as mulheres podem ser autorizadas a entrar nos arquivos.

O famoso Arquivo Secreto do Vaticano tem inúmeros fundos e está dividido em oito secções, apesar de apenas uma ser, de facto, secreta:

- Arquivo Secreto

Tem setenta e quatro *Armari* (Estantes): Registos Vaticanos; *Diversa Cameralia*; *Collectoria cameræ apostolicæ*; Registo das Transcrições; Registo das Breves; Índices; *Tridentina et Diversa Germaniæ*; *Introitus et Exitus Cameræ*; *Instrumenta Miscellanea*.

- Arquivo de Avignon;

- Arquivo da Câmara Apostólica;

- Arquivo de Sant'Ângelo;

- Arquivo da Dataria;

- Arquivo Consistorial;

- Arquivo do Secretariado de Estado;

- Várias Colecções.

Há, no entanto, outros arquivos no Palácio Apostólico, à parte deste Arquivo Secreto. Um dos mais importantes é o Arquivo Apostólico Penitenciário. Outro é o imenso arquivo da Sacra Rota Romana, importante para tratar questões jurídicas e de jurisprudência. No terceiro andar fica o Arquivo da *Sacra Congregatio pro Negotiis Ecclesiasticis Extraordinariis*. Não é permitido entrar nem fazer qualquer investigação neste arquivo. Qualquer pedido para fazer uma investigação lá não obterá resposta, pelo que parece ser um dos mais interessantes existentes no Vaticano. Há também o valiosíssimo Arquivo da Capela Sistina, que está depositado na Biblioteca do Vaticano. Mas não ficam por aqui. Há ainda os dos três corpos de guardas, da Gendarmaria, do *majordomo*, do *maestro di camera*, do mestre do palácio sagrado, da administração do Óbolo de São Pedro, da *Elemosineria*, da *Computesteria*, da *Floreria*, do *maestro di casa*, etc.

A Biblioteca do Vaticano



Interior da Biblioteca do Vaticano.

A Biblioteca Apostólica do Vaticano figura entre as mais importantes do mundo. É, na sua essência, uma biblioteca de manuscritos, e é assim que é gerida. Obviamente, também contém livros, mas, ao contrário do que se possa pensar, foram obtidos por herança ou oferta e destinam-se, maioritariamente, a complementar o estudo ou o entendimento dos manuscritos.

O catálogo de manuscritos é composto por coleções fechadas e abertas. As coleções fechadas são aquelas que chegaram à Biblioteca completas, não havendo, por isso, mais itens para obter. São coleções que só por si compõem uma unidade. As coleções abertas são aquelas que foram adquiridas separadamente ou às quais, apesar de prefazerem uma coleção, faltam itens. Há trinta e seis coleções fechadas e dezasseis coleções abertas. As coleções fechadas foram rotuladas com o nome da origem, enquanto as abertas têm todas o nome *Códices Vaticani*.

Estão disponíveis inventários e catálogos tanto para os manuscritos como para os livros, em forma manuscrita e impressa. A preparação dos inventários começou em 1594, no tempo do Papa Clemente VIII, daí que eles próprios sejam históricos. Todos os inventários estão na Sala de Leitura. Os catálogos dos livros estão divididos pela Sala de Leitura e pela Sala de Consulta. O inventário dos manuscritos é composto por cento e setenta volumes e o dos livros tem dezassete, ainda que esteja, constantemente, a aumentar.

O administrador tem o nome de Protector da Biblioteca Vaticana. Este título honorário foi dado ao primeiro bibliotecário, Marcello Cervini, em 1548. Sob a alçada do Protector está um Prefeito

para as questões técnicas e científicas. Há seis *Scriptores* ordinários e cinco honorários. O Prefeito é assistido por um secretário que tem como funções tratar da parte financeira. Há sete *Bidelli* (assistentes) que trazem os manuscritos aos requerentes e mantêm tudo em perfeita harmonia na Sala de Leitura e de Consulta.

A gestão é acolhedora e até permitem a consulta de manuscritos fora do horário de expediente – das 8h45 às 12h00, de segunda a sexta, e das 15h00 às 16h00, à terça e quinta – àqueles que tenham um horário demasiado preenchido.

Está aberta a investigadores, professores, licenciados e, em casos excepcionais, a não licenciados. É completamente vedado o acesso a estudantes do secundário. É necessário um documento de identificação, que será deixado na Porta de Sant'Anna, na esquadra da Gendarmaria, uma carta de recomendação (pode ser do padre da paróquia) ou um certificado de habilitações.

Os Jardins do Vaticano



Os belos Jardins do Vaticano.

Um dos locais mais míticos do Vaticano é conhecido pelo nome de *Boscareccio*. Poucos o identificarão por esta designação, mas se usarmos a denominação mais comum, Jardins do Vaticano, já todos sabem o que é.

Os jardins ocupam uma área de vinte e três hectares, mais três de floresta, mais de metade do Estado do Vaticano, e para entrar neste lugar é necessário obter uma autorização do Subprefeito do Palácio Apostólico. Diz a lenda que este local foi coberto com terra trazida do Calvário, em Jerusalém, por Santa Helena, a mãe de Constantino, mas os jardins só foram criados na época medieval, quando o Papa Nicolau III assentou residência no Vaticano e ordenou a plantação de um Jardim e um pomar.

Foi durante o papado de Júlio II, o homem que colocou a primeira pedra na Basílica de São Pedro, que os jardins conheceram uma modificação de fundo, sendo divididos em três. O Pátio de Belvedere, o da Biblioteca e o da Pinha. Têm imensas fontes, um labirinto de cedros do Líbano, edifícios, monumentos que remontam ao Século IX, grutas artificiais e é onde fica o imponente Palácio do Governatorato. É um local perfeito para contemplar, meditar e passar horas de prazer.

As forças de segurança do Vaticano



Guarda Suíça no interior do Vaticano.

Quando se fala em forças de segurança no Vaticano, a primeira e única que nos vem à mente é a Guarda Suíça. Sim, a Guarda Suíça é uma das forças de segurança do Vaticano... entre outras.

Começemos pela Gendarmaria do Vaticano. É composta apenas e exclusivamente por italianos que têm de medir mais de 1,75 m e serviço militar de dois anos nas forças armadas italianas, concluído com distinção. Para além disso, necessitam de certificados de recomendação de instituições civis e religiosas que atestem o seu bom nome. Esta força tem deveres de manutenção da ordem pública, controlo de fronteiras, de trânsito, investigação criminal, segurança do Papa quando fora do Estado Cidade do Vaticano, policiamento dos jardins do Vaticano... Neste momento há 130 elementos na Gendarmaria Vaticana.

A Guarda de Honra ou Palatina era outra das forças do Vaticano, mas hoje já não existe. Foi fundada em 1850 pelo Papa Pio IX e era composta apenas por cidadãos romanos. Era um trabalho em *part-time* e não recebiam qualquer salário, excepto um subsídio para a aquisição do uniforme. As funções eram meramente cerimoniais, mas durante a Segunda Guerra Mundial foram encarregados de velar pela segurança do Papa, da cidade, de várias instituições do Vaticano em Roma e também de Castelo Gandolfo, conjuntamente com a Guarda Suíça. Esta força foi abolida por Paulo VI em 1970.

Temos também o corpo de Bombeiros do Vaticano, criado em

1941 por Pio XII. A sua principal função é a manutenção da segurança e higiene. Há um corpo permanente de prevenção no heliporto pontifício, e foram enviados para ajudar aquando do terramoto de Aquila. Para se ingressar no corpo de bombeiros é necessário ter uma idade entre 21 e 25 anos, ser solteiro, homem, católico (tal facto deve ser comprovado por carta do pároco da sua área de residência). Há 30 elementos ao serviço neste momento e nunca combateram um incêndio a sério.

A já mencionada Guarda Suíça é a mais relevante historicamente, embora hoje seja tão importante como a Gendarmaria. Para ser guarda suíço é necessário preencher um conjunto de requisitos obrigatórios: tem de ser suíço (obviamente), filho legítimo (bastardos, ponham-se a andar), católico, solteiro, idade até 25 anos, mais de 1,73 m de altura, saudável, sem quaisquer desfiguramentos no corpo, com o serviço militar cumprido nas forças armadas suíças. São necessários os seguintes documentos: certificado de residência, certificado de batismo e declaração de carácter, assinado pelas autoridades competentes da paróquia de residência. Se forem admitidos, a viagem para Roma é paga pelo próprio e o dinheiro só será devolvido ao fim de um ano de serviço (depois de atestado o bom comportamento), em prestações. Quem quiser deixar o corpo deve avisar com três meses de antecedência e pode fazê-lo quando bem entender. Ao fim de 18 anos de serviço tem direito a uma reforma de metade do salário, 20 anos dá direito a 2/3 e 30 anos a pagamento integral.

Os deveres da guarda são proteger a sagrada pessoa do Papa e o Palácio Apostólico, assim como todas as entradas entre o palácio e a cidade e os apartamentos papais.

Santa Aliança é o serviço de espionagem do Vaticano, também conhecido como a *Entidade*. Foi criado pelo Papa Pio V, com a finalidade de minar o protestantismo de Isabel I de Inglaterra. O nome foi dado pelo próprio Pio V, em homenagem à aliança secreta entre o Vaticano e a rainha da Escócia, Maria Stuart. Não se sabe quantos elementos tem este serviço.

E para terminar, não podemos deixar de mencionar o serviço de contra-espionagem do Vaticano. Chama-se *Sodalitium Pianum* e foi criada por Umberto Benigni, por ordem de Pio X, e visava perseguir todas as ideias modernistas. Em teoria, todos os padres em todo o mundo podem fazer parte, direta ou indiretamente, conscientemente ou não, deste serviço. É tremendamente eficaz. E é neste serviço que trabalha uma das minhas personagens principais da série *Vaticano*.

O ritual de passamento de um Papa



Os utensílios usados no ritual de passamento de um Papa.

O passamento de um Papa envolve um ritual curioso e, ao mesmo tempo, muito misterioso, como tudo o que se passa no Vaticano. A primeira coisa que tem de acontecer quando o Sumo Pontífice morre é uma confirmação de um médico. Depois dessa confirmação científica, o Camerlengo, aquele que substituirá o Papa interinamente (não precisa de ser um cardeal), chama o Papa pelo nome de batismo (não o da titulação papal) três vezes. A ausência de resposta confirma ritualmente a defunção.

E o martelo de prata? Já não é usado desde os tempos do Papa João XXIII, nem sequer para destruir o *Annulus Piscatoris* que tem sido o mesmo desde Pio XII. Apesar disso, o Papa Bento XVI encomendou um anel novo, mas não destruiu o anterior.

E quanto ao ritual de bater com o martelo de prata na testa do defunto três vezes? Já não se realiza desde o Concílio Vaticano II. O maior medo dos papas era serem enterrados vivos e, por isso, o Camerlengo batia com o martelo na testa do Pontífice, levemente, três vezes. Com a medicina atual esse receio não faz sentido e o costume deixou de se praticar.

A agência de serviços secretos do Vaticano



Papa Francisco acompanhado por elementos das forças de segurança do Vaticano.

A maioria das agências de serviços secretos têm alcunhas. A CIA é conhecida como a *Companhia*. O SIS britânico como *MI6*. A Mossad como o *Departamento*. O DGSE francês como a *Piscina*. O SIS português como a *Antena*. A Santa Aliança do Vaticano é conhecida como a *Entidade*.

Foi criada pelo Papa Pio, mas foi o Papa Sisto V quem transformou a organização num verdadeiro serviço de espionagem e operações especiais, com a ajuda dos jesuítas, tal como hoje os conhecemos.

Serviço de proteção civil do Vaticano



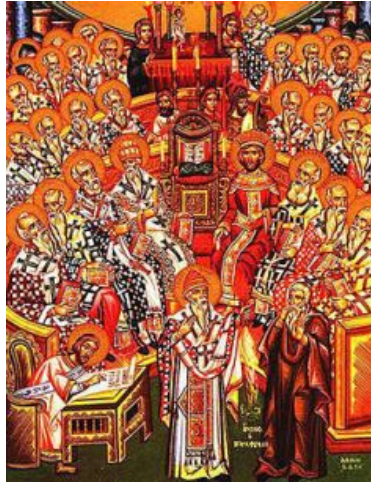
Símbolo do corpo de bombeiros do Vaticano.

A Santa Sé tem um departamento de proteção civil, presidido pelo diretor do corpo de bombeiros. Obviamente que esse corpo, com cerca de 30 elementos, não está preparado para lidar com uma catástrofe de grandes dimensões.

A primeira coisa a fazer num caso de emergência é proteger o Papa. Para isso existe a Guarda Suíça. O seu dever é proteger a pessoa sagrada do Papa de qualquer ameaça. Se acontecesse um ataque no Vaticano, teriam de levar o Papa para Castelo Gandolfo, a sua residência de férias, com capacidade para se tornar numa fortaleza defensiva. A segunda coisa a fazer é proteger a segunda figura da Igreja, o Secretário do Estado, que não poderia ir para o mesmo local que o Papa e seria alojado em São João de Latrão.

Uma vez, resolvido esse problema, a proteção civil assumiria a responsabilidade e faria o que tivesse de ser feito, dependendo da dimensão do acontecimento. Obviamente, todo o mundo católico ofereceria a ajuda dos seus especialistas (bombeiros, polícias, organizações humanitárias), a começar pelo vizinho italiano. Seria, seguramente, o Estado mais ajudado do mundo. Estão mais do que bem preparados para lidar com qualquer evento.

Os critérios de escolha, interpretação e tradução dos livros “sagrados” que compõem a Bíblia



Gravura representando o Concílio de Niceia, em 325 d.C.

Este é um tema extremamente complexo, por isso vou optar pela abordagem mais simples: Concílio de Niceia, de 325 d.C. No entanto, não é suficiente, nem sequer se aproxima da suficiência. Há quem defenda que Constantino, para fortalecer a sua posição, mandou retirar dos textos sagrados toda e qualquer influência feminina, privilegiando uma Igreja masculina. Mas, na verdade, Cristo só foi considerado divino nesse mesmo concílio, às ordens do mesmo Constantino. No entanto, os textos considerados sagrados já faziam parte dessa realidade, mais de um Século antes desse concílio.

Ao que parece, os líderes da Igreja primitiva tinham um qualquer método para asseverar o que era inspirado por Deus e o que não era. Editavam, cortavam, acrescentavam, rasgavam, queimavam, reescreviam... Uma coisa é certa, o facto de terem (ou não) sido inspirados por Deus, não significa que quem os escreveu o fazia de forma automática, sem noção do que estava a escrever. Eram pessoas que usavam as expressões que conheciam, os costumes que experienciavam.

Os papas enterrados em São Pedro



Túmulo de Inocêncio IX, na Basílica de São Pedro.

Por diversas razões, entre saques, guerras, obras de construção... dos cem papas que repousavam em São Pedro para a eternidade, há menos de metade na basílica ou na Tumba do Papas. E há muitos sepultados no exterior, nas basílicas de São João de Latrão, Santa Maria Maior, Catacumbas de Roma (especialmente as de Calisto, Priscila, Balbina, Calepódio, Ponciano...), em Santa Maria Sopra Minerva, Santa Maria in Monserrato e em igrejas e catedrais de Itália, França e Alemanha.

As declarações do Papa Bento XVI sobre a infância de Jesus



Papa Bento XVI.

Nas últimas semanas, assistimos a algumas declarações do Papa Bento XVI sobre a infância de Jesus. A primeira dizia respeito à não presença, no estábulo onde o Menino nasceu, da vaca e do burro. A segunda versava sobre o facto de Jesus ter nascido cinco ou seis anos antes de si próprio. Em ambos os casos, o Papa Bento XVI está, quase seguramente, correto. Tanto quanto uma pessoa do Século XXI pode estar sobre algo que se passou há mais de dois mil anos.

Em relação ao presépio, a autoria do primeiro a ser criado no mundo está creditada a São Francisco de Assis, na floresta de Greccio, na região de Lácio, no início do Século XIII. Colocou uma manjedoura, José e Maria e a vaca e o burro. E podia São Francisco colocar uma vaca e um burro? Podia. Os textos bíblicos mencionam a palavra “animais” sem especificar a raça e, por isso, São Francisco podia imaginar os animais que bem entendesse. Vacas, burros, ovelhas, cães, cavalos...

Para tudo há argumentos e contra-argumentos que, por sua vez, geram novos argumentos e contra-argumentos, ininterruptos, incessantes. Quem conhece as lides do campo sabe muito bem que um burro nunca está num estábulo com uma vaca. Isso, simplesmente, não acontece. Dificilmente o burro poderia estar presente. Por outro lado, se imaginarmos que podia tratar-se do burro que José e Maria usavam para transporte, já é provável que talvez o acolhessem dentro do estábulo, também pelo calor que podia proporcionar.

Facto é que o texto, neste caso concreto, é genérico e, por isso, cada um que coloque os animais que entender, como São Francisco.

Quanto ao outro tópico, para falarmos da Era Comum, ou *Anno Domini* em que vivemos, temos de recuar ao seu criador, o monge Dionísio Exíguo, ou Dionísio, o Menor, que viveu no Século VI. No entanto, a sua criação levou muito tempo a ser implementada no mundo. Começou no Século VIII e, neste caso, Portugal foi um dos últimos países a adotar esta datação, introduzida pelo rei D. João I no Século XV, substituindo a “Era de César”.

Os cálculos de Dionísio para o nascimento de Jesus são considerados incorretos por quase toda a comunidade académica. Sabe-se que ele era versado em matemática e astronomia e que o Papa João I lhe encomendou uma tabela para melhor poderem calcular a Páscoa, o *Computus*. Confesso que, apesar de tudo, me parece brilhante que este monge do Século VI se tenha enganado por tão pouco.

Hoje sabemos que Herodes, o Grande, morreu no ano 4 a.C. e também sabemos que Jesus nasceu antes da morte dele, o que torna o cálculo de Dionísio errado. Presume-se que Jesus tenha nascido em Setembro do ano 5 ou 6... antes de ele mesmo.

Um processo contra o Papa



Papa Paulo VI.

Perguntam-me muitas vezes se é possível processar um Papa. Claro que sim. Já agora, teoricamente, também é possível processar quase todos os chefes de Estado do mundo.

Só há registo de um processo contra um Papa em toda a história. E a parte interessante desse processo é que o queixoso ganhou.

William Sheffield, um advogado californiano, fez uma viagem à Suíça em 1968. Visitou o Asilo do Grande São Bernardo, onde foi criada a raça de cães com o mesmo nome, e decidiu comprar um de uma ninhada que ainda haveria de nascer. Deixou um depósito de 132,50 dólares e regressou aos EUA. Garantiram-lhe que em poucas semanas receberia o cão em casa. Passou tempo suficiente para terem nascido dezenas de ninhadas de San Bernardo, mas o cão nunca apareceu... nem a devolução do depósito que tinha deixado.

William Sheffield levou o caso a tribunal contra a Igreja Católica Romana, na pessoa do Papa Paulo VI, por ser o detentor do asilo. No processo pode ler-se: "Sheffield contra Igreja Católica Romana, Santa Sé e o Bispo de Roma, Paulo VI."

O juiz decidiu a favor do queixoso e condenou o Papa Paulo VI a pagar a quantia de 428,50 dólares, tornando Sheffield na única pessoa a processar um Papa... e a ganhar.

Apesar disso, Sheffield nunca conseguiu receber o dinheiro.

As máquinas de multibanco no Vaticano



Máquina de multibanco no interior de Vaticano.

Uma coisa que não prolifera no Vaticano são as máquinas multibanco. Há poucas. Mas podemos encontrá-las e quem quiser levantar dinheiro “sagrado” numa dessas máquinas vai, seguramente, experienciar algo de fascinante, porque as máquinas multibanco estão em latim.

A primeira coisa que podemos ler no visor é: *Carus expectatus venisti*, que quer dizer algo como “Bem-vindo”. O ecrã seguinte reza assim: *Inserito scidulam quaeso ut faciundam cognoscas rationem*, ou seja: “Insira o seu cartão para aceder às operações permitidas”.

É uma verdadeira aventura. Se conseguirem passar incólumes pelo processo todo, garanto-vos que recebem em euros e não em denários.

As mensagens sub-reptícias nas obras de Miguel Ângelo



Juízo Final, de Miguel Ângelo, na Capela Sistina.

Sabemos que o grande Miguel Ângelo não era homem para levar desaforos para casa. Quando o Papa Júlio II escolheu Bramante como arquitecto principal da Basílica de São Pedro, Miguel Ângelo montou o seu cavalo e partiu para Florença, irritado com o Pontífice e berrando que nunca mais trabalharia para ele. Foi necessário o Papa enviar mensageiros, e nem com promessas de trabalho infinito ele cedeu. Só uma ameaça de morte do Papa é que o convenceu a regressar e fazer um trabalho menor, sem grande importância: pintar um tecto numa capela.

Espírito inquieto, Miguel Ângelo aproveitou algumas obras para enviar mensagens. No magistral fresco do *Juízo Final*, na malfadada Capela Sistina, onde ele odiava trabalhar, usou Minos, o juiz dos mortos no submundo, para retratar um dos inimigos da sua obra, o mestre de cerimônias do Papa Paulo III, Biaggio da Cesena. Para além de o pintar como um semideus do mal, ainda lhe colocou umas orelhas de burro.

Mas se Minos, do Juízo Final, é um exemplo demasiado conhecido, temos outros. A tumba do Papa Júlio II, que nunca chegou a sê-la, a obra amaldiçoada do grande artista, com o majestoso

Moisés com cornos na base. Moisés foi o calcanhar de Aquiles de Miguel Ângelo. Pelos vistos, aquilo que nós admiramos como algo perfeito, não o era para o aretino. Era visto muitas vezes nas suas oficinas, a gritar para a estátua: “Porque não me respondes? Porque não falas comigo?” Segundo os investigadores, o que o atormentava era uma cinzelada mal dada na cabeça da estátua que fez com que caísse um pedaço grande de mármore, tornando-a desproporcional em relação ao corpo. E podemos ver a imagem de Júlio II, acima de Moisés, numa pose sensual.

O “Papa Guerreiro” que vestia armadura, que comandava os exércitos papais, a “Força da Natureza”, retratado como se fosse uma ninfa. Foi a vingança de Miguel Ângelo por ele ter preferido Bramante para construir o maior templo de Deus na Terra. Podem ver o túmulo de Júlio II na Igreja de San Pietro ad Vincoli, em Roma.

E depois temos a Porta Pia. Foi a única obra encomendada pelo Papa Pio IV ao grande artista. Nela, Miguel Ângelo privilegiou a estética e não tanto a funcionalidade. Quem se aproximar da Porta pela Via XX Settembre verá nela três relevos. Um à esquerda, outro à direita e outro ao centro, acima do arco. Cada relevo tem um círculo e uma forma em arco que o contorna por cima. Durante mais de um Século ninguém percebeu o que aqueles relevos significavam, até que se fez luz... São tigelas de barbeiro e os arcos são toalhas. É uma alusão humorística de Miguel Ângelo aos antepassados humildes de Pio IV, que eram simples barbeiros.

O Estado do Vaticano



Bandeira do Estado da Cidade do Vaticano.

País: Estado da Cidade do Vaticano
População: 836 habitantes (números de 2012)
Taxa de natalidade: 0% (que saibamos)
Hotéis: 0
Restaurantes: 0
Cinemas e teatros: 0
Língua oficial (morta): Latim
Moeda: Euro

Chefe de Estado: O Papa. Não é apenas o chefe de Estado, mas também legislador e aplicador da justiça. Porém, apesar de o regime ser absolutista, não é um ditador.

Bandeira: Amarela e branca em partes iguais. A tiara papal e as chaves de São Pedro na parte branca.

Caminho-de-ferro: O mais pequeno do mundo. Não tem horário definido, todas as viagens são internacionais.

Serviços: Tem proteção civil, bombeiros, forças de autoridade e exército. Não tem semáforos, transportes públicos, cabeleireiros, escolas, lavandarias. A recolha de lixo é efetuada pelas equipas de recolha romanas. Tem uma estação de rádio, jornal, editora, correios, supermercado e estação de serviço. O litro do gasóleo custa € 0,35.

Residência: Quem reside no Vaticano necessita de uma autorização especial para entrar no Estado depois das 23h30. Caso contrário, terá de dormir em Roma. Não pode haver estrangeiros no

Vaticano depois das fronteiras fechadas.

Regalias: Os residentes no Vaticano não pagam eletricidade nem telefone. As rendas são simbólicas. Pagam 0% de impostos.

É Roma que fornece a água e a eletricidade ao Vaticano. Os sistemas de esgotos estão ligados aos romanos e são depois tratados por eles. O Vaticano nunca funcionaria sem a boa vontade dos italianos e dos romanos, mas, provavelmente, Roma também não seria a mesma sem o Vaticano.

O Estado Cidade do Vaticano é o único país do mundo que não tem tráfego aéreo. Aliás, é estritamente proibido sobrevoar o seu espaço aéreo, para além do helicóptero pontifício.

Animais domésticos no Vaticano



Pormenor de estátua exposta nos Museus do Vaticano.

É sabido que o Papa Bento XVI é um grande amante de gatos. No entanto, não lhe foi permitido levar para o Vaticano o seu gato de estimação, que ficou com familiares na Alemanha. A lei vaticana obriga ao registo de todos os animais de estimação, e os gatos estão proibidos. Permite-se alguns pássaros e cães. E os cães têm de ter sempre trela. Estão registados cinco cães no Vaticano.

Ângelo Roncalli, o sargento do exército italiano que foi eleito Papa



Ângelo Roncalli, o Papa João XXIII.

Durante a Primeira Guerra Mundial, um homem chamado Ângelo Roncalli era sargento na unidade de médicos do exército italiano. Anos mais tarde, Roncalli chegou ao papado e tornou-se o querido Papa João XXIII. Pouco depois da sua eleição, o comandante da Guarda Suíça ajoelhou-se perante o seu novo Papa. João XXIII apressou-se a ajudá-lo a levantar-se. “Levante-se! Levante-se! Afinal de contas, o senhor é um capitão e eu sou apenas um sargento.”

As cartas escritas ao Santo Padre



Papa Francisco na Praça de São Pedro.

Uma das muitas diferenças entre o Papa e os outros chefes de Estado é a quantidade de cartas que recebe. Muitas crianças escrevem ao Papa. Deixo-vos alguns exemplos:

“Quando vou dormir à noite, tenho sonhos que às vezes me assustam. Podes pedir a Deus que ponha filmes melhores na televisão? Gosto muito do Robin Williams.” (10 anos de idade)

“Santo Senhor, a minha mãe disse que quando nasci foi a cegonha que me trouxe. Depois, quando o meu irmão nasceu, também foi a cegonha que o trouxe. Querido Papa, podes combinar com Deus para a minha mãe ter filhos como as outras mães para a próxima vez?” (Menina de 9 anos)

“O spaghetti faz melhor à saúde do que a comida polaca que comes. Segue o meu conselho e vais ver como melhoras” (Criança de 10 anos a João Paulo II)

“Querido Papa, gosto muito de ti. Gosto de ouvir as histórias dos outros papas que viveram antes de ti, mas é de ti que gosto mais. Se não te importares, podes tornar o mundo melhor, já que os outros teus amigos papas não acabaram o trabalho?” (13 anos de idade)

“Santo Padre, gosto muito de ti. Podes falar com Jesus para nos livrar dos carteiristas? Roubaram a do meu pai e ele ficou muito chateado. Obrigado” (9 anos de idade)

“Querido Papa, podes dizer-me o que acontece quando morremos? Perguntei aos meus pais e aos meus avós e ninguém me responde. Prometo que não digo nada a ninguém” (11 anos de idade)

“Olá, Papa, espero que estejas bem com o teu amigo Jesus. Quando ele disse para dar a outra face, isso também quer dizer que devemos ficar parados com as mãos?” (11 anos de idade)

O Carnaval Romano



Piazza Navona, em Roma.

Se hoje, quando se fala em Carnaval, nos vem à mente o Rio de Janeiro e Veneza, até finais do Século XIX só havia uma cidade sinônimo de folia, máscaras, loucura, bebida em excesso, orgias e violência: Roma – nenhuma outra estava à altura do Carnaval Romano.

As festividades começavam onze dias antes do Carnaval atual (num sábado), depois duravam até à *Mardi Gras* (Terça-feira Gorda). Mas as celebrações estavam proibidas à sexta e ao domingo, pelo que a folia durava, efetivamente, oito dias.

Durante muito Séculos, o Carnaval consistia em jogos e torneios que ocorriam na atual Piazza Navona, anteriormente designada *Platea in Agona* (Praça das Lutas). Só mais tarde o evento foi aberto a toda a população, Também as freiras e os frades estavam autorizados a celebrar o Carnaval, mas não na rua. Podiam fazê-lo apenas nos conventos ou nos mosteiros.

O Carnaval era muito importante porque era nesta altura que as leis austeras podiam ser quebradas, embora o evento tivesse leis próprias. O povo tinha mais liberdade, mesmo em relação às classes dominantes, em situações que, noutra altura do ano, dariam origem a prisões ou pior. Era a época do ano propícia aos excessos, a todos os níveis.

Porém, o Carnaval não era um evento com data marcada como os outros. Era necessário aguardar o édito do Papa, o que nem

sempre acontecia. Por norma, em alturas de crise, medidas impopulares, aumento de impostos, revoltas, epidemias e jubileus, ou quando morria um Papa, o Carnaval não podia ser celebrado. As classes dominantes (nobreza e clero) tinham medo que os rostos encobertos e as vestimentas alternativas pudessem desencadear processos vingativos e não facilitavam. Mesmo assim, uma das leis indicava que os trajes podiam ser usados dia e noite, mas as máscaras só durante o dia e nunca de noite.

A partir do Século XV, o Carnaval passou a ser celebrado na Piazza Venezia e em todo o comprimento da Via del Corso, com cerca de um quilómetro e meio. Faziam corridas entre anões, aleijados, idosos e judeus para se rirem deles.

O grande acontecimento estava marcado para a noite da Terça-feira Gorda, a Corrida das Velas. Consistia em correr pela Via del Corso com um vela acesa na mão enquanto se tentava apagar as dos outros. Havia de ser bonito de se ver.

No Século XVII, a corrida dos anões, aleijados, idosos e judeus foi proibida e substituída por uma com cavalos berberes que passou a ser a grande atração do Carnaval Romano. No entanto, era uma corrida perigosa, pois os cavalos atingiam grande velocidade e havia um arco a meio da Via del Corso que ligava dois palácios e afunilava, provocando alguns acidentes. Chamava-se o Arco de Portugal, por ligar ao Palazzo Fiano, a residência do embaixador português.

A popularidade da corrida era tanta que em vez de a mudarem do local, o Papa Alexandre VII mandou demolir o arco.

Foi esta corrida de cavalos berberes que acabou com o Carnaval Romano. Em 1874, um miúdo atravessou a Via e foi colhido por um dos cavalos que galopava a grande velocidade, morrendo instantaneamente aos olhos da família real. O rei Vittorio Emanuele II, chocado, proibiu a corrida e acabou com o maior Carnaval do mundo.

Os títulos do Papa



Papa Bento XVI.

Os cardeais vão fechar-se na Capela Sistina no próximo mês para escolher um sucessor. Mas quando se trata da escolha de um Papa, não falamos apenas de uma função. Estes são os títulos de um Papa assim que é eleito: Bispo de Roma, Sucessor do Príncipe dos Apóstolos, Vigário de Jesus Cristo, Sumo Pontífice da Igreja Universal, Servo dos Servos de Deus, Patriarca do Ocidente, Primaz de Itália, Arcebispo Metropolitano da Província de Roma, Soberano do Estado Cidade do Vaticano.

Não oficialmente é também tratado como Reitor do Mundo, Pai de Príncipes e Reis e *Pontifex Maximus*.

O vencimento do Santo Padre



Papa Francisco.

Pode considerar-se uma promoção quando um cardeal é eleito Papa. Porém, em termos práticos, isso não se verifica. Um cardeal tem um rendimento pessoal que varia conforme o país, enquanto o rendimento de um Papa é zero. O Santo Padre não recebe um cêntimo, sendo o único chefe de Estado que trabalha de graça. Outro facto interessante é que o Papa não pode ter conta bancária.

As facções que ditarão a eleição do sucessor de Bento XVI



Cardeais no interior da Basílica de São Pedro.

Na próxima semana, Bento XVI já não estará em funções. A partir das 19h01 do dia 28 de Fevereiro, a Santa Sé será entregue ao Secretário de Estado e Camerlengo, Tarcisio Bertone, e ao Colégio Cardinalício. Desde Jean-Marie Villot, em 1978, que o Secretário de Estado e o Camerlengo não eram a mesma pessoa.

Várias facções ocuparão a Capela Sistina no próximo mês. As relações entre elas são extremamente complexas. Têm ideologias muito diferentes, origens díspares, mas todas têm o mesmo objectivo: o poder.

As mais importantes são a dos Bertonianos e a dos Diplomáticos. Há uma cisão tremenda entre as duas facções, irreconciliável desde o final do pontificado de João Paulo II. A grande questão é se alguma delas conseguirá que um dos seus membros chegue à cátedra de Pedro.

Os Bertonianos são, como o próprio nome indica, os cardeais que apoiam o Secretário de Estado, Tarcisio Bertone. Desde 2006 que o piemontês, número dois da Igreja, foi colocando ao seu lado os acólitos mais fiéis, ao ponto de muitos ocuparem, neste momento, lugares de poder e influência dentro da Cúria.

Do outro lado da barricada temos os Diplomáticos. Comandados pelo Deão do Colégio Cardinalício, Angelo Sodano, que participará no próximo Conclave, mas não como cardeal eleitor, pois atingiu a idade limite em 2007. Será a ele a fazer as duas perguntas

cruciais quando se atingirem os dois terços dos votos: *Acceptasne electionem de te canonice factam in Summum Pontificem?* (Aceita a sua eleição canônica como Sumo Pontífice?) e *Quo nomine vis vocari?* (Que nome deseja escolher?). O nosso cardeal Manuel Monteiro de Castro faz parte deste segundo grupo, assim como o brasileiro João Braz de Aviz. O homem que anunciou que o Papa tinha doze meses de vida, o arcebispo de Palermo, cardeal Paolo Romeo, também é partidário de Sodano, que foi Secretário de Estado entre 1991 e 2006. Quando ouviu os rumores sobre a sua possível substituição, em Junho de 2006, enviou o seu secretário pessoal a Génova para pedir ao cardeal Tarcisio Bertone que não aceitasse o cargo. Este disse-lhe que ia pensar se tal convite realmente fosse feito por parte do Santo Padre. Porém, Tarcisio mentira. O convite já tinha sido feito e ele já tinha aceitado. Mesmo depois de ter sido substituído por Bertone, em Setembro de 2006, Sodano recusou-se a abandonar o gabinete do Secretariado enquanto o do Deão do Colégio não estivesse pronto. Só o deixou um ano depois. Ironicamente, hoje os gabinetes dos dois cardeais arqui-inimigos ficam a dez metros um do outro. Estes dois senhores são os principais responsáveis pela resignação de Bento.

Bento XVI deixa o caminho aberto para quem o quiser ocupar, mas preparou muito bem a saída ao alterar as regras do Conclave.

Com João Paulo II, no seu decreto *Universi Dominici Greci*, era necessário que o colégio alcançasse uma maioria de dois terços. Se tal não acontecesse em trinta e três votações (ou trinta e quatro se se votasse no primeiro dia), o sucessor poderia ser eleito com maioria simples. Bento XVI modificou esta regra com um *motu proprio* intitulado: *De aliquibus mutationibus in normis de electione romani pontificis*. Este decreto elimina a eleição por maioria simples, independentemente do número de votações. Os cardeais terão de continuar a votar até alcançarem uma maioria de dois terços.

Nenhuma das facções tem dois terços de cardeais, pelo que terá de haver entendimento. Na impossibilidade de Bertonianos e Diplomáticos se entenderem, terão de se associar aos outros grupos, o que vai tornar este Conclave muito interessante.

E quais são os outros grupos?

Começemos por um que poderá rivalizar com os outros dois, ainda que o seu líder se tenha afastado: chamam-se Ratzingerianos. O nosso cardeal patriarca faz parte deste grupo que, como o nome indica, são aqueles que apoiam o Papa. Também pertencem a este grupo os célebres “Cinco Sábios”. Tem membros muito influentes, como o poderosíssimo cardeal canadense Marc Ouellet, o francês Jean-Louis Tauran, Angelo Amato, entre outros.

Depois temos a facção milanesa, conhecida como os

Ambrosianos, liderados pelo cardeal Dionigi Tettamanzi. Do grupo dos Pastorais vem o candidato mais forte: Angelo Scola, arcebispo de Milão e o preferido do Papa Ratzinger. Mas há mais: os Estrangeiros, com o canadiano Ouellet à frente, também Ratzingeriano, os Maçônicos (não literalmente) e os Opusianos, apoiantes da Opus Dei, que têm no cardeal espanhol Julian Herránz um líder feroz. Embora este não seja eleitor, é ele quem dá as cartas neste grupo.

O Papa Bento XVI conhece muito bem todas as facções e todos os cardeais e sabe que terá de haver cedências. Ele não deixará de ser Papa e não poderá voltar a ser cardeal. Também não deixará de ser Bento XVI. O nome acompanhá-lo-á até à morte. Será sempre Sua Santidade. Uma sombra do próximo Papa. Uma consciência. Uma espécie de sábio que deambulará pelos corredores do Vaticano como um espectro intocável, a imagem da dignidade, que projeta aquilo que a Igreja deve ser. Bento XVI sabe que são serpentes esfomeadas aquelas que se vão digladiar no próximo Conclave, que vai decorrer segundo as suas regras, e ele, Joseph Ratzinger, vai assistir de camarote, sem que ninguém lhe possa tocar.

O jogo de poderes na eleição do Papa que sucederá a Bento XVI



Cardeais na varanda da Basílica de São Pedro.

No dia 11 de Fevereiro, o Papa Emérito Bento XVI anunciou a resignação e, contados os cardeais eleitores, chegou-se ao número de 117. Duas semanas depois contam-se menos dois participantes. O cardeal indonésio Darmaatmajda não comparece por razões de saúde e o escocês Keith O'Brien resigna devido a novo escândalo de abusos sexuais. Haverá mais alguma desistência até ao início do Conclave? É bem possível.

Soube-se recentemente que o cardeal Secretário de Estado Tarcísio Bertone ordenou, no ano passado, uma megaoperação de espionagem, com o apoio da Gendarmaria Vaticana e da *Entidade*, o serviço secreto, sobre todos os cardeais eleitores, Emails, telefones, redes sociais, pesquisa de hábitos, amizades, enfim, a recolha de todos os dados possíveis. Essa operação ainda prossegue. Uma verdadeira caça às bruxas. A denúncia de encobrimento de casos de pedofilia do cardeal Keith O'Brien, nesta altura, não é inocente. Assim como a denúncia de assédio por parte de D. Carlos Azevedo é muito suspeita pelo *timing*.

Diz-se nos corredores do Vaticano que há cardeais com muito receio deste Conclave. E há mesmo razões para isso. Se bem que a muitos não lhes passe pela cabeça usar as vestes brancas e as sandálias do pescador (Prada, obviamente), há outros que são capazes de tudo para se tornarem no 266.º sucessor de Pedro.

O próximo Papa terá um enorme problema para resolver, o mesmo que Bento não conseguiu, apesar das inúmeras tentativas: o IOR, mais conhecido como Banco do Vaticano. Aliás, não será apenas o IOR o problema, mas todo o sistema financeiro do Vaticano.

No dia 16 de Fevereiro, Bento XVI renovou o mandato do Conselho da AIF (Autorità di Informazione Finanziaria) por mais cinco anos. A AIF é uma instituição criada pelo Papa Bento XVI, em Dezembro de 2010, que visa obrigar todos os órgãos financeiros do Vaticano a lutar contra a fraude, a lavagem de dinheiro e o financiamento de organizações terroristas, segundo o *motu proprio* CXXVII. Deste conselho fazem parte o Secretário de Estado, Tarcisio Bertone, e o cardeal Attilio Nicora. A renovação foi um ato inteligente. Bento sabia que Tarcisio cumprirá 80 anos em Dezembro de 2014, data em que cessaria funções e seria substituído por Attilio Nicora, de 75 anos. Bertone e Nicora odeiam-se. Um é o líder dos Bertonianos, o outro pertence aos Ambrosianos, a poderosa facção milanese. Por diversas vezes Attilio Nicora criticou as políticas de Bertone.

No dia 18 de Fevereiro, Bertone executou a sua jogada: afastou o cardeal Attilio Nicora do caminho, retirando-o do Conselho da AIF, e substituiu-o pelo cardeal Domenico Calcagno, que acumula também o cargo de presidente da APSA (Amministrazione del Patrimonio Della Sede Apostólica), este sim o verdadeiro organismo que funciona como Banco Central do Vaticano. Calcagno é um convicto Bertonianiano. A gestão de Calcagno foi denunciada pelo cardeal Carlo Maria Viganó, conhecido como o incorruptível, que foi também afastado do Governatorato e é o atual núncio em Washington.

A jogada de Bertone é simples: munir-se de pessoas de confiança e controlar o sistema mesmo quando for obrigado a retirar-se, em Dezembro de 2014. Porém, a resposta de Bento XVI não tardou. Levou exatamente quatro dias. No dia 22 de Fevereiro, o Papa decidiu mexer na Secretaria de Estado e enviar o cardeal Ettore Balestrero para a nunciatura de Bogotá. Sem esta peça importante na Secretaria, Bertone fica sem pé no órgão que lidera. Na verdade, quem passa a dominar a Secretaria de Estado, com esta jogada de Bento XVI, são os Diplomáticos, os soldados de Angelo Sodano, o arqui-inimigo de Tarcisio Bertone.

Em breve assistiremos ao Conclave mais condicionado dos últimos cinquenta anos. Até à sua conclusão não há Papa nem Secretário de Estado. Bertone é o Camerlengo, mas com poderes muito limitados. Nem ele nem o Papa Emérito podem mover mais peças no tabuleiro estratégico. Bertone ou Bento XVI? Quem terá jogado melhor?

O Supremo Tribunal da Penitenciária Apostólica



Confessionário na Basílica de São Pedro.

Os padres estão mandatados para absolver a maioria dos pecados (homicídio incluído), porém, há cinco pecados que nem um bispo tem poder para expiar ao penitente. Quando isso acontece, recorre-se ao Supremo Tribunal da Penitenciária Apostólica, o único capaz de decidir, ou não, a absolvição.

Três dos cinco pecados só podem ser cometidos por membros do clero. São eles: quebrar o segredo da confissão; um padre que confesse os seus próprios parceiros sexuais; alguém que queira seguir a carreira clerical e tenha participado num aborto. Os outros dois podem ser cometidos por qualquer pessoa: profanar a Comunhão (muito grave e cada vez mais recorrente, por exemplo, pessoas que cospem a hóstia); atentar contra a vida do Papa.

Este tribunal existe há quase oitocentos anos e todas as suas decisões são secretas. Isto acontece porque, no fundo, trata-se de outra forma de confissão. O pecador é sempre tratado por um pseudônimo e nunca pelo nome e só o Penitenciário--Mor pode decidir

o seu destino, ou seja, o cardeal português Manuel Monteiro de Castro.

O uniforme da Guarda Suíça



Elemento da Guarda Suíça.

O uniforme da Guarda Suíça, considerado um dos mais antigos do mundo, cuja autoria do *design* é, inúmeras vezes, atribuída a dois vultos universais que jamais trabalhariam juntos, Miguel Ângelo e Rafael, é reconhecido sem necessidade de olhar duas vezes, devido à sua combinação de cores e corte peculiar. Esqueçam tudo aquilo que pensam que sabem sobre o uniforme da Guarda e o que guias turísticos empedernidos, em carne e osso ou papel, vos transmitiram.

Não é o uniforme mais antigo do mundo.

Não foi desenhado por Miguel Ângelo nem por Rafael e, contrariamente ao que se pensa, o mais conhecido é aquele que apenas se usa nas ocasiões especiais, porque não há um uniforme, mas dois.

Vamos por partes.

Os uniformes da Guarda Suíça fazem precisamente cem anos. Foram criados em 1914 por Jules Repond, que foi comandante do corpo de proteção do Papa entre 1910 e 1921, e possuía um sentido estético apurado e refinado.

O traje que melhor conhecemos ostenta o amarelo e azul da casa Della Rovere, de Júlio II, o fundador da Guarda. Repond sofreu a influência dos frescos de Rafael para chegar à versão final do uniforme.

O segundo uniforme, o mais utilizado, é completamente azul, e podem vê-lo diariamente na Porta de Sant'Anna, na Via di Porta Angélica, excepto ao domingo.

Vaticano é um paraíso



Vista aérea do Vaticano.

Se tivermos em linha de conta que estamos a assistir à demissão dos Estados das suas obrigações sociais e os contribuintes estão a pagar impostos cada vez mais pesados em troca de menores regalias, o Vaticano é um paraíso.

Para além de não ter esse monstro burocrático e perseguidor a que chamamos Ministério das Finanças, pois impostos é coisa que não se paga no país sagrado, ainda oferece aos seus cidadãos um conjunto de benesses que o tornaria no destino de eleição de qualquer emigrante, se as fronteiras vaticanas o permitissem. Atentem em algumas: o combustível não chega aos quarenta cêntimos por litro – padres de todas as zonas de Roma e arredores abastecem nos cinco postos existentes no interior dos muros; os medicamentos também são os mais baratos – há quem tente fingir os guardas suíços ou apelar à sua humanidade para aviar alguns na farmácia; o supermercado é um dos locais mais visitados e está sempre cheio de clientes, entre padres e freiras – ao contrário do que se imagina, os funcionários são leigos e não clérigos; os produtos mais vendidos são bebidas alcoólicas e tabaco e qualquer membro do clero pode fazer compras no estabelecimento; a antiga estação de comboios foi transformada numa loja de produtos de luxo – o local ideal para comprar perfumes, joias, relógios, óculos de sol ou qualquer outro acessório de moda por um preço certamente mais baixo que num *dutyfree*; há imensas lojas de *souvenirs*, uma pizaria e uma cafetaria nos Museus do Vaticano; qualquer pessoa que arranje emprego no Vaticano torna-se imediatamente cidadão do Estado, porém, se deixar de trabalhar perde a cidadania e se não puder reverter para nenhuma

outra nacionalidade passa a ser italiano – outro fator a ter em conta é que qualquer funcionário casado que se divorcie é, imediatamente, despedido.

A influência do Vaticano nos dias da semana



Nascimento de Vénus, de Botticelli.

Temos por hábito pensar que algumas coisas são de uma determinada maneira porque sim. E quanto mais antigo for, menos questionável se torna. O nome da rua onde moramos sempre assim foi, os santos a que rezamos em hora de aflição são intemporais, os meses, os dias da semana, os impostos. Coisas criadas por entes desconhecidos que habitaram a Terra em tempos longínquos. É claro que nada disto é divino. Foi tudo regulamentado pelo homem.

Nesta curiosidade falo-vos de algo que temos por adquirido, entranhado, e que nunca questionamos: os dias da semana.

Os dias da semana em Portugal nem sempre foram como hoje.

Aliás, só têm a denominação atual há cerca de quinhentos anos. Até ao Século XV chamávamos lues, marlos, mércores, joves, vernes, sábado e domingo. Sim, parece castelhano, mas é galaico português. Entendeu-se que não fazia sentido honrar deuses pagãos quando só um Deus existe. Então, lues, o dia da deusa da Lua, Diana, passou a segunda-feira; martes passou a terça-feira; mércores, em honra de Mercúrio, passou a quarta-feira; joves, a Júpiter, passou a quinta-feira; vernes, a Vénus, sexta-feira; Saturno passou a sábado e o dia do Sol passou a domingo ou Dia do Senhor.

Só há outro país no mundo que tem os dias da semana iguais aos de Portugal. Apenas um e chama-se Estado Cidade do Vaticano. *Feria prima, feria secunda, feria tertia, feria quinta, feria sexta, feria septima*. Por cá, também está correto chamar sétima-feira ao sábado e primeira-feira ao domingo. A influência do Vaticano nos dias da semana.

João XXIII, o Papa com a resposta na ponta da língua



Papa João XXIII.

O Bom Papa João XXIII era conhecido pela sua pureza, sinceridade e sentido de humor. Tinha sempre resposta na ponta da língua e, normalmente, das que desarmavam. O impulsionador do Concílio Vaticano II teve a ideia para esse concílio enquanto fazia a barba, de manhã. As suas respostas aos jornalistas eram memoráveis. Aqui deixo alguns exemplos:

“É mais fácil um pai ter um filho, do que o filho ter um pai.”

“Por vezes acordo de noite e penso em problemas sérios que devo comunicar ao Papa pela manhã. Depois lembro-me que o Papa sou eu.”

Mas a resposta mais marcante foi à pergunta de um jornalista:

“Quantas pessoas trabalham no Vaticano?”

João XXIII respondeu: “Cerca de metade.”

Fumo branco



Fumo branco anunciando a eleição de um novo Papa.

O maior problema dos últimos quatro conclaves não foi a indecisão dos cardeais nem a disputa de poder. Foram tão rápidos que viu-se a olho nu que estava tudo previamente definido. Não é possível que dois terços dos cardeais votem na mesma pessoa em quatro votações sem que antes não tenham conversado sobre isso. O maior problema dos conclaves, desde 1978, tem sido tornar o fumo branco.

A fornalha lança fumo negro sem levantar problemas, basta lançar os boletins de voto para o interior e eles próprios encarregam-se disso. Mas, por muito que se invista num sistema auxiliar que adiciona químicos para tornar o fumo branco, ele parece nunca funcionar. No conclave de 2005 foi o que aconteceu. O sistema que devia libertar os químicos para a fornalha não disparou quando foi accionado. Para além disso, os cento e quinze boletins não eram suficientes para manter o fumo durante muito tempo e, por isso, era necessário queimar mais papel.

O arcebispo Piero Marini, mestre das cerimônias litúrgicas papais, anunciou que, para além do fumo, a eleição seria confirmada pelo *Campanone*, o enorme sino da Basílica de São Pedro. Decisão acertada que evitava dúvidas e dependia apenas de três homens. O próprio arcebispo Marini; o bispo Lanzani, o homem que melhor conhecia a Basílica de São Pedro, ao comando dos seus cento e cinquenta *Sampietrini*, a equipa de artilheiros que cuidava da basílica por fora e por dentro; e Giuseppe Fiorucci, o único da equipa que sabia trabalhar com a consola que fazia tocar o sino de dez toneladas.

As instruções de Marini eram precisas: só ele comunicaria a Lanzani a eleição que, por sua vez, daria a ordem ao *Sampietrini* Fiorucci, que accionaria a consola e anunciaria ao mundo: *Habemus Papam*. Simples. Perfeito. Se tudo tivesse corrido como planeado.

O primeiro problema ocorreu na última votação. Queimaram os boletins e juntaram-lhe mais papel. Porém, para além de o sistema auxiliar não ter accionado os químicos que embranqueceriam o fumo, este entrou avassaladoramente na Capela Sistina, ameaçando a integridade física dos cardeais. Marini foi chamado para controlar a situação e fê-lo sem problemas. Quando percebeu que o sino podia ser tocado, pois o fumo estava a sair negro, pegou no telemóvel para ligar a Lanzani. Nada. Esquecera-se que toda aquela área tinha inibidores de rede para impedir comunicações dentro do Conclave. A capela não tinha nenhum telefone. Não tinham como avisar o bispo.

Decidiu ir à porta da capela e ordenou ao guarda que estava de plantão que procurasse um telefone e mandasse soar o *Campanone*.

O guarda ligou a Lanzani que torceu o nariz. Não fora aquilo o combinado. O bispo foi peremptório. Teria de ser Marini a dar a ordem ou o sino não tocaria. Ele e Fiorucci aguardavam um telefonema de Marini, que tardou.

A praça já estava vazia. Os fiéis tinham ido embora. Os órgãos de comunicação social alegavam que o fumo era branco ou cinzento, mas como o sino não tinha tocado, tiraram as suas conclusões.

Três quartos de hora mais tarde, o telefone tocou. Era Marini e havia novo Papa.

Lanzani desligou o telefone, esperou uns segundos e ordenou a Fiorucci que fizesse soar o *Campanone*. O *Sampietrini* accionou o mecanismo e o sino anunciou ao mundo que o Papa fora eleito. Em poucos minutos, a praça tornou a encher e o resto ficou para a história.

São Valentim



Quadro de S. Valentim de Terni a receber uma rosa da Virgem Maria.

Antes de mais, feliz dia de São Valentim a todos. Decidimos que nesta data devemos presentear a nossa cara-metade da forma que bem entendermos. Muitos levarão à letra tais celebrações, ainda que hoje seja apenas o exemplo daquilo que devemos ser todos os dias.

É fácil encontrar os motivos por que se celebra este dia, mas quem foi este Valentim de que tanto se fala? Não sabemos. Ninguém sabe, nem sequer o Vaticano. É uma história longínqua, com escassas fontes. Podem ser cinco os Valentim que hoje se celebram, todos mártires. Vamos falar de três e rezemos para que seja um deles.

O primeiro foi um padre que ignorou o banimento no casamento por parte do Imperador Cláudio II. Esta medida prendia-se com o facto de apenas os solteiros integrarem o exército. Para evitar a chamada à guerra, os jovens casavam logo que podiam. Essa união divina não podia desfazer-se. Valentim continuou a realizar os casamentos secretamente e, quando denunciado, foi condenado à morte. Diz-se que os casais o visitavam com cartas de agradecimento, enquanto aguardava execução.

O segundo Valentim também era padre e foi preso nas perseguições aos cristãos por não ter abandonado a fé que

professava. Reza a lenda que se perdeu de amores pela filha do seu carcereiro. Foi decapitado na via Flaminia, onde o Papa Julio I mandou erigir uma basílica.

O terceiro Valentim era bispo de Terni, e foi também decapitado no dia 14 de Fevereiro do ano 270.

Há quem defenda que estes três/cinco Valentim são todos o mesmo. Ninguém pode garantir uma coisa ou outra. Escolham aquele que vos aprouver. Valentim é também o santo a quem se recorre contra os desmaios, a peste e a epilepsia. É o patrono do amor, dos casais enamorados e dos apicultores.

Scala Santa



Scala Santa em Roma

Perto da atual Basílica de São João de Latrão fica um edifício que outrora fez parte do Palácio de Latrão. No seu interior fica a capela dos primeiros papas, conhecida como São Lourenço, e uma escadaria com vinte e oito degraus de mármore, protegidos por uma cobertura de madeira. Segundo parece, foram mandados trazer de Jerusalém por Santa Helena, a mãe do Imperador Constantino, no Século IV, e o palácio foi construído em cima de terra trazida do Calvário.

Durante a Idade Média chamava-se à escadaria a *Scala Pilati* (Escada de Pilatos), por terem os degraus pertencido ao Pretório, a residência de Pilatos. Hoje chama-se *Scala Santa*, que Jesus subiu e desceu na altura do julgamento. Quem está a pensar subir a *Scala Santa* deve saber que só o pode fazer de joelhos.

O lugar com maior consumo de vinho do mundo



Interior do Vaticano.

Há um país que fica dentro da capital de outro país que goza de várias peculiaridades. Para além de ser o mais pequeno do mundo, de ter mais telefones do que pessoas, de, segundo estimativas de 2013, ter somente oitocentos e trinta e nove habitantes, de ter a mais alta taxa de criminalidade do mundo, já que é um paraíso para os carteiristas que aliviam os bolsos dos milhares de turistas que deambulam pelo lugar, bateu outro recorde. O Vaticano é o lugar onde se consome mais vinho por pessoa. Cerca de setenta e quatro litros por cada habitante. Vaticinou-se a hipótese de as inúmeras eucaristias celebradas diariamente no Vaticano contribuírem para este valor tão grande, mas trata-se apenas de um trago simbólico, sem significado. Um fator que ajuda, seguramente, é o supermercado ser livre de impostos e as pessoas autorizadas a comprar não terem qualquer limite de quantidade. De qualquer forma, o fenómeno continua a ser investigado. Setenta e quatro litros por pessoa só pode ser obra do Senhor.

Os feriados do Vaticano



Decoração de Natal na Praça de São Pedro.

O Vaticano tem dezasseis feriados, ainda que, na verdade, sejam muitos mais.

Como na maior parte dos países, há feriados fixos e móveis. E outros muito curiosos. Sigamos o calendário cronologicamente:

1 de Janeiro – Dia de Maria Santíssima, Mãe de Deus.

6 de Janeiro – Epifania do Senhor (o momento da revelação de Jesus Cristo como Filho de Deus).

11 de Fevereiro – Aniversário da fundação do Estado Cidade do Vaticano.

13 de Março – Aniversário da eleição do Santo Padre. (Este feriado muda conforme o Papa. No Tempo de Bento XVI era a 19 de Abril.)

19 de Março – Dia de São José.

Páscoa.

Segunda-feira de Páscoa (Dia do Anjo).

23 de Abril – Dia de São Jorge (Santo do nome do Papa: Jorge Mario Bergoglio).

1 de Maio – São José trabalhador.

Corpo de Deus (60.º dia depois da Páscoa).

29 de Junho – São Pedro e São Paulo (um dos mais importantes da Igreja).

14 de Agosto – Vigília da Assunção da Virgem Maria.

15 de Agosto – Assunção da Virgem Maria.

1 de Novembro – Dia de Todos-os-Santos.

8 de Dezembro – Imaculada Conceição ou Concepção.

25 de Dezembro – Dia de Natal.

26 de Dezembro – Dia de Santo Estevão (1.º mártir do Cristianismo).

Para além destes, todos os Domingos são dias feriado no Vaticano.

As pinturas da Basílica de São Pedro



Pormenor do interior da Basílica de São Pedro.

Há sempre curiosidades no que toca à Basílica de São Pedro. É por isso natural que, de vez em quando, a revisitemos.

Um fator interessante é não haver uma única pintura no seu interior. Quem já lá foi deve estar a questionar-se. *Como não? Está repleta de quadros e representações.* É verdade, mas foram todos pensados em termos de preservação, daí que pareçam pinturas quando, na realidade, são mosaicos. Quem tiver oportunidade aproxime-se e veja os milhares de pequenos mosaicos que compõem cada quadro.

A correspondência de Francisco



Caixa de correio no Vaticano.

O primeiro ano do pontificado de Francisco impressiona. Trezentos e sessenta e cinco dias sem que passasse um em que o novo Papa não tivesse sido notícia. Desde a sua aparição na varanda da Basílica de São Pedro, onde pediu para rezarem por ele e com ele, que Francisco entrou nas boas graças de crentes, descrentes e não crentes. Mesmo os fiéis de outras religiões não deixam de manifestar o seu respeito e admiração pelo Pontífice que mudou tudo e não vai deixar pedra sobre pedra intocada.

Um dos medidores de popularidade, para além da afluência à basílica e à Praça de São Pedro que praticamente duplicou, e do óbolo de S. Pedro (as contribuições dos fiéis de todo o mundo para o Papa), que cresceu consideravelmente, é a correspondência que o Papa recebe. Se dúvidas existem podem ser apartadas. Só no primeiro ano de pontificado Francisco recebeu quase metade da correspondência que o Papa Bento XVI recebeu em todo o pontificado. Todo? Os quase oito anos? Exatamente. É impressionante, não é?

Uma grande fatia dessa correspondência foi enviada, como não podia deixar de ser, por crianças. Aqui deixo alguns exemplos:

“Papa Francisco, a minha mãe diz que és como o Batman, só que vestes branco. Queria pedir-te que vestisses preto. O branco fica mal e depois não te levam a sério.” Tom, 10 anos.

“Querido Francisco, a minha avó foi para o Céu. Podes perguntar-lhe se viu a minha bandolete verde? Não a encontro. Muitos beijos para ti e para ela.” Martina, 8 anos.

“O meu pai está no Afeganistão. Podes dizer a Deus para os

maus o deixarem vir a casa no Natal? Tenho muitas saudades dele.”
Stuart, 7 anos.

“E não te esqueças da máscara senão as pessoas sabem que és o Jorge.” Tom, 10 anos.

“Os meus pais gostam muito de ti. Se vieres cá a casa podes provar a carbonara da minha mãe.” Riccardo, 7 anos.

“Gosto do teu carro. Quando for grande vou ter um assim.”
Francesca, 8 anos.

“Papa querido, fala com o Pai Natal. Portei-me bem e o carro que eu queria era o vermelho e não o verde.” Andrea, 6 anos.

11 de Fevereiro de 1929

Papa Pio XI.

Muitos leitores confundem a Igreja Católica Apostólica Romana com o Estado Cidade do Vaticano. Apesar de a ICAR ser regulamentada e administrada a partir do Vaticano, não confundamos as coisas. A ICAR é uma religião. O Estado Cidade do Vaticano é um país.

Atentem na enorme diferença de idades. A Igreja Católica tem quase dois mil anos, enquanto o Vaticano nem um Século tem. A sério? Nem um Século? A sério. O Vaticano, tal como o conhecemos, tem oitenta e cinco anos e foi fundado no dia 11 de Fevereiro de 1929 pelo Papa Pio XI e Benito Mussolini.

A Concordata que criou o país ficou conhecida como Tratado de Latrão e começou a ser negociada em 1926. Do lado do Vaticano o negociador era o advogado Francesco Pacelli, irmão de Eugenio que, em 1939, viria a ser o Papa Pio XII. As negociações duraram novecentos e vinte dias com mais de cem reuniões. O Tratado conheceu vinte e uma versões antes da assinatura dos dois responsáveis. O ponto crucial está na indemnização que o Reino de Itália teve de pagar ao recém-criado Estado Cidade do Vaticano, pela perda de território que culminou na criação do Reino e de uma cidade-estado e no desaparecimento dos Estados Pontifícios. A indemnização foi de noventa e dois milhões de dólares, que, aos números de hoje, equivaleriam a mais de mil milhões, mais uma linha de caminho-de-ferro e outros edifícios fora da muralha leonina.

O dia escolhido pelo Papa Bento XVI para anunciar a resignação não foi inocente. Fê-lo no feriado nacional de 11 de Fevereiro de 2013, no 84.º aniversário da criação do Estado.

A nacionalidade dos papas ao longo da História



Túmulo de João XXI.

A história do Vaticano já conta com duzentos e sessenta e seis papas. Mas de onde eram estes homens? De muitas paragens.

A história trouxe-nos uma maioria de nacionalidade italiana, obviamente, ainda que não seja rigoroso dizê-lo já que a Itália tem apenas cento e cinquenta anos. Mas aquele que é hoje conhecido como território italiano viu mais de duzentos papas nascidos nos seus atuais domínios. Seguindo esta ordem de ideias, Portugal teve dois papas, um antes e outro depois da fundação da nacionalidade. O primeiro pensa-se que era da zona de Guimarães, e dava pelo nome de Dâmaso. O seu pontificado, datado do Século IV, durou dezoito anos. O segundo foi o conhecido Pedro Julião Hispano, natural de Lisboa, que adotou o nome de João XXI. Foi Papa no Século XIII, durante oito meses certos. Morreu devido ao desmoronamento das paredes dos seus aposentos no Palácio Apostólico de Viterbo.

Para além dos mais de duzentos italianos, quarenta e sete dos quais ainda durante o Império Romano, e dos dois portugueses, tivemos dezassete franceses, treze gregos, oito alemães, seis sírios, três africanos, dois espanhóis, dois palestinianos, dois turcos, dois croatas, um inglês, um holandês, um suíço, um polaco e um argentino.

O Domingo de Ramos no Vaticano



Praça de São Pedro, Cidade do Vaticano.

O Vaticano é um centro de rituais e tradições. Esta semana celebra-se o Domingo de Ramos, uma das datas mais importantes do calendário católico. E se vos disser que o Domingo de Ramos no Vaticano está intimamente ligado ao Obelisco de Calígula, aquele que domina a parte central da Praça de São Pedro? Aliás, está ligado à construção da própria basílica, ao Papa Sisto V, a um construtor chamado Domenico Fontana, um capitão da marinha também Domenico, mas de apelido Bresca, e a uma operação altamente sensível.

O Papa Sisto V lançou um concurso para deslocar o obelisco. O projeto era tão megalômano que houve quem sugerisse que era melhor alinhar a Basílica de S. Pedro com o obelisco do que o contrário. Ouvidos não foram dados e Sisto entendeu pegar nessa espinhoso missão. Das quatrocentas propostas que foram a concurso, ganhou a da família de construtores de Domenico Fontana. No dia 30 de Abril de 1586 começaram os trabalhos. A multidão que assistia era imensa. O Papa ordenou silêncio total durante toda a operação, sob pena de morte.

A ideia era erguer o obelisco uns centímetros, afastá-lo da base que o suportava e deitá-lo em cima de um estrado sobre carris que o arrastariam até ao local onde hoje o admiramos. Ao fim de alguns minutos percebeu-se que as cordas não iam aguentar, até que alguém na assistência gritou: *Acqua alle funi!* (Molhem os cabos!) O autor da proeza foi imediatamente detido pela guarda papal para

aguardar a punição devida. Era um capitão da marinha, de nome Domenico Bresca. Habitado a manejar cordas, sabia muito bem o que fazia falta. Assim que as molharam, a operação decorreu sem sobressaltos.

Domenico Bresca foi levado à presença do Papa Sisto V para aguardar o veredicto. Em vez da morte, Domenico, a sua família e a cidade de Bordighera, na Ligúria, de onde era natural, foram agraciados com o privilégio perpétuo de fornecerem os ramos da Basílica de São Pedro no Domingo anterior à Páscoa. É assim há quatrocentos e vinte e oito anos.

Basílica de São Pedro às escuras



Basílica de São Pedro.

Durante o pontificado do Papa João XXIII, os trabalhadores italianos do sector eléctrico entraram em greve. Apesar de o Vaticano ser independente, os geradores do pequeno Estado não tinham capacidade para, sozinhos, iluminarem toda a cidade. O Papa apelou aos trabalhadores que, pelo menos, providenciassem energia suficiente para a Basílica de São Pedro.

A resposta do sindicato não se fez esperar: “O Papa João trouxe-nos luz, por isso, dar-lhe-emos alguma.”

Os nomes pontifícios



Lista de papas, Basílica de São Pedro.

Desde Mercúrio que se tornou hábito que um Papa mude de nome. Não é obrigatório, é apenas um costume. Mercúrio, no longínquo ano de 533, mudou para João II, que se tornou no nome mais popular entre os herdeiros de Pedro. Ignorava este Papa que estava a iniciar uma moda. Só João, como ele, foram vinte e três; a sete papas de distância estão os Bento e os Gregório com dezasseis; catorze Clemente; treze Leão e Inocêncio; doze Pio; nove Bonifácio; oito Alexandre, Urbano e Estevão; seis Paulo e Adriano.

Muitos não viram o seu nome repetido, ou foram-no poucas vezes, como Sisto, Nicolau, Celestino e Martinho, cinco vezes; quatro Eugénio, Honório, Anastácio, Sérgio e Félix; três Júlio, Lúcio, Vítor e Silvestre. Depois temos os Agapito, Melquíade, Telésforo, Eutiquiano, Sirício, Zósimo, Gelásio, Hormisda, Pelágio, Agatão, Cónon, Sisínio, Lando, que os sucessores de Pedro não acharam muita graça prolongar.

Os problemas de estacionamento na Cidade do Vaticano

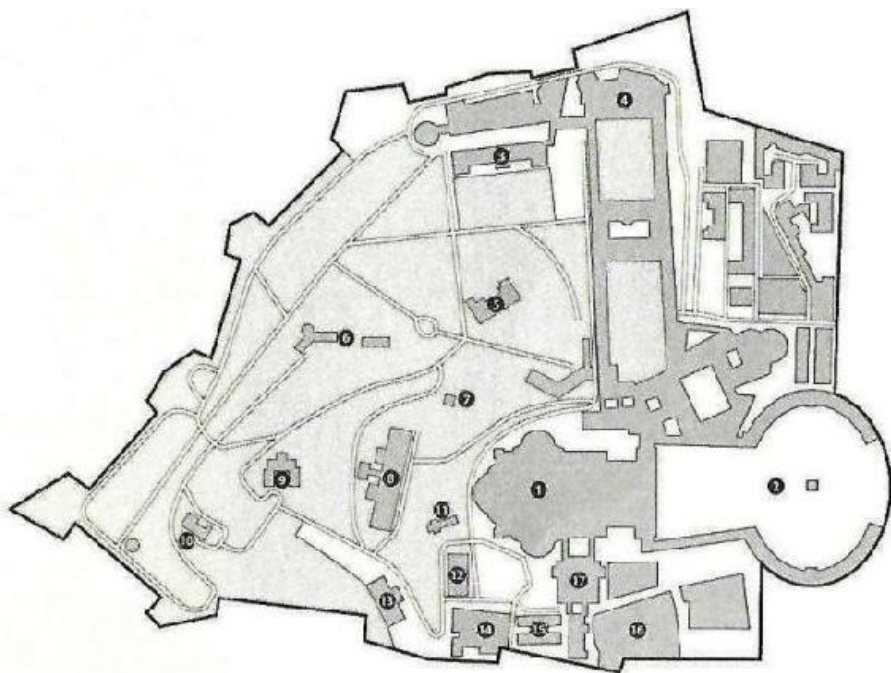


Parque de estacionamento no interior do Vaticano.

O Estado Cidade do Vaticano é o único no mundo que não tem avenidas, nem vielas, nem quelhas, nem becos. Só ruas e pátios. O maior problema neste momento são os lugares de estacionamento. Estava prevista a construção de alguns parques para esse efeito, mas as escavações prévias detectaram vestígios que estão a ser investigados pelos arqueólogos do Departamento de Antiguidades e, em princípio, não permitirão a construção. Para que tenham uma ideia, são necessários cerca de trezentos lugares, para além dos que já existem, e apenas se conseguiram construir cinquenta.

Não parece, porque não se vê, mas o trânsito no Vaticano é infernal. Apesar de ter poucos moradores, há muitas pessoas a trabalhar na Cidade e, à boa maneira italiana, como à portuguesa, todas têm de levar o seu automóvel até ao lugar de destino. Será que Francisco vai conseguir resolver este problema?

Planta do Vaticano



- 1 Basílica de São Pedro
- 2 Praça de São Pedro
- 3 Galeria de Arte
- 4 Museus do Vaticano
- 5 Academia das Ciências
- 6 Administração da Rádio Vaticano
- 7 Monumento a São Pedro
- 8 Edifício da Administração Civil
- 9 Colégio Etíope
- 10 Estação de Rádio
- 11 Igreja de Santo Estêvão
- 12 Palácio da Justiça
- 13 Estação de Caminhos-de-ferro
- 14 Palácio de São Carlos
- 15 Casa de Santa Marta
- 16 Câmara das Audiências
- 17 Sacristia

Luís Miguel Rocha

Curiosidades do Vaticano

AS MULHERES QUE INFLUENCIARAM OS PAPAS
O INTERIOR DO PALÁCIO APOSTÓLICO
O PAPA IMPLACÁVEL QUE TRANSFORMOU ROMA
AS FORÇAS DE SEGURANÇA DO VATICANO
OS PAPAS ASSASSINADOS
A HISTÓRIA DO CONCLAVE

E OUTROS TEMAS QUE APAIXONARAM OS LEITORES DO
AUTOR QUE MOSTROU O QUE ESTÁ PARA LÁ DOS ALTOS MUROS DO
VATICANO.